

PSICANÁLISE E VIRTUALIDADE



SPCRJ

Vol. 32, n. 35, 2023

CADERNOS DE PSICANÁLISE - SPCRJ

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

SPCRJ – Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

CNPJ 42.132.233/0001-98

R. Barão de Ipanema 56 – conj. 801 – Copacabana – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 22050-032 – Tel./Fax (21) 2239-9848 / 2512-2265

secretaria@spcrj.org.br; www.spcrj.org.br

Biblioteca: biblio@spcrj.org

Cadernos de Psicanálise / Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro –
v. 1, n. 1 (1982). – Rio de Janeiro: SPCRJ, 1982 – v. 32, n. 35, 2023

Anual

O título não foi editado em formato impresso em: 1989, 1993, 1997, 2016, 2017,
2018, 2019, 2020, 2021, 2022.

ISSN: 0103-4251 (Impresso)

ISSN: 2526-5733 (Online)

1. Psicanálise – Periódicos. I. Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro.
CDU 159.964.2 (05)

Revisão técnica: Bibliotecária Ediléia C. Félix – CRB7.6433

Revisão de texto: Marta D. Claudino

Periódico indexado nas bases de dados:

Diadorim – (www.diadorim.ibict.br)

Avaliação CAPES – (triênio 2017-2020): Qualis B1 – Psicologia

NOTA DA COMISSÃO EDITORIAL: A SPCRJ reconhece a importância de manter sua revista indexada nas bases de dados, bem como a necessidade de divulgação ampla do conhecimento. No entanto, é sua filosofia editorial preservar, promover e manter o diálogo analítico para um vivo exercício da psicanálise. Assim, a matéria publicada somente será disponibilizada em mídia eletrônica, no todo ou em parte, quando não comprometer o material clínico – matéria-prima da construção teórico-técnica da psicanálise – e mediante autorização expressa específica dos autores dos artigos publicados.



Cadernos de Psicanálise – SPCRJ
Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro

Psicanálise e Virtualidade:

limites e possibilidades

v.32, n. 35, 2023



ISSN 0103-4251

Cadernos de Psicanálise SPCRJ	Rio de Janeiro	v.32	n. 35	2023	p. 1-176	2023
-------------------------------	----------------	------	-------	------	----------	------

Comissão Editorial

Silvia Fernandes
Johanna Gondar Hildenbrand
Marilucia Carneiro Rodrigues
Regina Helena Landim

Editora Responsável

Silvia Fernandes

Conselho Consultivo

Silvia Fernandes,
Johanna Gondar Hildenbrand
Marilucia Carneiro Rodrigues
Regina Helena Landim

Conselho Diretor – 2023-2024

Presidente:

Alexandre Abranches Jordão

Vice-Presidente:

Gilda Sobral Pinto

Secretária Administrativa:

Fernanda Ripper Santos Rachel

Secretária de Finanças:

Amélia Cerqueira Lopes Reis

Secretária de Divulgação:

Cristina Vaccari Manghi de Carvalho

Diretora Técnica:

Regina Helena Landim

Vice-Diretora Técnica:

Marilucia Carneiro Rodrigues

Coordenadora da Comissão Científica e de Ensino (CCE):

Paulo César Nogueira Junqueira

Coordenadora da Comissão de Admissão e Acompanhamento (CAA):

Marcia Cristina de Oliveira Wanderley

Coordenadora da Comissão de Publicação e Biblioteca (CPB):

Silvia Fernandes

Coordenadora da Comissão Ética:

Elizabeth Gallo Kingston

Diretora Clínica:

Maria Lucia Gomes Fradinho

Vice-Diretora Clínica:

Katia Geluda

SUMÁRIO

Editorial, 15

Tema em Debate – Ato Inaugural

**Impasses éticos e teóricos da psicanálise na hodiernidade:
novos (des)contornos da virtualidade, 21**

Marcelo Henrique da Costa

**Psicanálise e virtualidades em Clarice Lispector – espanto,
corpo e futuro, 37**

Silvia Fernandes

**O virtual, a cultura e a realidade – Vieses possíveis à luz da
psicanálise, 49**

Cecília Freire Martins

Artigos

**O que nos ensinaram os atendimentos on-line durante a
pandemia?, 67**

Regina Landim

Reflexões sobre psicanálise, tecnologia e comunicação, 81

Johanna Gondar Hildenbrand

Reflexões sobre a psicanálise e seu mundo virtual, 89

Ana Elizabeth Botelho

Desafios e possibilidades da virtualidade na psicanálise, 97

Carolina Vidal e Pérolla Sauwen

Atenção roubada e realidade sem corpos: uma reflexão sobre o sofrimento atual no mundo virtual, 101

Rodrigo Ventura

Atemporalidades em “Anjos tronchos”: breve ensaio sobre inconsciente e virtualidade, 117

Sílvia Fernandes

Entrevista

A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro, 129

Julieta Jerusalinsky

Colcha de retalhos

Notas sobre a experiência de análise on-line (em linha), 143

Amanda Lima

A presença, 144

Beth Leiderman

Inexorável mundo novo, 145

Carolina Matheus

Enquadres, 147

Cristina Vaccari

Considerações atemporais, 149

Elizabeth Hermanson

O “indizível” por trás do “invisível”, 151

Eliane Campos

A psicanálise é virtual por natureza, 153

Gilda Sobral Pinto

O celular, a tatuagem, o pet e a fechadura eletrônica, 155

Helena Perli

Quando “longe é um lugar que não existe”, 157

Heloisa Peixoto

**Psicanálise e virtualidade: limites e possibilidades –
Um breve comentário sobre atendimentos remotos, 159**

Marilucia Rodrigues

Resenhas

No Brasil, a atualidade da Psicanálise, 163

Alexandre Abranches Jordão

**Segredos que adoecem: um estudo psicanalítico sobre
o críptico adoecimento somático na dimensão
transgeracional, 167**

Carolina de Oliveira Silva Chatack

Normas para envio de artigo, 171

SUMMARY

Editorial, 15

Topic under Debate – Opening Act

Ethical and theoretical impasses of Psychoanalysis in our times: new (un)contours of virtuality, 21

Marcelo Henrique da Costa

Psychoanalysis and virtualities in Clarice Lispector – astonishment, body and future, 37

Silvia Fernandes

The virtual, culture and reality, 49

Cecília Freire Martins

Articles

What did on-line calls teach us during the pandemic?, 67

Regina Landim

Reflections on psychoanalysis, technology and communication, 81

Johanna Gondar Hildenbrand

Reflections on psychoanalysis and its virtual world, 89

Ana Elizabeth Botelho

Challenges and possibilities of virtuality in psychoanalysis, 97

Carolina Vidal and Pérolla Sauwen

Stolen attention and reality without bodies: a reflection on current suffering in the virtual world, 101

Rodrigo Ventura

Timelessness in “Anjos tronchos”: a brief essay on the unconscious and virtuality, 117

Sílvia Fernandes

Interview

The algorithmic overdetermination of the contemporary subject, the society of post-truth and virtuality as a fourth register, 129

Julieta Jerusalinsky

Patchwork

Notes on the online analysis experience – in line, 143

Amanda Lima

The presence, 144

Beth Leiderman

Inexorable new world, 145

Carolina Matheus

Frames, 147

Cristina Vaccari

Timeless considerations, 149

Elizabeth Hermanson

The “unspeakable” behind the “invisible”, 151

Eliane Campos

Psychoanalysis is virtual, 153

Gilda Sobral Pinto

The cell phone, the tattoo, the pet and the electronic lock, 155

Helena Perli

When “far away is a place that doesn’t exist”, 157

Heloisa Peixoto

Psychoanalysis and virtuality: limits and possibilities: a brief commentary about remote calls, 159

Marilucia Rodrigues

Reviews**In Brazil, the current situation of Psychoanalysis, 163**

Alexandre Abranches Jordão

Secrets that make you sick, 167

Carolina de Oliveira Silva Chatack

Rules for submission the articles, 171

EDITORIAL

EDITORIAL

Vol. 32, n. 35, 2023

“Para onde foram os humanos? Para a frente das telas, é claro”.¹

A retomada da versão impressa dos *Cadernos de Psicanálise* da SPCRJ, justamente com o tema *Psicanálise e Virtualidade – limites e possibilidades*, não deixa de ser uma ironia ou um modo criativo de afirmar a imbricação entre as quase instâncias: virtual e não virtual. Trata-se do reconhecimento e da afirmação da existência de formas distintas de experienciar a realidade, nesse caso, inscrita nas reflexões produzidas pelos autores cujos textos integram este volume. Com isso, afirmamos que há um texto que se lê rolando a tela, e um outro que exige mais do que a ponta do dedo indicador para virar as páginas.

Em março de 2023, a SPCRJ inovou, convidando alguns de seus Membros Associados para a composição da mesa de abertura do semestre. Em lugar da tradicional Aula Inaugural, deu-se o Ato Inaugural com textos de Marcelo Henrique da Costa, Sílvia Fernandes e Cecília Freire Martins. Optamos por trazê-los, neste volume, no mesmo formato usado na apresentação; isto é, em Atos, que traduzem uma trama reflexiva entre os três colegas sobre o tema do ano. As análises trazidas em Ato flertam com a filosofia, a literatura e a metapsicologia com provocações agudas à psicanálise. Desse modo, os textos *Impasses éticos e teóricos da Psicanálise na ho-*

¹ POWERS, W. *O Black Berry de Hamlet – Filosofia prática para viver bem na era digital*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012, p. 58.

diernidade: novos (des)contornos da virtualidade, de Marcelo Henrique da Costa, *Psicanálise e virtualidades em Clarice Lispector – espanto, corpo e futuro*, de Sílvia Fernandes e *O virtual, a cultura e a realidade*, de Cecília Freire Martins abrem a seção *Tema em debate* nesta edição.

Na sequência, Regina Landim toma como objeto de reflexão os atendimentos on-line durante a pandemia, ainda que, para abordá-los, tenha de remeter-se ao contexto mais amplo das análises realizadas em formatos presenciais. A pergunta que orienta a reflexão da autora no artigo *O que nos ensinaram os atendimentos on-line durante a pandemia?* é: o que os atendimentos on-line revelariam sobre os atendimentos psicanalíticos? A partir de uma fina apropriação de Freud e Lacan, dentre outros autores mencionados, a autora discorre de modo instigante sobre a dimensão do ritual à chegada ao consultório; as mudanças que viu acontecer em sua própria clínica e os critérios que estabeleceu para adotar o formato de chamadas em vídeo ou em áudio. O desamparo e a angústia são analisados em contexto clínico com implicações cotidianas.

O argumento central de Johanna Gondar Hildenbrand em *Reflexões sobre psicanálise, tecnologia e comunicação* é que diferentes técnicas de comunicação produzem novos modos de representação. Inspirada em uma reflexão de Jacques Derrida sobre as formas de comunicação entre Freud e Fliess, a autora traz sua própria experiência clínica que tem início na pandemia, mostrando as diferenças notadas no comportamento de analisandos quando em sessões presenciais ou remotas. O *setting* analítico passa por transformações que implicam a forma de comunicação do analisando e a escuta do analista, defende a autora, a considerar os modos on-line ou presencial.

Perguntando-se sobre aonde estaria o espaço psíquico na era digital, em *Reflexões sobre a psicanálise e o mundo virtual*, Ana Elizabeth Botelho recorre principalmente às análises do filósofo Byung-Chul Han para pensar algumas aproximações entre a estética do liso de nossa época e as dificuldades de representação dos sujeitos que comparecem à clínica. A autora sustenta que a falta de marcas que atravessam também os corpos na contemporaneidade acabam por suprimir a codificação necessária nos processos de análise.

Em *Desafios e possibilidades da virtualidade na psicanálise*, as autoras Carolina Vidal e Pérolla Sauwen refletem sobre as transformações do sujeito em tempos virtuais. São destacadas algumas vantagens do atendimento on-line, mas Vidal e Sauwen evitam uma condução argumentativa que defenda esta modalidade. Interessadas na abordagem ferencziana argumentam haver mudanças nos modos de subjetivação dos sujeitos na era virtual.

O texto de Rodrigo Ventura, intitulado: *Atenção roubada e realidade sem corpos: uma reflexão sobre o sofrimento atual no mundo virtual*, convoca a atenção do leitor para a “atenção roubada” na era da virtualidade. O termo é inspirado no trabalho de Simone Weil e tem como argumento principal a ideia de que o excesso de informações produz o déficit de atenção, com consequências dramáticas para o sujeito. O autor entende a atenção como um modo de mediação com o mundo e traz uma perspectiva crítica sobre as novas tecnologias, cujos algoritmos são também comparados a uma espécie de “hacker da alma”. Rodrigo Ventura aponta algumas sugestões para que a atenção roubada possa ser resgatada atualmente.

Fechando a seção *Tema em debate*, Sílvia Fernandes traz objetos culturais para pensar aproximações possíveis entre virtualidade e inconsciente. Em *Atemporalidades em “Anjos tronchos”: breve ensaio sobre inconsciente e virtualidade*, a autora analisa o videoclipe e a letra da canção *Anjos tronchos*, de autoria de Caetano Veloso, recorrendo a conceitos freudianos tais como deslocamento, pulsão e a atemporalidade do inconsciente para pensar as “subjetividades desalojadas” dos tempos atuais e da realidade psíquica, cuja desterritorialidade é dado constitutivo quando associada à dimensão topológica do aparelho psíquico.

Julietta Jerusalinsky é a entrevistada desta edição e nos brinda com uma reflexão provocativa acerca da relação entre psicanálise e virtualidade com várias lentes analíticas construídas a partir das perguntas elaboradas pela comissão editorial. A entrevistada possui uma longa trajetória de estudos sobre as relações entre infância, adolescência e realidade virtual, e sua entrevista traz singular contribuição a este volume.

A seção *Colcha de retalhos* reúne textos breves aos quais denominamos “retalhos”. Eles foram tecidos majoritariamente por autores da SPCRJ, que discorreram sobre o tema desta edição. De forma breve, em formatos diversos, a seção é composta por nove “retalhos” nos quais o pensamento dos autores flui livremente, sem necessárias referências bibliográficas ou alusão a teorias. A seção é resultado de um convite à associação livre e à composição de um mosaico reflexivo que retratou a criatividade de nossos colegas na elaboração sobre a clínica contemporânea.

Encerrando o volume, trazemos a resenha de dois livros:

1. REIS, E. S.; GONDAR, J. *Com Ferenczi: o coletivo na clínica – racismo, fragmentações, trânsitos*, apresentado por Alexandre Jordão.
2. AZEVEDO, M. *Segredos que adoecem – um estudo psicanalítico sobre o críptico adoecimento somático na transição geracional*, apresentado por Carolina Chatack.

Desejamos uma excelente leitura a todos!

Comissão Editorial

TEMA EM DEBATE – ATO INAUGURAL

IMPASSES ÉTICOS E TEÓRICOS DA PSICANÁLISE NA HODIERNIDADE: NOVOS (DES)CONTORNOS DA VIRTUALIDADE²

MARCELO HENRIQUE DA COSTA³

Primeiro ato

Estamos aqui reunidos para dar início a mais um ano de atividades da SPCRJ. Como determina a tradição da nossa Sociedade, principia-se este novo momento com uma aula inaugural, na qual um experiente psicanalista, preferencialmente marcado por forte densidade teórica, tece ideias sobre o tema do ano, sempre escolhido no fim do período anterior. Assim tem sido, até hoje. Numa ousada transgressão, a CCE representando o Conselho Diretor, convidou três Membros Associados, todos ainda no curso do seu trajeto na formação na SPCRJ, para inaugurarem o inquietante ano de 2023, comentando o tema da vez: “Psicanálise e virtualidade: limites e possibilidades”. Por quê?

Como especialistas em detalhes, como todos aqui somos, um primeiro elemento salta aos olhos. Não nos propomos a dar uma aula aqui. Vejam que ao invés da tradicional “Aula inaugural”, vo-

² Este texto é uma adaptação da apresentação oral realizada pelo autor no Ato Inaugural da SPCRJ em 11 de março de 2023. Na ocasião, em companhia de Cecília Freire Martins e Sílvia Fernandes, dividimos as falas em diversos “atos” intercalados, entrelaçados.

³ Psicólogo, Professor, Doutor em Psicologia Social (Uerj) e Membro Associado da SPCRJ.

cês foram convidados para um “Ato inaugural”. É irrecusável e inevitável pensar na palavra ATO.

No dicionário lemos como “a faculdade de agir e seu resultado, sair da inércia”, nas artes, atuar é desempenhar um papel associado a uma narrativa, como acontece no teatro. Na política, a palavra ato está associada à liberdade de agir e expressar ideias coletivamente, de realizar manifestações públicas. Na psicanálise, o conceito ato é também caro e importante, com muitos usos possíveis. Para Roland Chemama (1995), organizador do *Dicionário de Psicanálise*, “ato psicanalítico é a intervenção do analista no tratamento, enquanto ela constitui o enquadramento do trabalho psíquico e possui um efeito de travessia” (p. 18-19). Se evidentemente não cabe ao analista dirigir seu paciente, deve este dirigir o tratamento. Ferenczi (2011), por exemplo, nos apresenta a ideia de sua conhecida “técnica ativa”, polêmica e potente.

Este ato que realizamos agora tem a pretensão de flertar com a polissemia do conceito. E assim como os nossos pacientes que pensam enquanto falam e porque falam, queremos apresentar algumas ideias que dialogam com o tema do ano, convictos de incertezas.

Associando a ideia de ato a um ato que é sempre simbólico, compreendemos que nós três não estamos aqui como portadores de sólidos e insólitos conceitos ou trajetórias laureadas. Afetuosamente, rejeitamos o posto de alunos destacados ou “pratas da casa”, futuro da Sociedade. Pensando bem, talvez estejamos aqui representando a esperança. Acreditamos, como foi dito, nessa ideia de representação de algo muito maior. Em primeiro de janeiro deste ano, oito brasileiros comuns subiram a rampa do Palácio do Planalto, numa cena inédita, para passar a faixa presidencial ao novo presidente da República. Quem eram? O que tinham em comum? Um professor, um cacique, um menino corintiano, um metalúrgico, um artesão, um homem com paralisia cerebral, uma catadora, uma cozinheira... unidos pela diferença e pela diversidade. Essa é a imagem que construímos, enquanto subimos com o coração apertado, aflitos e entusiasmados a rampa na SPCRJ, desejando representar a diferença e a diversidade.

Aliás, não poderíamos deixar de pontuar que este ato é um paradoxo de irreverência e de reverência. Se quebramos irreveren-

temente protocolos, por outro lado, não podemos esquecer que a coragem sempre acompanhou esta Sociedade, marcada por respeito à tradição do legado freudiano. Esta cinquentona enxuta ousou muitas vezes na sua história. Aberta ao diálogo, nossas Jornadas se caracterizam por sempre compor mesas com a presença de convidados não psicanalistas, porque precisamos ouvir ideias de fora da psicanálise, somos uma Sociedade sem chefes nem certezas. Mais ainda: estamos em uma Sociedade que aceita entre seus membros não apenas médicos e psicólogos, mas sociólogos, antropólogos, músicos, engenheiros, historiadores, cineastas, pedagogos e tanta gente boa mais. Ao ser indagado por interlocutores desavisados, que me perguntam sobre o referencial teórico da Sociedade onde realizo minha formação, eu respondo: é uma formação freudiana. Noto que esta resposta incomoda meu ouvinte que me interpela: “claro, lógico. Mas vocês são Lacanianos? Winnicottianos? Ferenczianos?”. Digo: “somos todos esses e muitos mais”, como disse Manoel de Barros, “meu quintal é maior que o mundo”. Por isso, fazemos esta pequena digressão para oferecer tributo aos pioneiros, os que lutam e lutaram para que esta Sociedade esteja de pé, renovada, saneada e sarada. Aos que se encontram aqui e aos que partiram. Aproveitamos para revelar, certamente representando muitos aqui presentes, o ressentimento de ter convivido tão menos do que gostaríamos e precisaríamos com Nágile⁴, que em seu nome homenageamos as muitas gerações que nos inspiram a seguir sempre.

Mas afinal, quais caminhos percorreremos hoje para tentar dar conta deste instigante tema? Começamos problematizando o conceito *Virtual*, muitas vezes exclusivamente associado à tecnologia atual e que ganhou uma certa urgência na pandemia que vivemos recentemente, obrigando-nos a repensar o funcionamento do nosso *setting*.

Certamente a relação com o virtual, para além de smartphones, algoritmos decisórios, fibras óticas, metaverso e ChatGPT, tem uma densa e histórica relação com a psicanálise. Derivado do latim *virtus*, tem relação com as ideias de força, virtude e potência. Algo suscetível de realizar-se. Deveríamos falar em atendimento virtual em opo-

⁴ Nágile Farah, Psicanalista, membro da SPCRJ.

sição a atendimento presencial? Ou devemos pensar a virtualidade intrínseca ao dispositivo psicanalítico, tal como pensado por Freud, em brilhante provocação de Luís Claudio Figueiredo? Não são os móveis nem as paredes que produzem a análise, mas o enquadre interior do analista e na sua própria transferência com a psicanálise, em um convite dirigido ao paciente. Pelo contrário, diferente do que imagina o senso comum, talvez devamos nos questionar se esses tempos de atendimento remoto têm permitido sustentar a necessária virtualidade nas nossas clínicas (FIGUEIREDO, 2021).

O tema que propõe buscar limites e possibilidades entre a psicanálise e o virtual pode ser abordado de inúmeras maneiras. Ficaria melhor como tema da década do que do ano, pelo impossível desafio de abordá-lo na sua plenitude.

Por isso fazemos escolhas. Pensamos em trazer algumas ideias e apontamentos sobre o impacto da realidade virtual na atualidade, mesmo assim, o leque não para de se abrir: o virtual e o corpo? O virtual e a clínica? Os impactos das redes sociais? As novas configurações do mal-estar na hodiernidade?

Encerro esta primeira parte com uma constatação do mestre Joel Birman (2012): a psicanálise, na atualidade, é um saber em crise. Quais seriam os contornos dessa crise? O que significa estar em crise? Quais oportunidades essa tal crise poderia trazer para a psicanálise? Quais seriam alguns dos desafios teóricos, metodológicos e éticos que a psicanálise talvez tivesse que enfrentar?

Segundo ato

Pensando os desafios e limites como nosso “tema do ano” propõe, e a tal crise da psicanálise nos tempos atuais, conforme apresentei na minha primeira fala, talvez seja necessário agora percorrer alguns elementos e pistas sobre as metamorfoses sociais e seus impactos nos sujeitos contemporâneos, e vice-versa, claro. Falamos aqui agora sobre o virtual tomando sua faceta mais óbvia: a enorme transformação nas formas de se comunicar, comprar, amar e se divertir. Em 1998, a exatos 25 anos, quando o Google foi lançado, eram feitas 500 mil pesquisas por dia no mundo. Hoje, são 4 milhões de pesquisas POR MINUTO. Não há como não remeter ao instigan-

te artigo da antropóloga Paula Sibilia, provocativamente intitulado “Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre o controle e o espetáculo”. Adolescentes americanos entrevistados em pesquisa da Universidade da Califórnia nem entendem o conceito de assistir televisão no horário determinado por outra pessoa. Há uma transformação radical em relação à elaboração de espaço e tempo. Com a perspectiva da expansão da infraestrutura e da queda do preço nas comunicações, não é uma previsão, mas uma observação, dizer que as comunidades on-line estão se desenvolvendo rapidamente não como um mundo virtual, mas como uma virtualidade real integrada a outras formas de interação em uma vida cotidiana cada vez mais híbrida, como disse Manuel Castells (2012).

Em nossos consultórios, os encontros e desencontros entre a virtualidade e a vida em carne e osso, se me permitem, estão entrelaçados. Não só boa parte da vida de nossos pacientes acontece virtualmente, como as nossas também, e por causa da pandemia, até inclusive o tratamento. O CFP, em uma estimativa inicial, aponta que mesmo depois da pandemia arrefecida acontecem mais atendimentos clínicos on-line do que presenciais. Mais da metade dos psicólogos que se dedica à psicoterapia hoje faz do seu smartphone o seu consultório, onde – curiosamente – o esplendoroso corpo é recortado.

Rapidamente temos de entender novos termos e aspectos que vão muito além da técnica. Ou pelo menos parecem ter-se transformado radicalmente, ao mesmo tempo em que reciclam antigos sintomas.

Apelo ao *jovem* Freud (FREUD, 1898/2020), ainda no final do século XIX, quando este situa a neurose de angústia como uma neurose atual, tendo como causa uma disfunção libidinal na qual o sujeito não conseguiria inscrever essa excitabilidade. Esse processo ocorreria em uma direção oposta às neuroses de transferência, nas quais essa inscrição ocorreria e o registro da representação fundaria os sintomas. Não tendo essa possibilidade, tal excitabilidade seria descarregada diretamente sobre o corpo. Como as demais neuroses atuais, pensava Freud nos primórdios da psicanálise, esta não seria suscetível a ser psicanalisada, pois não produziria vínculos, laços, simbólicos que tornariam possível a interpretação (BIRMAN, 2012).

Nos dias atuais, sintomaticamente, a neurose de angústia renovou-se e ganhou um outro nome de uma das mais populares

queixas contemporâneas: a síndrome do pânico. Modalidade destacada do mal-estar na hodiernidade, nosso paciente se queixa de uma profunda angústia, muitas vezes com sentimentos de morte iminente, taquicardia, dispneia e sudorese (BIRMAN, 2012).

Este elemento apresentado aqui parece apontar para a pregnância assumida hoje pelo registro do corpo. Não é à toa que as terapias colocam o discurso de lado na relação terapeuta-paciente em prol da eficácia que incidiria diretamente no corpo. De medicamentos psicotrópicos a massagens tântricas. Por que fazer esse (quicá longo) e muitas vezes dolorido processo simbólico de elaboração se a solução instantânea parece estar na palma da mão ou na ponta dos dedos? (BIRMAN, 2012).

Existiria relação entre a virtualização da existência e esse talvez empobrecimento dos processos de simbolização? Por que uma neurose tida como *impsicanalisável*, segundo o jovem Freud, é hoje uma queixa tão constante? O que isto tudo tem a ver com o sujeito contemporâneo e por que as terapêuticas que se propõem a incidir diretamente sobre o corpo estão tão na moda?

O sujeito é desamparado por vocação, e não por um acidente histórico-evolutivo, nos lembra Joel Birman (2011).

Para o filósofo sul-coreano Byung-Chul-Han, a antiga sociedade moderna, caracterizada como disciplinar por Foucault (1998), cedeu lugar, na dita pós-modernidade, para a sociedade do desempenho. Na sociedade do desempenho, no lugar da ordem, da proibição, do mandamento, inaugura-se a motivação, a iniciativa, o projeto. Se na Modernidade imperava uma lógica da negatividade, em que o imperativo se dava no sentido de “*não-ter-o-direito*”, na hodiernidade o paradigma que se instaura é o da positividade, em que o verbo modal é o *poder* (HAN, 2017a).

Han afirma que na sociedade disciplinar geravam-se indivíduos loucos e delinquentes, indivíduos obedientes que circulavam dentro e a serviço das instituições totais, sendo constantemente vigiados através do modelo do panóptico, que por sua vez extrapolava os muros das instituições e estendia seu modelo disciplinar para dentro das casas. Na sociedade do desempenho, em contrapartida, seriam produzidos indivíduos depressivos e fracassados que, por sua vez, seriam ofertados ao olhar do outro, no qual a vigilância e o controle ocorreriam pela lógica do pós-panóptico.

Han (2017b) nos dá pistas nesse sentido quando afirma que a sociedade contemporânea vive em uma violência da positividade que resulta do *superdesempenho*, da *superprodução* e da *supercomunicação*. Esses superlativos expostos por Han parecem se comunicar e se relacionar às fontes citadas por Freud.

Para garantir o olhar do Outro, faz-se necessário estar sempre em cena, transformando as trivialidades da vida cotidiana em pequenos “curtas” a serem expostos para os pares telespectadores. O ditame do espetáculo gerido na sociedade escópica transforma a vida ordinária em filme para o deleite do espectador. Jean Baudrillard (2001) comenta que essa espetacularização da banalidade do cotidiano se referencia a um desejo de não ser nada e ser olhado como tal, demonstrando que o que está em cartaz na atualidade é o espetáculo obsceno da banalidade. “Não existem mais dúvidas sobre as mudanças nas formas de mal-estar na contemporaneidade, em contraste com o que nos descrevia de maneira cortante o discurso freudiano” (BIRMAN, 2011, p. 63).

Nessa direção, esse autor assevera que “o corpo é o registro antropológico mais eminente no qual se anuncia na atualidade o mal-estar” (*Ibid.*, p. 69). Seguindo a toada que diversos autores estudiosos da hodiernidade (SIBILIA, 2011; PELBART, 2016; ORTEGA, 2009; HAN, 2017a, 2017b, 2017c), Pelbart (2016) é direto e certo: “hoje, o *eu* é o corpo” (p. 27).

Deleuze (2013), no seu icônico texto “*Post-scriptum* sobre as sociedades de controle”, escrito em 1990 e publicado em “*Conversações*”, aponta o esgotamento (segundo ele a partir do pós-Segunda Grande Guerra) dos principais pilares da sociedade disciplinar – tal como apresentada por Foucault (1998) –, para falar da substituição das estratégias de docilização dos corpos, para se referir a algo novo, uma *sociedade de controle*, que prescindia de espaços fechados para a vigilância e produzia “sujeitos endividados”.

Perseguindo pistas e indícios para buscar entender elementos do corpo na contemporaneidade e o que o atravessa, o afeta, lhe produz desejo, sentido, pensando-o agora à luz do que foi dito, como esse impacto da cultura no corpo vem sendo elaborado pelo sujeito no presente? Que efeitos esse desenfreado processo – de consumo, de controle, de espetacularização cada vez mais virtualizada – produziu subjetivamente nas identidades contemporâneas?

A subjetividade foi reduzida ao corpo, à sua aparência, à sua imagem, à sua performance, à sua saúde, à sua longevidade. O predomínio da dimensão corporal na constituição identitária permite falar em uma “bioidentidade”. (PELBART, 2016, p. 27)

Em tempos de cultura somática, portanto, parece haver uma produção de subjetividades que concorre para a construção de uma bioidentidade, uma singularidade marcada no corpo, tendo este como o centro de sua constituição, e não como no passado nem tão remoto, uma identidade que se ancorava centralmente em aspectos psíquicos. Em torno disto, desenvolve-se uma bioascese, um cuidado de si também relacionado centralmente ao corpo (ORTEGA, 2019).

Quais seriam os efeitos do deslocamento subjetivo que a cultura somática, em oposição à cultura psicológica de antes, vem produzindo nos sujeitos de hoje em dia?

Terceiro ato

Neste terceiro e último ato, pretendo comentar sobre alguns desafios ético- políticos da psicanálise nos tempos atuais. No momento em que experienciamos profundas metamorfoses do social, com a supercomunicação virtualizada alterando as experiências do viver, quais seriam os novos dilemas que estão a nos desafiar?

Retomando a bela e eloquente análise de Foucault sobre a transição entre as lógicas das sociedades de soberania, ainda no período medieval e da nascente disciplina, Agamben apresenta um inusitado postulado no qual defende que se o regime de soberania consistia em *fazer morrer e deixar viver* e o biopoder disciplinar, instalado pós-Revolução Francesa, instaura o *fazer viver e deixar morrer*, o biopoder contemporâneo já não se incumbe de fazer viver nem de fazer morrer exatamente, mas de *fazer sobreviver* aqueles que não forem descartáveis. Ele cria sobreviventes de diversos tipos⁵.

Giorgio Agamben (2018), em seu instigante *O que resta de Aus-*

.....
⁵ Por exemplo, esse corpo, especialmente aqueles corpos que não se quer deixar morrer, também sobrevivem, vegetam indefinidamente presos às fáusticas máquinas das salas de terapia intensiva de hospitais, uma forma de “mortificação sobrevivencialista”.

chwitz resgata uma imagem da época: o cadáver ambulante, aquele prisioneiro que já havia desistido. Como nos narra Peter Pelbart (2016), ao se referir à ideia apresentada pelo autor italiano, “trata-se de um ser bestificado e sem vontade, tinha olhar opaco, a expressão indiferente, a pele cinza pálida, fina e dura como papel, começando a descascar, a respiração lenta, a fala muito baixa”. Os “muçulmanos”, como eram chamados todos os que assim se encontravam no campo de concentração eram mortos-vivos. Indiferentes demais a tudo que os rodeava, exaustos demais para compreender aquilo que os esperava em breve, ou seja, a morte. Agamben nos explica que apesar da grande maioria dos tais “muçulmanos” do campo de concentração serem na verdade judeus, esse apelido preconceituoso se referia a um suposto fatalismo que existiria na perspectiva islâmica, entregando sua vida ao destino.

Assim parecemos estar, nem mortos (por enquanto) nem inteiramente vivos. Mesmo aqueles que aparentemente não sucumbiram à asfixia generalizada, ou até mesmo aqueles que promovem a asfixia, são também sobreviventes, assim como Agamben nos conta sobre o quão mortos-vivos eram os guardas do campo de concentração, assemelhando-se aos esqueléticos prisioneiros que lá viviam.

Pelbart (2016), em diálogo com Agamben, apresenta a noção de “postura do sobrevivencialista” propondo uma reflexão acerca do que significa estar vivo, numa vida... em que se objetiva tudo, menos viver. Existir no mundo envolve contato, com o outro, com a dor, com a falta, com o tempo, com o tédio, com a morte. No entanto, não aguentamos mais...

O que o sujeito contemporâneo não aguenta mais?

Ele não aguenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro, por exemplo, o adestramento civilizatório que por milênios abateu-se sobre ele. Mas também a docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas, nas fábricas, nas escolas, no exército, nas prisões, nos hospitais, pela máquina panóptica... deveríamos acrescentar: o que o corpo não aguenta mais é a mutilação biopolítica, a intervenção biotecnológica, a modulação estética, a digitalização bioinformática, o entorpecimento. Em suma, e num sentido mais amplo, o que o corpo não aguenta mais é a mortificação *sobrevivencialista*. (PELBART, 2016, p. 31)

O sujeito exausto é produtor e produto da sociedade do cansaço, conceito trazido pelo filósofo coreano Han. A sociedade assentada na lógica do desempenho tem como principal resíduo o esgotamento. “O excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma”, alerta Han, (2017b, p. 71). Compelido a ser um empreendedor de si mesmo, o desempenho e a performance se tornam ferramentas de “metas pessoais” em uma sociedade que – diferente daquela anterior, baseada no dever – aclama a ideia do “poder poder”.

Mas esse cansaço pode ser de dois tipos: o primeiro, superaquecido pela aceleração do desempenho é um cansaço solitário que atua isolando. Um cansaço de não poder mais em uma sociedade do “poder”. Um cansaço calado. Porém, há aquele outro cansaço, que ao contrário, é um cansaço “falante”, um “mais do menos eu”, tentando, ao abrir-se para o mundo, restabelecer a dualidade que se havia perdido. Esse “cansaço fundamental” teria potência para produzir um não fazer consciente, e desenvolver uma capacidade especial, que o afasta daquele estado de esgotamento pelo outro cansaço (HAN, 2017b).

É justamente em tempos de crise da palavra e do pensamento e da inflação de imagens, vivendo em uma conectividade perpétua, que novos campos de batalha surgem, novos espaços de disputa de ideias, com toda a virtualidade digital como novo terreno a desbravar.

Ou como diriam Pelbart, Agamben e Deleuze, que é de uma certa impotência que se extrai uma potência superior, da “vida nua” faz-se uma vida. “E como ter a força de estar à altura de sua fraqueza, ao invés de permanecer na fraqueza de cultivar apenas a força?” (PELBART, 2016, p. 32).

Uma vida, tal como Deleuze a concebe, é a vida como virtualidade, diferença, invenção de formas, potência impessoal, beatitude. Vida nua, contrariamente, do modo como Agamben teorizou, é a vida reduzida ao seu estado de mera atualidade, indiferença, de disformidade, impotência, banalidade biológica – para não falar na vida besta. (PELBART, 2016, p. 35)

Daniel Kupermann, em recente entrevista, lembra-nos sobre o triste episódio de Amílcar Lobo, ainda nos anos 1970/80. Amílcar

Lobo era médico, em formação e eminente figura do Doi-Codi, no Rio de Janeiro, com ativa participação naquela azeitada máquina de tortura. Seu codinome no Doi-Codi era Dr. Carneiro. Vejam que trocadilho perverso: Lobo em pele de Carneiro. Após denúncia destemida de Helena Besserman Vianna, com apoio de Eduardo Mascarenhas e Hélio Pellegrino, uma investigação interna foi realizada e a acusação desmentida, culminando com o afastamento destes de uma importante Sociedade da época. O presidente daquela Sociedade justificou, tempos depois, ao ser tornada pública a faceta de torturador do seu analisando didata, como sendo fruto de “aspectos sadomasoquistas referentes às suas relações parentais”, e mais adiante disse ainda que o “meu partido é a psicanálise”. Muito diferente, ainda bem, da corajosa posição dos psicanalistas pela democracia. Sinto orgulho de fazer parte de uma Sociedade que não tem se calado diante de cenários inquietantes. Como nos diz Kupermann, os tempos atuais nos obrigam a transmutar o princípio da neutralidade e o princípio da abstinência no manejo da transferência. São tempos de ousadia.

Este talvez seja o papel de uma clínica que afirme a diferença, que seja subversiva. Suely Rolnik, que propõe um diálogo entre a psicanálise e a esquizoanálise, observando o povo guarani, nos fala sobre um tal nó na garganta. Para o povo guarani, todas as doenças (orgânicas ou emocionais) advém da separação entre a palavra (ou, mais amplamente, a linguagem) e a alma. Vivemos um mal-estar que nos gera um nó na garganta, sintoma do ninho que nela se aloja – seja este ninho portador de embriões de futuro ou que a eles se agreguem ovos de parasitas (ROLNIK, 2018).

Desta perspectiva, para o povo guarani, a cura consiste em restaurar a palavra (linguagem), devolvendo-lhe a alma: criar dispositivos para que a alma possa buscar a palavra (linguagem) que foi silenciada ou que ela ainda não encontrou. “Quando a vida o dispara, irrompe-se sua potência de fazer o corpo agir, a fim de desfazer o nó e recobrar um equilíbrio” (p. 69). Tal potência no humano convoca o desejo, aquilo que em nós age (ROLNIK, 2018).

Como age o desejo, numa micropolítica ativa, para restaurar um equilíbrio vital? Rolnik responde: “Criando condições para a germinação de embriões de mundo” (2018, p. 27). O inconsciente seria, pois, neste contexto o campo de produção dos devires de

linguagem-alma que os embriões de mundo anunciam. Um campo de disputa cada vez mais acirrado na hodiernidade.

Uma micropolítica ativa – em contraposição a uma micropolítica reativa, fruto dos maus encontros – conduz a produção inconsciente da fábrica de mundos na direção da persistência da vida. Cuidar desta fábrica de mundos é nossa principal responsabilidade ética. (ROLNIK, 2018, p. 71)

Esse trabalho de “zelar pela fábrica de mundos” só se pode fazer coletivamente, pois o que está em jogo, a cada vez, é a produção de um mundo, ou, com diria Antônio Negri, a multidão como um conjunto de singularidades, multidão como potência.

“A cafetinagem da potência pulsional é a medula micropolítica do regime colonial-racializante-capitalístico”, alerta Suely Rolnik (2018, p. 88). Na nova dobra do regime capitalista – financeirizada, neoliberal e indissociavelmente neoconservadora –, a cafetinagem da pulsão ganha um altíssimo grau de requinte perverso.

Há, portanto – mais uma vez bebendo nas ideias de Rolnik – dois tipos de violência inerentes ao regime colonial-racializante-capitalístico: primeiro, violência na esfera micropolítica. O abuso da vida (não só dos humanos, mas de todos os elementos que compõem a biosfera), e a violência na esfera macropolítica: a desigualdade de acesso aos direitos (os quais implicam, em diferentes graus, o próprio direito de existir).

Diante desta dupla violência do regime, torna-se imprescindível articularmos dois tipos de resistência: A resistência programática das consciências, cujo objetivo é ampliar a igualdade de direitos (insurreição macropolítica) e a resistência pulsional dos inconscientes, cujo objetivo é liberar a vida de sua expropriação perversa (insurreição micropolítica).

Nosso maior desafio neste momento do mundo consiste em imaginarmos ferramentas conceituais e pragmáticas para não apenas descolonizar a clínica, mas também descolonizar o inconsciente e a própria vida, utilizando a virtualização da vida a favor desta (ROLNIK, 2018).

Devolver a conexão entre a palavra e a alma, desenvolver esse

ninho de embriões de possibilidades, de devires, produzindo uma existência não cafetinada, que aposte nos bons encontros, inclusive os virtuais, no desejo, na ética da potência da diferença.

A psicanálise nunca foi tão importante e urgente como agora!

Referências

AGAMBEN, G. O uso dos corpos. São Paulo: Boitempo, 2017. Série Homo Sacer, IV, 2. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANDRE, J. Entre angústia e desamparo. *Ágora*. Rio de Janeiro [online]. v. 4, n. 2, p. 95-109, 2001.

BARROS, M. *Meu quintal é maior que o mundo*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

BAUDRILLARD, J. *A sociedade de consumo*. Portugal: Edições 70, 2001.

BAUMAN, Z. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Globalização: as consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. *Vida para o consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BIRMAN, J. Sobre o mal-estar, na modernidade e na brasilidade. In: FRIDMAN, L. C. (Org.). *Política e Cultura – século 21*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Mal-estar na atualidade – a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

_____. *O sujeito na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CASTELLS, M. *A Era da informação: economia, sociedade e cultura: a sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 2012. v.1.

CHEMAMA, R. *Dicionário de psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 1995.

COSTA, J. F. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2007.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1999. v.3.

FERENCZI, S. *Psicanálise 3. Obras completas*, vol. 3. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio dicionário*. Curitiba: Positiva, 2019.

FIGUEIREDO, L. C. *A mente do analista*. São Paulo: Escuta, 2021.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Vigiar e punir: Histórias de violência nas prisões*. Petrópolis: Vozes, 1998. (Trabalho original publicado em 1975.)

_____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (Trabalho original publicado em 1976.)

_____. *História da sexualidade 2: O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (Trabalho original publicado em 1976.)

_____. *História da sexualidade 3: O cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2001. (Trabalho original publicado em 1976.)

_____. *Nascimento da biopolítica: Curso dado no Collège de France (1978/1979)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREUD, S. A sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Trabalho original publicado em 1898.)

_____. A dinâmica da transferência. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 10. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Trabalho original publicado em 1912.)

_____. Totem e tabu. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Trabalho original publicado em 1913.)

_____. Psicologia das massas e análise do ego. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 15. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Trabalho original publicado em 1921.)

_____. O problema econômico do masoquismo. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Trabalho original publicado em 1924.)

_____. O futuro de uma ilusão. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 17. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Trabalho original publicado em 1927.)

_____. Mal-estar na civilização. In: *Obras Completas de Sigmund Freud*. Vol. 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. (Trabalho original publicado em 1930.)

FUKS, B. *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

GAY, P. *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

GUATTARI, F. Da produção de subjetividade. In: PARENTE, A. (Org.). *Imagem- máquina, a era das tecnologias do virtual*. São Paulo: Editora 34, 1996. p. 177-191.

HAN, B-C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017a.

_____. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2017b.

_____. *Agonia do Eros*. Petrópolis: Vozes, 2017c.

HARDT, M. e NEGRI, A. *Multidão: guerra e democracia na Era do Império*. São Paulo: Record, 2005.

HENRIQUE DA COSTA, M e CARNEIRO, G. Do corpo disciplinado ao corpo da hodiernidade: pistas e indícios para o debate. In: NOVAES e VILHENA (Orgs.). *O que pode um corpo? Diálogos interdisciplinares*. Curitiba: Appris, 2019.

HENRIQUE DA COSTA, M e DANTAS D. Corpo e medicalização na contemporaneidade: contornos do mal-estar. In: LESSA J. M. e MACIEL JUNIOR, A. (Orgs.). *Desmedicalização e práticas de si*. São Luis: Edfuma, 2020.

JONES, E. *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

KUPERMANN, D. Entrevista. In: *TRIEB Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro*. v. 21, n. 2, 2022.

LASCH, C. *O Mínimo Eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

MAFFESOLI, M. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MARX, K. *O Capital*. Nova York: Internacional Publishers, 1967.

MASSON, J. M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess: 1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MICHAELIS. *Moderno dicionário de língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

ORTEGA, F. *O corpo incerto: Corporeidade, tecnologias médicas e cultura contemporânea*. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.

POLLO, V. *O medo que temos do corpo. Psicanálise, arte e laço social*. Rio de Janeiro. 7 Letras, 2012.

QUINET, A. *Um olhar a mais*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2002.

PELBART, P. P. *O avesso do niilismo. Cartografias do esgotamento*. São Paulo: n-1 Edições, 2016.

ROLNIK, S. *Esferas da insurreição. Notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SIBILIA, P. *O Homem pós-orgânico. A alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

_____. *O show do Eu: A intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

_____. *Você é o que o Google diz que você é: a vida editável, entre o controle e o espetáculo*. In: BRUNO, F., et al. (Orgs.). *Tecnologia da Vigilância: Perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 199-216.

VILHENA, J. e NOVAES, J. *Corpo, corpo meu. Existe alguém mais im-
perfeito do que eu? Ricerca in Psicoterapia*, v. 5, p. 16-22, 2015.

PSICANÁLISE E VIRTUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR – ESPANTO, CORPO E FUTURO

SÍLVIA FERNANDES⁶

1

“Não entender” – Clarice Lispector (1969)

Tendo a “incerteza como convicção” e como pano de fundo para nossa conversa sobre psicanálise e virtualidade – na verdade, uma conversa sobre as dobras do psiquismo em nosso próprio tempo – convidamos para estar conosco uma ilustríssima personagem: Clarice Lispector.

Iniciarei com uma de suas crônicas que acredito expressar um movimento que pode ser pensado como nossa disposição interna não apenas hoje, aqui, mas na dinâmica que se configura nas várias esferas da vida. Trata-se de uma postura realisticamente assumida diante de algo que sempre nos escapa na conjunção entre teoria e sujeito. Nosso desejo nos implica, então, na formulação de perguntas sobre a (s) virtualidade (s) em suas dimensões: psíquica, onírica, tecnológica, subjetiva, digital nestes novos (novos?) tempos que nos embalam. Diz Clarice:

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode

⁶ Doutora em Ciências Sociais. Membro Associado da SPCRJ. Professora Associada da UFRRJ. *E-mail*: fernandes.silv@gmail.com

não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. Uma benção estranha como ter loucura sem ser doida. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo. (LISPECTOR, 1969, p. 197)

Ao reler as crônicas de Clarice, algumas me pareceram oferecer elementos que se conectam ao tema deste artigo. Freud já nos advertira sobre o fato de que tudo o que é inconsciente é virtual: “Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é virtual, tal como uma imagem produzida num telescópio pela passagem dos raios luminosos” (FREUD, 1900, p. 664). Temos, portanto, a(s) virtualidade(s) como nosso material de trabalho primordial; como dispositivo psicanalítico fundante e complexo.

Talvez as pulsões do psiquismo e dos algoritmos nos coloquem nesse lugar de “não entender” quase como sendo a condição existencial que Clarice narra e que nos inquieta em perguntas. Quem sabe poderemos estar relativamente à vontade com as incertezas da transição, com o desafio da experimentação; o analista não sabe do sujeito que ele escuta e a virtualização da vida nos tem posicionado também no lugar da dúvida, do espanto, da curiosidade, do incompreensível diante da vastidão do universo virtual. Como Clarice nos chama atenção: “não entender pode não ter fronteiras”.

E o que seria a virtualização da vida senão a ausência de fronteiras nos desafiando e convocando cotidianamente ao processo de desterritorialização física e psíquica? Em quais lugares temos instalado os nossos territórios? Em quais portos lançamos nossas âncoras para amenizar o desamparo original em uma sociedade cujos ancoradouros têm se apresentado cada vez mais voláteis, fluidos, passageiros, desencaixados no espaço e no tempo? Temos implodido os ponteiros dos relógios e transformado o cotidiano em um tempo incontável, como a areia que retorna nas ampulhetas. Domamos o tempo?

Quando pensamos em realidade virtual não é difícil a ela associar também a ideia de fantasia: “ter loucura, sem ser doida” e

de vez em quando inquietar-se. Talvez essa inquietação – de quem se sabe sem entender, mas ainda assim “quer entender um pouco mais” – seja a moção primordial que nos trouxe à escolha deste tema e a essa conversa que é um bate-papo sobre perguntas que nos têm acompanhado nestes tempos.

Jeffrey Alexander (2023), um sociólogo norte-americano, cunha o conceito de “consciência icônica”, propondo que se entenda o mundo [e quem sabe os sujeitos?] pelo sentimento, em uma espécie de consciência sensível. Diz Alexander: “o icônico é da ordem da experiência, não da comunicação” (ALEXANDER, 2023, p. 244); entender pelo contato, pela experiência de sentidos e não pela razão. E acrescenta que a condição de estar iconicamente consciente significaria entender sem saber, ou no mínimo, “sem saber que se sabe” (ALEXANDER, 2023, p. 244).

Seria assim a fruição dos ambientes virtuais? Para Alexander, a consciência icônica poderia ser pensada como o conceito freudiano de “condensação simbólica” em que acionamos uma consciência sensível: um único símbolo pode agregar múltiplos significados. Michel Maffesoli (1998) denominou de razão sensível. Trata-se do campo da experiência contra o materialismo do pensamento moderno – que marginalizou o sensível cometendo um erro epistemológico – e a favor da subjetividade que vai mediando a impessoalidade da Modernidade na qual estamos todos inseridos e submersos.

A impessoalidade e a atitude *blasé* que o sujeito assume na vida metropolitana moderna recebeu destaque em um texto de Georg Simmel (1967), ainda no século XIX, quando analisava a relação entre a metrópole e a vida mental. Diante das forças esmagadoras da vida social na cidade, da cultura externa e da técnica de vida, o sujeito metropolitano precisava assumir um certo ar indiferente, *blasé*, diante do excesso dos estímulos externos. A atitude *blasé* alardeava a incapacidade psíquica do sujeito de reagir a novas sensações. Haveria semelhanças entre o sujeito do século XIX invadido por esses estímulos da “vida nervosa” e o sujeito da atualidade, submerso no excesso de informações, imagens, signos icônicos da virtualidade que se embrenham atualmente em nossas instâncias psíquicas?

Poderíamos nos perguntar, inspirados em Jeffrey Alexander (2023), se no processo de subjetivação teríamos ainda a sobrevivência do totemismo instado nas telas. E se a era virtual, para além da virtualidade do psiquismo, estiver reencantando o mundo com seus algoritmos mágicos dotados de superpoderes, subvertendo, paradoxalmente, a racionalidade moderna: mais avanço tecnológico, mais magia? Estaríamos todos sugados pelo ímã da virtualidade buscando encontrar elos perdidos na atual crise de sentido? Estamos bem.

Embalados na celeridade contemporânea, pode ser que estejamos capturados pela possibilidade de expansão da fantasia como escape da realidade insatisfatória ao adentrarmos nas ofertas fetichizadas que o universo virtual nos oferece; no abre e fecha das abas e das janelas do novo mundo. Que horizontes novos buscamos? Mas há distinções nessas inserções e vivências e aí impera a singularidade do sujeito com seus desejos e corpos expostos, invisíveis, virtualizados, transfigurados. Estamos bem?

2

Corpo/corporeidade – Clarice Lispector “Boa notícia para uma criança”

Em tudo, em tudo, você terá a seu favor o corpo. O corpo está sempre ao lado da gente. É o único que, até o fim, não nos abandona. (LISPECTOR, Crônicas, s/d).

Vimos olhando a virtualidade em suas dimensões dinâmica, associativa e provocativa no entrelaçamento de sentidos que tecem a subjetividade moderna e inscrevem a psicanálise no campo de um certo “saber das profundezas”, subterrâneo, como descreveu Freud na história do movimento psicanalítico (FREUD, 1914, p. 327). O desejo, as pulsões, o que constitui o *Isso* estão em constante comunicação com os outros sistemas, e o inconsciente não está resguardado ou protegido das percepções externas (FREUD, 1915, p. 136) que nos chegam mediadas pelo corpo.

Em homenagem aos cem anos do texto que inaugura a segunda tópica (FREUD, 1923), caberia lembrar como Freud definiu o

Eu, dando-lhe o estatuto da corporeidade. Cito Freud: “O Eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície”. E continua: “O corpo, principalmente sua superfície, é um lugar do qual podem partir percepções internas e externas simultaneamente” (FREUD, 1923, p. 31). E como o corpo se destaca, no mundo sensorial, remetendo-nos à própria ideia que o constitui, indagava Freud? Por meio da dor e das doenças dolorosas. Com elas chegamos ao modelo que sinaliza a concepção de corpo para a psicanálise.

Com efeito, foi o corpo contorcido, erotizado, afetado das históricas que instigou Freud – muito antes da segunda tópica – a observar e investigar a sua centralidade nos movimentos pulsionais. Desse modo, talvez caiba assumir que, assim como a virtualidade expressa nas pulsões e na subjetividade humana – o corpo tenha também seu assento ilustre como estatuto fundante da psicanálise. É nele que nossos investimentos libidinais se expressam por meio dos sonhos, sintomas, compulsões, linguagem. Toda dor e todo amor ficam selados no corpo como registros implacáveis.

Dando alguns passos em direção à antropologia, podemos pensar com David Le Breton (2002) que a modernidade inaugura o corpo como um lugar de bem-estar que demanda a boa imagem e tudo que a ela se associa (harmonizações faciais e todas as intervenções estéticas; cosméticos; dietas; cuidados corporais, etc.). Considerado um marco da individualização, é ele que imprime os sinais de distinção, podendo ser pensado como um signo do sujeito. Assim, o corpo é, ou seria, originalmente, o lugar da diferença, não havendo indissolubilidade possível entre o sujeito e seu corpo que lhe outorga espessura e sensibilidade de seu ser no mundo.

Mas o corpo é também o ícone mais expressivo da finitude humana; na verdade, o companheiro de nossa finitude, como nos diz Clarice, “o único que, até o fim, não nos abandona”. Assumimos, portanto, que a condição humana é corporal e é no corpo que se espelha também nossa precariedade, limites, vulnerabilidades. No *front* de qualquer batalha é com ele que lutamos. É o lugar do inapreensível, cujo domínio precisa ser assegurado.

Nas sociedades ocidentais, o isolamento do corpo narra uma espécie de trama social cujos fios tecem o sujeito separado do cos-

mos, dos outros e de si mesmo, diferentemente do que conhecemos nas sociedades tradicionais em que sobressai, de forma dominante, a perspectiva holista. Na modernidade, considerando-se a ideia de contornos ou delimitação de fronteiras, os limites entre um sujeito e outro são traçados pelo corpo. Tenhamos em conta ainda que a ambiguidade em torno da noção de corpo pode ser concebida como uma consequência ou reflexo da ambiguidade que orbita em torno da existência: o fato de ser e de possuir um corpo.

O que se observa é que o fluxo da vida cotidiana, com seus hábitos e rotinas, tende a ocultar o movimento do corpo na apreensão sensorial do mundo que o cerca ou nas ações que o sujeito realiza. Situar o corpo através das pulsações do cotidiano é insistir na permanência vital de suas próprias modalidades, no caráter mediador entre o mundo exterior e o sujeito. Então, podemos apostar, com Le Breton, que a experiência humana, para além da face inusitada que possa assumir, baseia-se inteiramente naquilo que o corpo realiza. O sujeito habita corporalmente o espaço e o tempo da vida. Mas esse dado fica muitas vezes eclipsado, paradoxalmente, pela evidência da exposição corporal. A rotina oculta o corpo que se move entre uma profusão de sentidos, percepções, pensamentos, ações, e o sujeito perde o que os educadores físicos chamam de consciência corporal: eu tenho e sou um corpo. O Eu é encarnado, por assim dizer.

Sob as lentes do olhar sociológico de Anthony Giddens (2002a), o cuidado permanente com o desenvolvimento corporal em relação a uma cultura de risco é parte intrínseca do comportamento social moderno. E é exatamente na modernidade que o corpo passa a ser cada vez mais um dado extrínseco, moldando-se como uma instância reflexivamente mobilizada. Visto com essas lentes, não se trataria de uma entidade física que possuímos, mas de um sistema de ação que é também mobilizado a partir das convenções constitutivas da vida ordinária.

A partir dos estudos do psiquiatra Ronald Laing, particularmente sobre os casos de psicose, Giddens argumenta que as pessoas que estão constantemente encenando a maioria das rotinas, em contraste com a própria narrativa biográfica do Eu, seriam levadas a uma condição de “Eu sem corpo”. Por sua vez, afirma Giddens, os relatos de prisioneiros nos campos de concentração

nazista durante a Segunda Guerra provocavam uma dissociação entre o Eu e o corpo diante das dores e privações físicas que o corpo sofria. Sentir-se “fora do corpo” seria um fenômeno funcional; uma tentativa de transcender os perigos e ficar em segurança.

Estariam em segurança os sujeitos dos avatares do *second life* e do metaverso? Na vida imgeticamente contornada e digitalmente mediada, como o sujeito é desafiado em seu corpo? Como as concepções modernas do corpo que esboçamos até aqui a partir da psicanálise, a antropologia social e a sociologia situam-se ante a padronização fantasiosa dos filtros do Instagram, que uniformizam o que fora a tão almejada diferença dos corpos; que produzem angústia diante da imperfeição, cujo parâmetro comparativo tem assolado o psiquismo, sobretudo (mas não apenas) dos jovens que comparecem na clínica? Que efeitos psíquicos a solidão das redes, que limitam a expansão da corporeidade (sujeito e mundo externo), são percebidos na prática psicanalítica? Jovens e adultos reclamam de solidão, uma espécie de ausência da presença (corporal?) mesmo se estão constantemente conectados nos *chats*, ativos a partir dos ícones emogéticos (alusão aos emojis) que traduzem ou tentam traduzir estados de ânimo, sentimentos e sensações.

No mundo dos avatares, não há finitude do corpo. Que diria Clarice para um corpo não sensorial, que abdica de sua tarefa de acompanhar-nos até o fim?

3

Um encontro com o futuro (1969) – Clarice Lispector

Cito Clarice:

Li *A automação e o futuro do homem*, da brasileira Rose Marie Muraro. Fala da influência muitas vezes catastrófica da tecnologia sobre a vida humana nessa nossa era eletrônica. A desumanização progressiva do homem causa medo. O livro lê-se com uma curiosidade crescente. Vou transcrever o trecho em que Muraro transmite alguns dos 100 principais inventos que o futurólogo Herman Kahn, a maior autoridade mundial no assunto, descreve no seu livro *Toward the Year 2000*.

Novas fontes de energia para instalações fixas (termoelétricas; termiônica; magneto-hidrodinâmicas etc.);

Novas fontes de energia para transporte (carros a turbina, jato, campo eletromagnético etc.);

Transporte quase de graça para pessoas e cargas para qualquer parte do mundo;

Uso extensivo de transplante de órgãos;

Uso de raio laser intensificado em comunicações e como arma letal poderosíssima;

Uso rotineiro de *ciborgs* (órgãos ou partes do corpo humano sendo substituídos por máquinas eletrônicas);

Novas espécies de plantas e animais;

Controle do sono, dos sonhos, do peso, da velhice, novos inventos cosmetológicos para evitar o envelhecimento;

Hibernação: primeiro a curto período e depois a longo (anos);

Viagens espaciais tornadas comuns;

Trabalho doméstico automatizado;

Técnicas de controle da mente muito desenvolvidas;

Controle do tempo e dos climas;

Capacidade de escolher o sexo das crianças ou mudá-los antes do nascimento;

Controle da hereditariedade muito mais conhecido;

Alimentos e bebidas sintéticos de aceitação geral;

Crédito universal instantâneo e automático; [...]

Uso generalizado de robôs, i.e., computadores individuais;

[...]

Novos métodos para obter prazer sexual, novas drogas alterando o limiar da percepção;

Fotografia e TV (preto e branco e depois em cores) tridimensionais.

Segundo Herman Kahn, esses e muitos outros inventos esta-

rão normalmente em uso até o ano 2000, i.e., daqui a 30 anos. “Será preciso comentário? Eis o futuro dos nossos filhos. Inveja-os.

A descrição detalhada e a conclusão que Clarice traz nesta crônica sugerem duas realidades que se nos impõem nestes tempos virtuais: perplexidade e desejo. Por um lado, o espanto, por outro, a inveja de seus filhos que viveriam a experiência da era hipertecnológica prevista pelo matemático. Enquanto Clarice imaginava o futuro e o invejava, nós vivemos o “futuro de cada instante” – para citar Julian Fuks (2022). E vivemos perplexos, intrigados e curiosos com as inovações da inteligência artificial, paradoxalmente queixosos da celeridade da vida e ansiosamente conectados.

A metapsicologia se impõe, portanto, como uma tarefa contínua e cotidiana que convoca a cultura/civilização e seus imperativos castradores. O Eu, nestes tempos, parece viver atribulado, com frágil segurança ontológica (GIDDENS, 2002b), flechado pela presença/ausência tecnológicas; pelos processos de engolfamento por forças externas. Seria uma vida intensa que traduziria a imagem da onipotência, essa nossa rúptil defesa? Podemos tudo? Alcançamos, afinal, o futuro inalcançável? Relativizamos a finitude?

Para Giddens, o principal movimento psíquico gerador de ansiedade seria o cálculo do risco. Por sua vez, em tempos de profundas incertezas em que o *status* das tradições muda constantemente, o cálculo do risco traz consigo a ilusão do controle, esse nosso velho conhecido na psicanálise.

Desesperados, produzimos narrativas quase escatológicas sobre a atualidade: trata-se de uma modernidade avançada? Não, uma alta modernidade? Uma pós-modernidade em que o sujeito carece de confiança básica e busca incessantemente por segurança e, às vezes, aprisionamento, em um tempo que lhe prometera liberdade? Somos aparentemente críticos e entusiastas da realidade virtualizada tecnologicamente, arrastando as correntes de nossos paradoxos e ambivalências. Seguimos como seres humanos digitais numa existência que jamais deixou de ser metamorfoseada. Beck (2018) tratou de dizer que a metamorfose destrói certezas convocando as instituições à criatividade e ao desenho de novas práticas.

Que rizomas dessa realidade têm afetado a clínica quando as formas tecnológicas de vida (LASH, 2001) pautam as dinâmicas dos afetos, dos humores, do sono e, quiçá, dos sonhos no entrelaçamento essencial entre o *on* e o *off-line*?

Adolescentes e adultos se entristecem se suas mensagens amorosas são visualizadas e não respondidas. Um simples símbolo azul inscrito nas mensagens de WhatsApp parece decretar a urgência do afeto no presente; no agora. O dia pode tornar-se mais cinza para quem não obteve a aceitação do “pedido de amizade” (como se pede uma amizade no mundo dos humanos?) de quem se admira, e os algoritmos advertem que aquele “contato” está no Instagram – poderíamos dizer – “sem tato”.

Relatos clínicos sobre o aumento dos pedidos de troca de horário das sessões, dias, modalidade (presencial ou on-line) se multiplicam. Ausências são justificadas não mais pelo trânsito congestionado, mas pela “queda da Internet”: contingência ou resistência? O *setting* originalmente preenchido pela falta, pela atenção flutuante, pela espera e pelo silêncio é convocado a uma readaptação do olhar no enquadramento dos rostos e corpos dispostos na tela em imagens fixas, distorcidas, congeladas ou iluminadas artificialmente.

Em seus estudos sobre as sociedades pós-industriais, há quase trinta anos Krishan Kumar (1995) argumentou que naquelas condições haveria uma saturação de imagens alterando a nossa percepção da realidade; produzindo declínio geral da vida pública e acentuando o individualismo. Os desejos manifestos “em escala dramática” são realizados, segundo Kumar, por meio da navegação no ambiente virtual.

Ainda que possamos concordar parcialmente com as análises de Kumar, o fato é que o ritmo das descobertas tecnológicas e o advento das redes sociais têm promovido e exigido também da psicanálise um conjunto de releituras e possibilidades interpretativas que não necessariamente sublinharão o caráter nefasto ou individualizante das redes. Uma interpretação possível seria a de que a virtualidade escancara também subjetividades em conflitos, na medida em que as temporalidades são extemporâneas e não cronológicas. Talvez o dinamismo e instantaneidade de nossos tempos

não alterem nossa percepção da realidade, mas a ela lancem o desafio de ampliar os ângulos e olhares sobre as múltiplas possibilidades de compreensão do que denominamos realidade.

Se considerarmos a metamorfose como uma condição existencial, imersos na metamorfose virtual, talvez tenhamos alguns efeitos colaterais sem remédio: descremos da finitude e adentramos na fantasia angustiante de que manejamos o fim e a falta. Estamos no controle do futuro?

Quem sabe a virtualidade da vida contemporânea não nos tenha aberto as páginas a novos aprendizados sobre nós mesmos e nossa subjetividade desalojada e metamorfoseada espaço-temporalmente, como afinal, sempre esteve?

Referências

ALEXANDER, J.; VANDENBERGH, E.F. et al. (Orgs.). *Sociologia cultural: teoria, performance, política*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2023.

BECK, U. *A metamorfose do mundo: novos conceitos para uma nova realidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2018.

FREUD, S. O Eu e o Id. In: _____. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011. Vol. 16, p. 13-74. (Trabalho original publicado em 1923.)

_____. O inconsciente. In: _____. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2010. Vol. 12, p. 99-150. (Trabalho original publicado em 1915.)

_____. História do movimento psicanalítico. In: _____. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2012. Vol. 11, p. 245-327. (Trabalho original publicado em 1914.)

_____. A interpretação dos sonhos. In: _____. *Obras completas*. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019. Vol. 4. (Trabalho original publicado em 1900.)

FUKS, J. *Lembremos do futuro: Crônicas do tempo da morte do tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LASH, S. Formas tecnológicas de vida. *Estudos de Sociologia*, v. 1, n. 8, p. 11-33, UFPE, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revsocio/article/view/235438/28427> Acesso em 03 fev. 2023.

LE BRETON, D. *Antropología del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

LISPECTOR, C. Não entender. In: VASQUEZ, P.K. (Org.). *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. (Trabalho original publicado em 1969.)

_____. Um encontro com o futuro. In: _____. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. (Trabalho original publicado em 1969.)

_____. Boa notícia para uma criança. In: _____. *Todas as crônicas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018. [s.d.].

MAFFESOLI, M. *Elogio da razão sensível*. Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O. (Org.). *O fenômeno urbano*. Trad. de Sérgio Marques dos Reis. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

O VIRTUAL, A CULTURA E A REALIDADE – VIESES POSSÍVEIS À LUZ DA PSICANÁLISE

CECÍLIA FREIRE MARTINS⁷

1

A virtualidade é, por excelência, o domínio da psicanálise. Para esta afirmação provocativa se sustentar, talvez fosse necessário apenas sinalizar que a ideia de virtualidade aqui seria compreendida para além de sua interpretação mais imediata, associada de modo concreto e exclusivo ao campo das tecnologias mais recentes, para ser entendida de forma avizinhada das ideias de “intangibilidade” ou de “imaterialidade” – cuja associação com a psicanálise talvez pareça mais fácil, intuitiva ou mesmo óbvia. Há, porém, formas mais potentes e férteis de se compreender a virtualidade e, a partir disso, vislumbrar vínculos possíveis com a psicanálise. Para tanto, propomos, de início, um sobrevoo rápido – e ousadíssimo – pelo campo da filosofia, no qual o “virtual” é um conceito pensado há tempos.

É de matriz aristotélica a definição mais clássica e comum do conceito de “virtual”, que o apresenta como sinônimo de força, de “potência”. Este entendimento, que nasce na filosofia clássica e é reiterado por pensadores medievais, constitui também o cerne do entendimento comum do termo, e sugere que o “virtual” seja compreendido como um *princípio* ou uma *possibilidade* de mudança, ou seja, como uma espécie de *preexistência* que antecederia a existência

⁷ Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-Rio. Membro Associado da SPCRJ.

real (MARQUES; HASSEL, 2021a). Nesse contexto, portanto, está intrínseca a oposição comumente assumida entre “virtual”, de um lado, e “real”, de outro. De acordo com este ponto de vista, seria necessário passar da potência (“virtual”) ao ato para que uma virtualidade se “realizasse” – ou ainda, para que a virtualidade se “atualizasse”. O virtual seria, assim, uma forma de “pura potência” que dependeria de uma transformação, de uma passagem, na qual, ao mesmo tempo, se completaria e *desapareceria* – porque deixaria de ser virtual para se tornar atual/real, ou seja, para se tornar uma outra coisa (CRAIA, 2009).

O conceito de “virtual”, contudo, ganhou entendimentos mais amplos no campo da filosofia durante o século XX, através das contribuições de Bergson e, posteriormente, de Deleuze – ou, mais precisamente, através da leitura deleuziana dos estudos de Bergson a respeito da memória e do tempo. Bergson, segundo Deleuze, teria sido quem, até então, levou mais longe a noção de “virtual” ao recusar sua restrição à ideia de “possível” e, com isso, abrir espaço para o entendimento da competência criativa contida nesse conceito (MARQUES; HASSEL, 2021b). É esta potência de criação do “virtual”, aliás, que interessa a Deleuze em sua abordagem original e transformadora sobre a virtualidade. Sinteticamente, podemos dizer que a perspectiva deleuziana afirma que o “virtual” não se opõe ao “real”, pois tanto o “virtual” quanto o “atual” comporiam o “real” (MARQUES; HASSEL, 2021c). Nesta perspectiva, a “atualização” não é a mera passagem da potência virtual ao ato; a “atualização” seria apenas uma nova forma de existir do que já havia e que continuará havendo na dimensão virtual. Assim, para Deleuze (1988), “o virtual existe; ele possui plena realidade enquanto virtual” (MARQUES; HASSEL, 2021d, p. 335), o que faz com que a diferença entre o “virtual” e o “atual” se refira a duas maneiras distintas de existir – ou de ser – e não uma em oposição e sucessão à outra. Nesta perspectiva, não há o que seja absolutamente virtual, nem o que seja absolutamente atual. Ambas as dimensões estariam entrelaçadas, mas coexistiriam de forma singular e, juntas, constituiriam o real.

É, então, partindo desta perspectiva oferecida pela filosofia, que ousamos sugerir que a virtualidade seja por excelência o domínio da psicanálise. E, de início, é a ideia de metapsicologia que

propomos que possa ser compreendida como uma dimensão que não se opõe ao real e, ao contrário, o constitui, ao mesmo tempo em que afirma sua forma singular de existência. E, como ponto de partida, é interessante notar que este exercício – quase brincadeira – de experimentarmos compreender a metapsicologia como uma forma de virtualidade, parece tangenciar recorrentes questionamentos acerca de seu estatuto epistemológico.

Voltemos, então, ao domínio da psicanálise. Cito Freud: “A propósito, vou perguntar-lhe a sério se posso usar o nome de metapsicologia para minha psicologia que se estende para além do consciente” (FREUD, 1898, p. 302), indagou Freud a Fliess, na correspondência de 10 de março de 1898 (que, aliás, completou exatos 125 anos ontem). Àquela altura, a troca epistolar entre os dois acompanhava de perto o processo de elaboração do livro sobre os sonhos, ao qual Freud associaria o nascimento da psicanálise. Considerando este contexto, Assoun (1995a) sugere que, nessa carta, ao interrogar a respeito da adequação do uso do neologismo “metapsicologia” para designar o arcabouço teórico da psicanálise, “Freud está ciente de engajar seu próprio ato de fundação” (ASSOUN, 1995b, p. 13). Afinal, a “metapsicologia”, ao nomear “a dimensão mais teórica da psicanálise”, vai além e delineia também a “identidade epistêmica” da proposta freudiana. É, portanto, tendo a metapsicologia como estrutura teórica que a psicanálise se legitima como saber – e talvez também se veja sua ilegitimidade (ASSOUN, 1995c).

De fato, a metapsicologia é a bruxa, a feiticeira a que Freud recorre e que mistura em seu caldeirão metodológico “especulações”, “teorizações” e “fantasias”, palavras do próprio Freud (FREUD, [1933]1932). A própria definição do termo proposta pelo clássico *Vocabulário de psicanálise*, de Laplanche e Pontalis (1982), confirma a originalidade do estatuto epistêmico da metapsicologia, ao propor que essa (citação): “*elabora* um conjunto de modelos conceituais mais ou menos distantes da experiência, tais como a *ficção* de um aparelho psíquico dividido em instâncias, a teoria das pulsões, o processo do recalque, etc.” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1982, p. 284, grifo nosso). Mezan (1989a) destaca que o emprego das noções de “*elaboração*” e “*ficção*” neste verbete não é em vão e que, com esta escolha, os autores sutilmente esbarram e tomam

partido na velha questão do estatuto científico da psicanálise. Recusando a oposição fácil entre “ficcional” e “teórico”, como se o primeiro fosse puramente imaginativo e o segundo, rigorosamente científico, Mezan (1989b) assume que esta conceituação proposta por Laplanche e Pontalis sustenta a possibilidade de que a teoria carregue em sua própria constituição as marcas do imaginário sobre o qual se debruça. Em outras palavras, esta hipótese aponta para o fato de que a própria pesquisa em psicanálise e seu processo de produção teórica se desenvolvem inspirados no método associativo, de forma exploratória e não linear, o que, por sua vez, não diminui em nada o rigor teórico de seus fundamentos. Reconhece-se, então, uma inequívoca especificidade epistemológica do arcabouço teórico freudiano, que se destaca pela centralidade da ideia de “trabalho metapsicológico” incessante e incansável. A metapsicologia, assim, escapa à “monotonia da teoria”, inclusive porque mantém como seu objeto o próprio sistema inconsciente, cujas propriedades modificam constante e irreversivelmente qualquer edifício conceitual que se pretenda definitivo. Em psicanálise, propõe-se, então, abordá-lo a partir de um *trabalho* de desconstrução persistente (ASSOUN, 1993a).

A metapsicologia, ao mesmo tempo em que engaja toda a legitimidade epistêmica da psicanálise, permanece desde sempre e para sempre incompleta, o que, segundo Assoun (1993b), traz a marca de “um luto e de uma sabedoria: do templo metapsicológico, só resta [...] essa estátua inacabada, esse fragmento de obra-prima. [...]. Mas essa magnífica carcaça nos permite produzir o traçado desse monumento”, cuja realização escapa sempre a qualquer ambição de completude (ASSOUN, 1993c, p. 17). É dessa “arte rigorosa do esboço” que precisamos sempre cuidar de nos reaproximar, sem uma atualização definitiva e deixando permanecer no horizonte construções como virtualidades que compõem realidades. Dizer que, em psicanálise, é impossível tomar separadamente o saber metapsicológico da experiência clínica, pode, então, ser aproximado da proposta filosófica do século XX, de que o virtual e o real não podem ser tomados como opostos. Complementam-se em suas existências singulares. A psicanálise pode ser assumida, assim, como um campo no qual, desde sempre, diferentes realida-

des coexistem e, dessa forma e por isso mesmo, asseguram possibilidades constantes e infinitas de criações.

2

A ideia insiste: a virtualidade é, por excelência, o domínio da psicanálise. Contudo, surge de repente uma interrogação para antes de avançarmos, uma pergunta de origem: por que foi este o tema eleito para trabalharmos ao longo do ano? Se no exercício da parte anterior recorreremos à filosofia para compreender a virtualidade para além de seu entendimento mais “óbvio” e concreto, talvez agora seja preciso por um momento interrogarmos a respeito dele mesmo, seu sentido mais atual – e é justamente o fato de este ser um assunto na ordem do dia que nos interessa.

A virtualidade, compreendida como aquilo cuja existência se deve a simulações ou construções tecnológicas, vem interrogar a psicanálise justamente a partir de sua presença na vida cotidiana atual e, sobretudo, a partir das profundas transformações que impõe a este cotidiano. Ela atravessa relações de trabalho, relações afetivas, além de relações com a própria ideia de alteridade e mesmo de sociedade e política; ela se faz presente no olhar para o corpo, para a saúde, para o dinheiro e para a história, ao mesmo tempo em que questiona a estrutura de hábitos costumeiros como alimentação, transporte, descanso. Enfim, a expansão da penetração da virtualidade em nosso cotidiano torna inequívocas as revoluções em curso simultaneamente na esfera coletiva e na esfera subjetiva. Pois bem, eis aí um ponto de tais transformações em que a psicanálise pode ser interrogada: como é possível compreender esta articulação entre o subjetivo e o coletivo, ou ainda, entre o eu e o outro, que contribui para que mudanças em âmbito íntimo e público não possam ser tomadas como separadas? E, indo um pouco além, como especificamente estas transformações mais recentes, orquestradas por temas ligados à virtualidade, questionam sujeitos e a cultura em sentido amplo?

Vamos lá. Cabe, de início, lembrar a proposição metapsicológica mais elementar referente à concepção freudiana de cultura, qual seja, a de que a estruturação da vida civilizada repousa na

dinâmica pulsional. E é justamente a proposta de que é possível pensar a cultura a partir da perspectiva metapsicológica que caracteriza a originalidade da reflexão freudiana dedicada a este tema. Tal perspectiva propõe uma forma original de articulação entre as esferas individual e coletiva, assumindo, com isso, a existência de uma correlação entre os processos psíquicos implicados na constituição subjetiva e eventos que, ao longo do tempo, teriam viabilizado a formação da cultura.

Sendo a cultura e seus fenômenos objeto de estudo de diferentes áreas de conhecimento, tais como a sociologia, a antropologia e as ciências políticas, não é raro observarmos críticas a este entendimento psicanalítico, que apontam, entre outras questões, para a parcialidade e para o reducionismo deste ponto de vista, que pensa a dimensão coletiva a partir de elementos próprios da dimensão subjetiva. As contribuições freudianas possibilitaram, no entanto, a construção de novas formas de leitura de aspectos da cultura que, até então, não haviam sido possíveis. Neste sentido, Mezan (1985a) destaca que é inegável que “Freud desvendou uma dimensão do fato social acessível apenas à psicanálise – sua dimensão inconsciente – e a Filosofia, ou a ciência social não podem ignorar esta determinação essencial do objeto que se propõem elucidar” (MEZAN, 1985b, p. 434). Assim, ao mesmo tempo em que a concepção da cultura a partir da metapsicologia, e, mais especificamente, a partir da questão pulsional, indica os limites da abordagem freudiana, revela também sua originalidade e sua relevância, uma vez que destaca aspectos que escapam às análises de outros campos de conhecimento. Dessa maneira, a perspectiva psicanalítica, sem oferecer um panorama definitivo sobre a cultura ou mesmo sobre a relação entre sujeito e cultura, busca *esclarecer* aspectos *psíquicos* que estariam ligados a fenômenos culturais, utilizando, para isso, conceitos que compõem seu arcabouço teórico, tais como os de inconsciente, pulsão, recalque e sublimação.

Em suma, a perspectiva freudiana sugere que a cultura se organiza fundamentalmente a partir de um impedimento à livre manifestação das pulsões (FREUD, 1950[1897], 1908, 1930). Tal impedimento, por sua vez, gera a necessidade de se conferir novos destinos às demandas pulsionais originais, tanto através do recalque quanto de desvios e deslocamentos (entre os quais se destaca a

sublimação) que permitam o reinvestimento de parte da libido na realização de tarefas e no estabelecimento de laços que constituem o tecido cultural. Então, na perspectiva psicanalítica, a renúncia libidinal exigida pela cultura é, não apenas inevitável, mas principalmente indispensável na estruturação e preservação do processo civilizatório. Mais do que isso, operando dessa maneira, a cultura assume uma posição intrínseca de mediação entre a pulsão e o objeto, o que repercute diretamente nas experiências de prazer e desprazer, satisfação e frustração dos sujeitos (MEZAN, 1985c). A renúncia pulsional exigida estaria, assim, diretamente relacionada à impossibilidade da plena satisfação pulsional, que leva à inexorabilidade do mal-estar na cultura, tal como discutido em 1930. Entretanto, surge a questão de saber se, mais de 90 anos depois, ainda seriam estas as bases do mal-estar verificado hoje e, de como, no cenário atual, podem ser pensados sobretudo os arranjos da pulsão.

A este respeito, encontramos diversas propostas de leitura e interpretação possíveis. Entre elas, o trabalho de Assoun (1993d; 1995a), que, sinteticamente, sugere que as funções de exigência e de limitação, que seriam os efeitos conhecidos da renúncia pulsional demandada pela cultura, encontram-se erodidos na atualidade. Com isso, os interditos perdem força no bojo do tecido cultural, o que se reflete também em relação às instâncias psíquicas. Assim, encontraríamos hoje uma instância superegoica regredida, abrindo caminho para uma “fluidez” com relação à função de interdito, tradicionalmente atribuída a esta instância. E, como consequência, teríamos um exacerbamento dos ideais, cuja função conceitualmente também se articula ao funcionamento do supereu.

Este cenário, em que a vigência do ideal se sobrepõe ao rigor do superego, segundo Assoun (1993e; 1995b), daria origem a uma nova configuração do mal-estar identificado por Freud. Trata-se de um “mal-estar do ideal” (ASSOUN, 1993f; 1995c) que, embora não rompa com os pressupostos fundamentais da leitura freudiana apresentada em 1930, revela transformações significativas. Se, anteriormente, era a neurose o eixo de leitura do mal-estar implicado na constituição da cultura, edificado sobre a impossibilidade da plena satisfação pulsional, Assoun (1993g; 1995d) sugere que, atualmente, a dinâmica do mal-estar parece se deslocar e incluir

também aspectos concernentes à lógica perversa. Não se trata da substituição de um modelo pelo outro, mas da constatação de que o afrouxamento das proibições, embora não invalide os interditos e, fundamentalmente, a renúncia pulsional, aponta para uma perversão da norma social. Estaríamos, então, na presença de um funcionamento clivado, que se manifesta paradoxalmente através da busca por formas inéditas de transgressão e, ao mesmo tempo, por uma espécie de paixão pela norma.

Esta perspectiva sobre a atualidade é complementar ao que sugere François Richard (2011a). Também interrogando a respeito das semelhanças e diferenças entre o mal-estar identificado por Freud (1930) e aquele encontrado hoje, Richard sugere que o contexto atual ainda revela a “coexistência dos contrários” (RICHARD, 2011b, p. 12) descobertos por Freud, mas parece levar a oposição entre eles às últimas consequências. Assim, seria uma radicalização do conflito existente entre as exigências da cultura e as demandas das pulsões sexuais e agressivas o que qualificaria esta nova configuração do mal-estar. Embora os interditos permaneçam válidos, operando como referência na constituição psíquica dos sujeitos e, com isso, da cultura, Richard (2011c; 2011a) entende que esteja em vigor hoje uma forma de clivagem que faz com que as proibições existam ao lado de um enfraquecimento da autoridade, dando origem a “uma moral civilizada posta ao gosto do dia” (RICHARD, 2011d, p. 11).

Como ilustração das novas configurações do mal-estar, Richard (2011e) destaca o aumento da tensão entre, de um lado, os ideais de respeito ao outro, confirmando que seguem válidas as exigências de controle das pulsões e, do outro, “a apologia a uma liberdade individual supostamente capaz de se representar, e de experimentar e de viver plenamente os mais diversos movimentos pulsionais” (RICHARD, 2011f, p. 51). Este antagonismo entre as demandas por liberdade e as exigências de regulamentação revelariam, então, uma nova configuração do conflito fundamental entre pulsão e cultura, que se manifesta agora de maneira desvelada, através de contradições explícitas. Esta apresentação contemporânea do conflito também confirma o enfraquecimento das regulamentações que, sem conseguirem fazer frente às liberações cada vez maiores, são capazes apenas de conviver com estas, con-

firmando-se como um contraponto que, entretanto, não as ameaça. De forma semelhante, no que diz respeito à agressividade, Richard destaca que demonstrações cada vez mais intensas de violência são apenas atenuadas a partir de esforços circunstanciais para contê-la e, como consequência, a barbárie infiltra permanentemente a civilização de seu interior, o que faz com que a moral social termine por coabitar cinicamente com uma destrutividade que já nem tenta se dissimular (RICHARD, 2011g; 2011b).

Parece, enfim, que a almejada liberação contra as coerções da cultura se volta contra ela mesma, uma vez que, combatendo os interditos, ela enfraquece o supereu civilizado coletivo do qual fala Freud em 1930, contribuindo para uma miséria psíquica de massa. A partir disso, Richard (2011h; 2011b) sugere que, em certa medida, entre as consequências desse mal-estar atual estaria um empobrecimento subjetivo, que poderia ser comparado às transformações psíquicas que Freud (1921) propôs serem características do pertencimento a um grupo. Entre tais características, Richard (2011i; 2011b) destaca o funcionamento a partir de um estado semelhante ao hipnótico, revelando um comportamento coletivo que se destaca pela impulsividade e mutabilidade. Apoiado nessa comparação, sugere que “nas formas atuais do mal-estar na cultura, um eu ideal tirânico tende a ser o substituto de um supereu estruturante” (RICHARD, 2011j, p. 7), e destaca o que entende como uma “perversificação do supereu” (RICHARD, 2011k, p. 12), que se faz acompanhar por uma emergência da barbárie.

Tais reflexões compostas à luz da psicanálise oferecem uma compreensão a respeito da atualidade na qual a virtualidade incide. Seria possível, então, assumir que é este o cenário em que a virtualidade se enraíza e encontra terreno fértil para se confirmar a cada dia como presença central no cotidiano. Contudo, mais preciso é perceber que a virtualidade não se afirma nesse contexto; ela historicamente ajudou a forjá-lo. O desenvolvimento tecnológico que há mais de 30 anos amplia diariamente as possibilidades de criação *da* e *na* dimensão virtual, viabiliza tais dinâmicas descritas por Assoun (1993h; 1995d) e Richard (2011). De fato, a flexibilização de limites, a exaltação de ideais construídos fundamentalmente partir de fantasias onipotentes, as leituras de mundo pouco complexas, a relativização dos conflitos e paradoxos que consti-

tuem cada um de nós, acompanhada da exacerbação dos conflitos externos tomados de formas simplistas e histriônicas; tudo isso não poderia ter chegado tão longe e adquirido tanta potência se não fossem as ferramentas virtuais, que *sustentam realidades constituídas com lógicas diversas*.

Contudo, cabe destacar – ou endossar – as propostas de que talvez nada do que tal cenário apresenta, por mais inovadoras e desafiadoras que sejam suas manifestações, se constrói desarticulado de elementos que, em psicanálise, entendemos que participem dos processos de constituição subjetiva. Fantasias de onipotência, fantasias de destruição, defesas extremamente primitivas (e, por isso mesmo, destrutivas), angústias (muitas!), angústias impossíveis de serem acessadas via psiquismo e manifestadas, portanto, em ato, e, talvez *sobretudo*, uma vivência de desamparo radical diante da angústia. Tudo inquestionavelmente estranho, muito estranho; mas talvez estranhamente familiar também. Novos arranjos, novas versões, mas de elementos cujas lógicas talvez já conheçamos formas investigar e mesmo trabalhar há tempos.

Por fim, é inequívoco que *essa tal* de atualidade inclui dificuldades impostas aos processos de constituição subjetiva, o que, por sua vez, revela a erosão da interioridade psíquica e a perda da dimensão da historicidade. E certamente a clínica opera como um observatório privilegiado neste sentido – embora não só ela. Ainda assim, talvez também a clínica e a metapsicologia, sempre articuladas, possam *ousar* atravessar o espanto e, quem sabe, propor formas de decodificar aquilo que é sustentado e manifesto através do virtual. Entre os horrores e os encantos com que nos deparamos hoje, talvez possamos apostar naquilo mesmo que a psicanálise ajudou a inventar sobre a dimensão subjetiva, atualmente tão esvaziada, mas, em princípio, ainda tão potente e mesmo organizadora. E, neste sentido, surge a aposta: talvez a psicanálise seja mais necessária do que nunca.

3

Seguimos apostando: a virtualidade é, por excelência, o domínio da psicanálise. E é insistindo nessa hipótese que emerge uma

questão: se, em filosofia, assim como no senso comum, o conceito de “virtualidade” está em constante relação com o de “real” (se não por oposição simples, por complementação), por onde caminhamos se interrogarmos também acerca do estatuto da “realidade” em psicanálise?

De fato, a noção de “realidade” se faz bastante presente no texto de Freud e, embora não se constitua nele como um conceito propriamente dito, revela-se um elemento fundamental em várias construções teóricas. Listando rapidamente, encontramos certo protagonismo da ideia de “realidade” em expressões como “princípio de realidade”, “dado de realidade”, “realidade objetiva”, “realidade material”, “perda de realidade”, “negação da realidade”, entre outros. Nelson Coelho Jr. (1995) destaca ainda que é muito frequente que o uso da ideia de “realidade” no texto freudiano emergja em oposição a alguma outra noção e, com isso, se apresente como pilar de famosos pares da psicanálise como “princípio de realidade” e “princípio de prazer”, “realidade” e “fantasia”, “ego-realidade” e “ego-prazer” e ainda nas expressões que nos parecem especialmente relevantes para a discussão acerca da virtualidade: “realidade exterior” e “realidade psíquica”.

A respeito deste par, Mezan (1989) sugere que, em Freud, a “realidade externa” pode ser descrita como a dimensão em que “o sujeito age e sofre a ação de outros” e, com isso, depara-se com limites para a onipotência de seus desejos e fantasias, ao mesmo tempo em que pode encontrar nela elementos que permitam “justamente ‘realizá-los’, isto é, torná-los *reais*”. A “realidade psíquica”, por sua vez, seria “o universo do inconsciente”, no qual os desejos e as fantasias parecem para o sujeito “tão ou mais ‘reais’ quanto o que seus sentidos percebem do mundo à sua volta”. Entendida desta forma, a “realidade psíquica” poderia, então, ser assumida como aquela que se trabalha na situação analítica. Afinal, a atividade clínica, de fato, pode ser lida como um dispositivo que pretende justamente promover uma exclusão sistemática da “realidade exterior” para abrir caminho para a exploração da “realidade psíquica”.

Coelho Jr. (1989), contudo, destaca que corremos aí o risco de assumirmos de forma enrijecida e simplista uma polarização entre “realidade externa” e “realidade psíquica”, que não se sustenta em psicanálise, em especial em se tratando da dimensão clínica.

Apesar disso, vale lembrar que foi mesmo através da experiência clínica que a diferença entre “realidade externa” e “realidade psíquica” se tornou evidente – e fundamental para a emergência da psicanálise. A discussão sobre a etiologia das neuroses, ainda na década de 1890, tem como divisor de águas a questão da “crença ou não na realidade daquilo que os pacientes relatavam quanto a seu passado” (COELHO JR., 1995b, p. 78). E a declaração de Freud a Fliess de que já não acreditava em sua neurótica (FREUD, 1898) é talvez a mais famosa citação que remete a este aspecto, pedra angular da psicanálise, segundo o qual a fantasia pode sobrepor-se à realidade material, concreta, factual, externa. Pode-se dizer que o próprio estudo sobre os sonhos, seminal para a psicanálise, se sustenta nesta mesma evidência clínica, qual seja, a de que “real e imaginário convivem e se articulam, produzindo uma obra comum, ao invés de se oporem e se excluírem mutuamente” (COELHO JR, 1995, p. 79).

Se, na interrogação a respeito da virtualidade na psicanálise, enveredamos pelas trilhas da metapsicologia, é no mínimo interessante que na investigação sobre o estatuto da realidade possamos encontrar a clínica como dimensão privilegiada. Virtualidade e realidade, metapsicologia e clínica, pares inexoravelmente articulados, mas cuja natureza do vínculo não cabe em nenhuma tentativa de apreensão ou mesmo sistematização simplista. E, nesta perspectiva, Stephen Marcus comenta a respeito da prática clínica:

(...) no curso de um tratamento psicanalítico, nada menos do que a própria “realidade” é feita, construída ou reconstruída. [...] O que temos no final, então, é uma construção ficcional que é ao mesmo tempo satisfatória para nós como se fosse verdade e como uma forma de verdade. (MARCUS *apud* COELHO JR., 1995d, p. 187)

Eis que reencontramos aqui, então, a ideia de “ficção”, que sabemos estar relacionada a especulações, teorizações e fantasias que Freud declarava encontrar junto da sua feiticeira metapsicologia. E a reencontramos exatamente articulada a uma perspectiva sobre a “realidade” no curso de uma análise, o que aponta para a estreita e

complexa aproximação entre as dimensões teórica e clínica na psicanálise. “Elaboração” e “ficção” se confirmam, então, como ideias seminais tanto da pesquisa teórica quanto da atividade clínica psicanalíticas. Neste sentido, é possível compreender a clínica como “um real que requer um pensamento” e a metapsicologia justamente como instrumento que permite a escrita possível de algo que se apresenta na escuta analítica.

Em sua implicação na construção de modelos conceituais, portanto, a metapsicologia confirma sua estreita vinculação à clínica, uma vez que se coloca à disposição do analista enquanto este escuta seu paciente. De fato, a condição de analista implica uma constante redescoberta de novos acessos à invisibilidade e àquilo que não se dá diretamente à compreensão consciente (COELHO JR., 1995e, p. 189). Por esta razão, a mobilidade no trato dos conceitos é, portanto, fundamental para evitar a “sacralização da fantasia”, ou seja, para evitar que se tome “as imagens brutas que surgem no espírito do analista como interpretação direta da fantasia do paciente”. As representações metapsicológicas, assim, permitem que este material bruto das fantasias do analista seja estruturado a partir de um sistema de correlações, que se baseiam nos modelos teóricos, ao mesmo tempo em que mantém laços com elementos da experiência específica daquela análise, com aqueles protagonistas. A viagem da metapsicologia freudiana, então, tem como essência o ficcionamento, cujo rigor teórico se assegura através do lastro clínico (ASSOUN, 1993i).

O material que se oferece à reflexão psicanalítica situa-se, enfim, na imbricação entre diferentes planos da realidade – ao mesmo tempo em que escapa a todos eles. Na impossibilidade de ser assumida peremptoriamente como ciência, arte, ofício, saber, e também sem poder rejeitar qualquer destas perspectivas da realidade, talvez seja necessário pensarmos também suas aproximações com a própria dimensão da realidade virtual e da virtualidade. E, como tentamos demonstrar aqui, em vez de tomarmos tais “realidades” como inéditas e mesmo alheias ao constructo histórico da psicanálise, talvez possamos compreendê-las como versões daquilo mesmo de que somos feitos. São versões novas, surpreendentes e brutalmente desafiadoras, sem dúvida; mas que, quem sabe, nos

interroguem sobre questões que nunca nos abandonaram; talvez porque nunca pudemos “resolvê-las”, talvez porque elas não comportem “soluções”.

Seguimos vivendo sob o signo da tragédia, embora talvez compreendendo, aceitando e suportando menos essa condição inexorável. Seguimos desamparados e precisando aprender a elaborar para não sucumbir à destrutividade dos afetos não contornados ou ainda à violência pulsional propriamente dita. Mas, sobretudo, seguimos tendo a potência do trabalho como fonte criativa e transformadora das *diversas* realidades que nos atravessam. Talvez tenha sido apostando nessa nossa fértil capacidade de nos inventar que Clarice tenha ancorado numa bonita esperança sua inveja sobre o futuro que vislumbra. Por vezes, posso dizer que tenho *inveja da inveja* da Clarice. Em outras, consigo reencontrar e compreender sua esperança. Sigamos!

Referências

ASSOUN, P-L. *Freud e as ciências sociais: psicanálise e teoria da cultura*. São Paulo: Edições Loyola, 2012. (Trabalho original publicado em 1995.)

_____. *Metapsicologia freudiana: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. (Trabalho original publicado em 1993.)

COELHO JR, N. *A força da realidade na clínica freudiana*. São Paulo: Escuta, 1995.

CRAIA, E. O Virtual: destino da ontologia de Gilles Deleuze. *Revista de Filosofia: Aurora*, Curitiba, v. 21, n. 28, p. 107-123, jan./jun. 2009.

DELEUZE, G. O atual e o virtual. In: DELEUZE, G.; PARNET, C. *Dialogues*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998. p. 121-124.

FREUD, S. Moral sexual “civilizada” e doença nervos moderna. In: _____. *Gradiva de Jensen e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 187-208. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 9). (Trabalho original publicado em 1908.)

_____. Psicologia de grupo e análise do eu. In: _____. *Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 89-169. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas

completas de Sigmund Freud, 18). (Trabalho original publicado em 1921.)

_____. O mal-estar na civilização. In: _____. *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 75-200. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 21). (Trabalho original publicado em 1929/1930.)

_____. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise. In: _____. *Novas transferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos*. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 22). Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 13-193. (Trabalho original publicado em 1932/1933.)

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 575p.

MARQUES, M.A.; HESSEL, A.M.G. O conceito de “virtual”: de Bergson a Deleuze, de Deleuze a Lévy. *Teccogs: revista digital de tecnologias Cognitivas*, n. 24, p. 205-220, jul.-dez. 2021.

MASSON, J.M. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess:1887-1904*. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

MEZAN, R. *Freud, o pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Metapsicologia: fantasia. In: BIRMAN, J. (Org.). *Freud – 50 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1989.

RICHARD, F. *L’actuel malaise dans la culture*. Condé-sur-Noireau: Éditions de l’Olivier, 2011a.

_____. Les formes actuelles du malaise dans la culture. *Recherches em Psychanalyse*, n. 11, p. 6-17, Paris 2011, 2011b.

ARTIGOS

O QUE NOS ENSINARAM OS ATENDIMENTOS ON-LINE DURANTE A PANDEMIA?

REGINA LANDIM⁸

Resumo: Este artigo aborda questões levantadas pelas análises on-line motivadas pela pandemia do coronavírus e busca saber em que elas poderiam ter contribuído para a prática da psicanálise.

Palavras-chave: Atendimento On-line/Presencial. Angústia. Trauma. Desamparo.

Résumé: Ce travail aborde des questions soulevées par les analyses on-line motivées par la pandémie du coronavirus et cherche à savoir en quoi elles auraient pu contribuer pour la pratique de la psychanalyse.

Mots clé: Séances On-line/Présentielles. Angoisse. Trauma. Détresse.

Introdução

Desde 2020 senti necessidade de escrever sobre o que estávamos passando sob a pandemia e suas consequências para os atendimentos psicanalíticos. Escrevi um texto, "Algumas impressões

⁸ Psicanalista. Membro psicanalista e supervisora da SPCRJ.

sobre a Técnica e a Clínica psicanalítica em tempos de Covid-19”, que compartilhei com colegas, mas não pensei em publicar por seu formato pouco acadêmico. Volto ao tema, quase três anos depois, com a experiência vivida no dia a dia, permeada por questões e reflexões a respeito dos atendimentos, on-line e presenciais.

Antes de mais nada, é preciso dizer que não tratarei aqui de atendimentos on-line em geral, mas de atendimentos on-line motivados pela pandemia. É claro que, como esses últimos fazem parte do universo dos primeiros, talvez não seja possível deixar de mencioná-los.

A ideia geral é a de partir da brusca passagem dos consultórios para as sessões on-line, premidos pelo avanço da Covid-19, até o retorno – ou não – aos encontros presenciais, procurando analisar o que o formato on-line teria revelado sobre os atendimentos psicanalíticos. Para isso, vou levar em consideração conceitos de Freud, Lacan e de alguns outros autores, recorrer a lembranças de minha formação analítica e de minha experiência clínica, antes e durante a pandemia, sublinhando fundamentos e conceitos que me pareceram esclarecedores.

No curso do texto vou destacar em **negrito** aspectos ou conceitos que me pareceram relevantes. Alguns serão retomados no fim com o objetivo de responder à questão proposta: em que os atendimentos on-line durante a pandemia teriam contribuído para a clínica psicanalítica?

Antecedentes

Não tive experiência anterior com atendimentos on-line. É claro que mantive contato pós-análise com um ou outro analisando. Uma analisanda do início da minha clínica suportou muito mal o meu retorno da Bélgica para o Brasil. Ela me escrevia, às vezes telefonava. Responder me parecia necessário porque ela sentia que tecera comigo um fio que garantia sua existência. Tentava encaminhá-la para um analista belga, o que acabou ocorrendo. De vez em quando ela ainda me manda notícias, mas já num clima social. Uma jovem senhora, mãe de dois filhos pequenos interrompeu bruscamente a análise para acompanhar o marido, que fora tra-

balhar no exterior. O filho menor teve sérios problemas de saúde e, ao mesmo tempo, a mãe dela morreu repentinamente no Brasil. Combinamos que ela poderia me escrever e-mails (o recurso que era possível na época) que eu responderia. Foi muito difícil essa troca. Escrever não é falar e a situação exigia que eu tocasse em aspectos dolorosos de sua vida em momento posterior àquele em que tinham sido reportados. O sentimento correspondente a essas vivências estaria ainda presente quando eu escrevia? Foram essas as experiências mais relevantes de “atendimento” a distância que tive. Mas é claro que um ou outro analisando viajou durante a análise. Nesses casos, pensava que só deveria continuar a atender àqueles que fossem para lugares remotos onde não havia analistas. Hoje penso que desconsidere a **transferência**.

Na Formação psicanalítica, recebi a recomendação de tratamento **face a face** para alguns casos, especialmente de psicose, pela submersão do eu, o livre curso do delírio, o fechamento em si. Entendi que a **presença do analista**, do seu **olhar**, seria uma tentativa de algum endereçamento, de algum reconhecimento do outro.

Observei algumas vezes em minha clínica que modulava a minha **voz** de maneira especial. Percebi que usava desse recurso nos atendimentos on-line como um elemento importante para expressar o que Winnicott denomina de *holding*. Nos *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*, Freud cita um exemplo muito interessante a esse respeito: uma criança acorda no escuro e diz à tia: ‘Titia, fale comigo! Estou com medo porque está muito escuro. A tia responde: de que adianta isso? Você não pode mesmo me ver. Não faz mal, diz o menino, quando alguém fala, fica mais claro’.⁹

Análises presenciais exigem uma preparação para a ida ao consultório. Tanto o analista como o analisando sabem que aquela sessão vai se realizar naquele dia, naquele horário. Devem aprontar-se para a sessão e dirigir-se ao consultório. Nesse tempo, algo é muitas vezes pensado e até mesmo preparado para a sessão que se aproxima. Na saída é comum que o analisando ainda guarde o “clima” da sessão. Alguns complementos ao que foi dito e sentido, al-

⁹ In: *Os três ensaios sobre uma teoria da sexualidade*. São Paulo: Cia. das Letras, vol. 6, p. 146.

guns *insights*, se dão nesse momento. Já as análises on-line parecem muitas vezes assimiladas ao dia a dia, quase sem cortes: sai da academia, vai para a análise, volta para terminar o treino; interrompe a preparação da refeição, faz análise e volta à cozinha; faz análise no carro; aproveita o passeio com o cachorro para fazer sua sessão. Penso nas relações líquidas, mencionadas por Bauman.¹⁰ Embora alguns analisandos relatem que procuram ter um momento de concentração antes das sessões, fica a pergunta: a **abertura do inconsciente** seria possível em tais atendimentos? A resposta a essa questão não é unívoca. Destaco dois elementos que propiciariam a emergência do inconsciente: a continuidade de uma análise já bem estabelecida e o surgimento do **infantil** causado pelo ambiente de **angústia** generalizada. Ainda assim, quando o início de uma análise se dá a distância isso dificulta, para o analista, a avaliação do efeito de suas intervenções.

Presença do vírus

Havia um vírus desconhecido que trazia ameaça de morte.

Minha primeira experiência relacionada ao vírus foi num lugar tranquilo onde eu estava juntamente com outras pessoas. Tossi. Um casal me olhou com olhos fulminantes e se afastou com pressa. Não entendi o ocorrido. Quando soube da disseminação do vírus relatei esse fato ao medo da contaminação que teria se apoderado dos dois. De um dia para o outro, a pandemia tornou-se o assunto do momento, era focalizada, descrita. Tentava-se conhecer as características do vírus para poder combatê-lo. O avanço da doença, o número de mortes diárias no Brasil era mostrado na TV, nos jornais e discutido pelas pessoas. O vírus atingia amigos e parentes. Matava amigos e parentes. Todos eram vetores de ameaça para todos. Hospitais abarrotados. Não havia cura, além das defesas de cada um. O isolamento era preconiza-

.....
¹⁰ Bauman, Z. Filósofo e sociólogo polonês que, em seus estudos sobre a pós-modernidade, cunhou o termo “relações líquidas” para dizer que atualmente: “a mudança é a única coisa permanente e a incerteza é a única certeza” e que “hoje os relacionamentos escorrem por entre os dedos”.

do. Máscaras, álcool, desinfecção de tudo. O vírus era analisado; trabalhava-se na elaboração de testes para vacinas, mas não havia conhecimento suficiente. Em contraponto, eu pensava: “A gripe espanhola foi muito grave, matou muita gente, marcou uma geração, mas acabou! Esse vírus há de ser debelado”. E assim mantinha alguma calma em meio a tanto sofrimento, permanecendo em meu lugar de analista.

Em seus textos sobre cultura, Freud fala da **ambivalência** que caracteriza as relações humanas e diz que, para promover a paz nos grupos, **o ódio é projetado** para fora. Sempre entendi essa afirmação de maneira bastante ampla: um perigo externo contribuiria para a **coesão de grupos**, pela diminuição ou eliminação de seus conflitos anteriores (e interiores ao grupo) **em vista da proteção mútua e do eventual combate ao inimigo**. A expressão mais simples dessa situação é o binômio “nós e eles”, usado pelas famílias, pelas diversas associações de pessoas e pelas nações para se distinguirem umas das outras, sempre acreditando na superioridade de “nós” diante “deles”. O vírus era o inimigo comum do momento. Nos primeiros tempos, falou-se de solidariedade: famílias decidiam se juntar para se entreajudar; havia preocupação com parentes ou amigos isolados, gerando apoio operacional ou afetivo; fazia-se distribuição de quentinhas para a população de rua abandonada nas vias desertadas. Pensou-se que essa **solidariedade** poderia se manter depois da pandemia. O mundo será mais solidário, diziam alguns. Eu pensava que o **outro ameaçador** – do qual era preciso se defender com aparatos complicados, inclusive nos consultórios – também poderia se manter no pós-pandemia.

Psicanálise no momento da pandemia

Antes da pandemia já havia atendimentos virtuais. Muitos colegas, diante da mudança de um analisando, continuavam o atendimento on-line, fosse pela demanda do analisando fosse por proposta do analista. Com a pandemia, diante da ameaça geral, os atendimentos virtuais foram preconizados em massa pelos analistas. Alguns analisandos não aceitaram e interromperam (ou ter-

minaram) as análises “até que tudo voltasse ao normal”. Outros concordaram com a mudança.

Escolhi atender por WhatsApp pelo telefone celular. Para decidir entre áudio e vídeo, usei como critério: face a face, vídeo; divã, áudio. Isso nem sempre se deu desse modo. Alguns que eram atendidos em face a face não quiseram o vídeo (reservas quanto a mostrar o ambiente doméstico, a ter que se “aprontar” para a sessão?). Os que usavam o divã optaram todos pelo áudio.

Pensando nessas questões, cheguei a algumas hipóteses. Creio que a “**resistência**” ao **atendimento on-line**, manifestada de algumas formas, sendo a falta de privacidade e a mudança total no ritual de ir às sessões as mais mencionadas, poderia significar uma **reação à separação** da criança da mãe (*fort/da*) ou dos pais, na superação da ligação edipiana. Mas poderíamos pensar também que teria havido uma **queda brusca do analista** do seu lugar especial, valorizado. Tão suscetível ao vírus quanto o paciente, incapaz de proteger, **o analista seria um igual**, imprestável. Ele teria **caído da posição de suposto saber** e se tornado **objeto** descartável. Ora, essa posição marca o fim da análise, segundo Lacan. Teria havido, em alguns casos, o **fim precipitado das análises**?

Nos atendimentos on-line com imagem havia, no início, a sensação de certo exibicionismo/voyeurismo. Em primeiro lugar, há a **duplicação da imagem**. “Me vi te vendo”, na expressão de Paulo Alberto Monteiro de Barros, o Arthur da Távola, em suas crônicas sobre TV no jornal *O Globo*. Nem sempre é fácil abstrair-se da própria imagem e se colocar como se a visão focalizasse apenas o interlocutor, como se dá nos atendimentos presenciais. É provável que isso seja ainda agravado pelo **narcisismo** predominante na sociedade atual. Em certos atendimentos, nota-se uma clara preocupação com a aparência, com a imagem. Em outros, é como se houvesse uma dificuldade para separar o público e o privado: apresentar-se de forma “não social”, cabelos molhados enrolados numa toalha, trajes pouco apropriados, andar pelas ruas, a pé ou de carro, fazendo sua sessão de análise, comer durante a sessão, mostrar a casa...

Como estavam, o que diziam outros psicanalistas sobre a experiência da pandemia e dos atendimentos on-line?

Atarefada com as regras impostas pelo isolamento e, além disso, tentando dar conta dos atendimentos na nova modalidade, não acompanhei assiduamente as *lives* dedicadas ao assunto. Consegui assistir algumas, mas, sobretudo, conversava com os colegas mais próximos sobre a experiência deles.

Curiosamente, não falamos muito do próprio **instrumento de comunicação**: Internet precária; ligações de terceiros durante as sessões; congelamento; cortes bruscos, dando origem a chistes, comparando os atendimentos à invocação de espíritos: “Você ainda está aí?”.¹¹ Para além da piada, isso poderia indicar que era sentida uma certa **“imaterialidade”** nessa relação: Não importaria o lugar onde se encontrassem analista e analisando, não importaria o espaço ao redor, a sessão se dá como se ambos compartilhassem o mesmo espaço, a mesma cultura. O **espaço virtual** coloca analista e analisando numa proximidade ambígua: o analisando fala, o analista escuta, pergunta, interfere, interpreta; emoções violentas podem se produzir, mas o virtual nem sempre permite a avaliação correta da intensidade mobilizada na sessão. Daí as **modificações da técnica**, das quais falarei adiante.

Falou-se muito, especialmente em grupos ferenczianos, de “Catástrofe”¹² (em termos freudianos, Trauma), aquela a que estávamos submetidos; de “Horizontalidade”¹³; a pandemia atingia analistas e analisandos, criando um clima menos verticalizado e mais horizontal entre ambos. Falou-se: “Estamos todos no mesmo barco”, ao que outros retorquiam: “Não! Cada um no seu barco, no mesmo oceano!”, tentando guardar talvez uma certa hierarquia analista/analisando. Fato é que era muito co-

.....
¹¹ V. Leal G. Artigo citado.

¹² “Catástrofe”, conceito desenvolvido por Julio Vertzman em sua live de 02/05/2020. (Vide bibliografia).

¹³ “Horizontalidade”, conceito desenvolvido por Denise Goldfajn em sua live de 18/04/2020. (Vide bibliografia).

num que os analisandos perguntassem ao início de cada sessão: “Como está você?”. Ouvia essa questão como um pedido de permissão, “Posso dar início à minha sessão ou devo cuidar de você, da sua doença, da sua dor?”. Do ponto de vista de Lacan, o analista deixava sua posição de objeto, aparecendo como sujeito. Falava-se também de um Cansaço excessivo. Seria o efeito de um mesmo assunto, de um clima sempre igual compartilhado por todos, inclusive por analista e analisando? Lembrou-se do “Dia da marmota”, focalizado no filme de Harold Ramis *Feitiço do tempo*. Essa associação traria a esperança de que, como no filme, apesar da aparência de **repetição**, de dias idênticos, houvesse um movimento quase imperceptível: o vírus fosse sendo vencido e a **angústia** chegasse ao fim.

É claro que analisandos e análises são singulares. Mas angústia, trauma e **sonhos de angústia** predominavam no conteúdo. Eram às vezes sonhos muito óbvios, muito infantis, de lobo mau perseguindo sem cessar o analisando, que uma vez me disse tratar-se da reedição de um sonho da infância. Outra analisanda procurava, cheia de angústia, num sonho, a sua casa, mas não conseguia encontrá-la. As associações conduziram a outro sonho, esse infantil, em que havia um lobo mau dentro da casa. Foi um sonho tão vívido que a criança acordou e exigiu que armários fossem abertos para encontrar o lobo escondido. Esse sonho infantil seria do tempo da separação de seus pais, quando a menina ainda não tinha três anos. Tais sonhos, atuais ou infantis, parecem fazer aflorar o **desamparo** diante de um inimigo potente e incansável. Agora, o vírus. Mas a angústia diante do vírus carregaria, como diz a psicanálise, a sua **fonte infantil**, a revivescência do desamparo diante de perigos vividos como imensos, perante os quais a criança se sente inerte, incapaz.

Acresce a isso um clima circundante de **negação** da gravidade dos fatos. Num primeiro momento, o Ministro de Saúde, Luiz Henrique Mandetta, relatava diariamente na TV a situação da pandemia e as providências que estavam sendo tomadas. Verdade? Mentira? Não importa tanto. Alguém parecia cuidar da doença mortal. Para os analisandos, uma **figura paterna** estava cuidando; havia esperança, a angústia amainava. Foi demitido e entramos num momento “Barata voa”, “Assim é se lhe parece? Mas não é”.

“Você viu? Mas não houve”. **Tudo pode ser ou não ser ao mesmo tempo.** Terreno fértil para o terrível acréscimo da angústia, confirmada pelas **mortes** cada vez em maior número, cada vez mais próximas, por vezes muito rápidas.

Não foi por gosto do virtual. Não foi por comodismo. Não foi pela vaidade de ter analisandos na Austrália. Foi a pandemia, a ameaça generalizada de contágio, a proteção de todos que levou analistas e analisandos para os atendimentos on-line. Mas com a continuação, alguns elementos foram percebidos e questionados. E se os analisandos viessem a precisar de **medicação**? Deveríamos ter contato com psiquiatras dos lugares em que se encontravam para fazer os encaminhamentos? Ou as consultas psiquiátricas seriam também virtuais?

Uma jovem, falando sobre sua análise, disse-me: “Somos de uma **geração** que manipula telas e botões desde a infância, ter aulas virtuais, fazer análise on-line segue o movimento geral dos **contatos a distância**”. Em sua análise, ela falava da faculdade e, com certo desprezo, das idas ao barzinho. Admirou-se ao perceber que a analista valorizava as idas ao barzinho, isto é, o **enfrentamento das relações presenciais**. Mas afinal, o que é tão importante na presença do outro? Segundo o modelo narcísico e virtual de hoje, defrontamo-nos com apagamentos, cancelamentos, bloqueios, que se fazem com rapidez, presteza e leveza, ao sabor dos sentimentos do instante. **O tempo que conta é o meu:** falo/escrevo para alguém no meu tempo. Respondo também no meu tempo: logo, logo, dias depois, ou não respondo. Tudo isso se complica **na presença. A relação com o outro é mais exigente**, tanto no amor como no ódio, no rancor, na inveja, no ressentimento e nos demais sentimentos. A presença do outro exige um enfrentamento mais direto, que demanda trabalho, no sentido de **trabalho psíquico**, de ambos os presentes. É preciso enfrentar o outro, cara a cara, na sua materialidade.

Introduzi algumas **modificações** para certos analisandos, em virtude do **isolamento** imposto pela pandemia. Foram especialmente analisandos **muito sós, deprimidos, melancólicos** ou muito **angustiados**. Para alguns, **augmentei o número das sessões** por semana, com ou sem ônus, dependendo do caso. Admiti também que me escrevessem por **WhatsApp no intervalo das sessões**. Res-

pondia mais, menos, muito brevemente ou deixava sem resposta até a sessão seguinte segundo a circunstância. Como disse acima, muitas vezes me sentia incapaz de avaliar o efeito de uma sessão ou de uma intervenção minha. Permitir a comunicação entre as sessões me tranquilizou. Assim pude manter análises sem descambar para atendimentos de apoio.

A pandemia amainada, há o movimento para a **volta ao presencial**. Noto que os primeiros analisandos que convidei para o atendimento presencial foram os **novos**, que nunca tinha encontrado, senão on-line, e aqueles muito **isolados, deprimidos, angustiados, melancólicos**, que já se beneficiavam de um regime especial, mesmo on-line, como relatei acima. Alguns ainda permanecem on-line, mas com as outras atividades voltando ao normal, me pergunto se os atendimentos virtuais vieram para ficar ou se voltaremos progressivamente para os atendimentos presenciais. O que percebo é que os pedidos para mudanças de horário se multiplicam. O esquecimento das sessões também ocorre com alguma frequência. Tudo pode! É como se o espaço/tempo virtual fosse dotado de uma elasticidade sem limites. Afinal, “estamos mesmo em casa”, ouvi. Sim, se tudo se passa em casa, o tempo do trabalho, o tempo da análise, que não exige deslocamento nem endereços especiais, invade o espaço íntimo. Já as consultas médicas, as fisioterapias, os exames, os dentistas, a renovação de documentos e demais atividades que voltaram e exigem idas a locais externos e acabam se chocando com o horário das sessões. É como se a **materialidade** das sessões, agora que o inimigo externo se afastou, se torne **fluida**, algo **entre a realidade e o sonho**. Talvez essa associação aponte para a **onipotência primitiva** que, nesse sentido, seria um fator oposto à **castração** exigida para a vida em sociedade, como nos diz Freud. Em suma, os atendimentos on-line vieram para ficar ou voltaremos progressivamente às sessões presenciais?

Juntando os pontos

Para voltar aos pontos destacados vou abandonar a ordem estabelecida acima e me reportar ao que me parece mais importante para o nosso tema.

A pandemia marcou um corte traumático na vida de todos, suscitando angústia e desamparo. Essa situação exigiria medidas coletivas de proteção. Procurávamos esclarecimento sobre o vírus e os meios de combatê-lo, Mandetta, Margareth Dalcolmo, Natália Pasternak, Dimas Covas, entre outros, ficaram entre aqueles que explicavam medidas tomadas e a tomar para evitar o contágio e lutavam por vacinas eficazes. Ao lado disso, o Governo divagava e negava o que víamos acontecer: pacientes entubados e isolados em hospitais abarrotados. Difícil a tarefa dos analistas, que devem estar preparados para conter as angústias trazidas pelos analisandos, mantendo aberta a via da escuta das mensagens do inconsciente recalçado, do infantil. Como fazê-lo, estando mergulhados na mesma realidade horrenda e ameaçadora? Como revestir os consultórios de instrumentos de proteção contra o vírus trazido pelos analisandos que deveríamos acolher? Iriam sentir-se como “o outro ameaçador”? Por outro lado, frágeis e sujeitos à peste, tanto quanto aqueles que atendíamos, teríamos ainda alguma utilidade para eles, que nos acreditavam invulneráveis? Justamente em momento de tanto desamparo, de tanta angústia? Angústia de morte. Lutos. Lutos sem rituais, sem presença de parentes e amigos queridos, além do reconhecimento dos corpos. E o tempo que não passava. Um dia igual ao outro, a peste rondando. Qual o lobo mau dos contos infantis que reaparecia em sonhos.

Um imenso cansaço. Dias iguais. Nada a fazer, senão acolher a desesperança de cada um. Como estaria suportando o mal, a dor? Melhor reduzir o tempo entre as sessões, ouvir a angústia e a solidão das noites insones, receber mensagens, pequenas ou grandes, falando do desespero, comentando o dia a dia, recomendando a série da vez. Foi esse horror que nos levou ao virtual, superando dificuldades anteriores. Mantínhamos as transferências estabelecidas e cuidávamos para estabelecer algum *setting*, com o olhar e as modulações acolhedoras de nossa voz, que, de tanto uso para revestir as sessões à distância, falhava ao final do dia.

Quem inventou esse instrumento? Poderoso ao permitir o contato tão íntimo, tão necessário, à distância que parece próxima, muito próxima. Há de estar aí a fonte do seu caráter “imaterial”, “ilusório”, entre a realidade e o sonho. Mas dispositivo falho, mui-

to falho, nas interrupções, picotamentos e apagões tão frequentes. Material é o instrumento em suas falhas que apontam para a realidade. Mas, por vezes, o contato parece frágil, superficial, favorecendo o narcisismo, o isolamento, para aqueles acostumados a manejá-lo em fuga do face a face, do corpo a corpo. Corpo a corpo em análise... quem diria? Talvez pela sua falta, a presença do corpo na psicanálise se evidenciou.

No entanto, a teoria de Freud se mantém: o Inconsciente insiste. Talvez haja menos atos falhos, atos sintomáticos, silêncios; mas a “via real” se manifesta: houve (há) uma profusão de sonhos que garantiram (garantem) a abertura do Inconsciente nos atendimentos on-line.

O fato é que, se os atendimentos on-line foram essenciais durante os tempos duros da pandemia, quem pode dizer se vieram para ficar? Num momento pensei que a recusa ao atendimento virtual com a insistência pela ida ao consultório manifestava uma defesa, significando a manutenção de um ritual. Até que me lembrei do quanto tinham sido importantes para a minha própria análise os momentos de recolhimento na sala de espera e, principalmente, no trajeto de retorno às atividades, em que me sentia num clima propício a ampliar e complementar algum aspecto tratado na sessão.

Conclusão

O que as análises on-line trouxeram para a psicanálise? Terão vindo para ficar? Creio que em certos casos, sim. Analisando que viajaram puderam manter suas análises, tendo havido respeito à transferência estabelecida. De outro ponto de vista, a virtualidade durante a pandemia permitiu a continuação das análises num momento particularmente difícil para todos. Possibilitou que analisando extremamente fóbicos e obsessivos graves pudessem, no interior de suas casas, protetoras e assépticas, analisar questões tornadas mais agudas pelo ambiente que parecia confirmar seus temores. Facilitou, pela angústia e pela distância, a abordagem mais direta de questões muito íntimas, apenas esboçadas anteriormente, nas sessões presenciais. Não preconizo o atendimentos on-

-line como primeira opção para pessoas no exterior, especialmente as que lá se encontram há longo tempo. O mundo em torno, as relações entre as pessoas e o ambiente cultural estão sujeitos a sutis diferenças que exigem uma sensibilidade especial na escuta e às vezes acarretam muitas perguntas que podem perturbar o fluxo associativo. Com o fim da pandemia, a materialidade do encontro retoma importância. Por enquanto, penso em encontros híbridos, algumas análises on-line, outras presenciais. Notei grande alívio, quando iniciei as sessões virtuais, em analisando que atravessavam a cidade em meio a engarrafamentos e alagamentos que chegavam a inviabilizar um ou outro atendimento. Já convidei para voltar ao presencial, analisando de fora, em visita ao Rio, todos os novos e, como sempre, os isolados, depressivos, melancólicos, angustiados. Análises mais antigas, com a transferência bem estabelecida, suportam bem a distância. Mas é preciso estarmos sempre atentos para não pactuar com a fluidez das relações e a “proteção de si” (defesa) possibilitada pelos instrumentos de “contato” a distância.

Referências

BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BIRMAN, J. *O trauma na pandemia do coronavírus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

CASTORIADIS, C.; AULAGNIER, P. *La violence de l'interprétation. Du pictogramme à l'énoncé*. Paris: PUF, 1975.

FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2020. Vol. 5. p. 13-178. (Trabalho original publicado em 1900.)

_____. Os três ensaios sobre uma teoria da sexualidade. In: _____. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 2020. Vol. 7, p. 13-172. (Trabalho original publicado em 1901/1905.)

_____. *Introdução ao narcisismo*. Vol. 12, p. 13-50. (Trabalho original publicado em 1914.)

_____. *Conferências introdutórias à psicanálise, Terceira parte: Teoria geral das neuroses, Conferência 25 “Angústia”*. Vol. 13, p. 519-544. (Trabalho original publicado em 1916-1917.)

_____. *Além do princípio do prazer*. Vol. 14, p. 161-239. (Trabalho original publicado em 1920.)

_____. *Psicologia das massas e análise do eu*. Vol. 15, p. 13-113. (Trabalho original publicado em 1921.)

_____. *Inibição, sintoma e angústia*. Vol. 17, p. 13-123. (Trabalho original publicado em 1926.)

_____. *O mal-estar na civilização*. Vol. 18, p. 13-122. (Trabalho original publicado em 1930.)

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 29-90. (Trabalho original publicado em 1938.)

_____. *Le Séminaire, livre 11. Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse*. Paris: Seuil, 1973.

GOLDFAJN, D. Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. *A elasticidade da técnica em tempos de Covid 19*. Transmissão em 18/04/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NuF4qvvh6s>. Acesso em 12 mai 2023.

LEAL, G. O desamparo coletivo que atravessa analista e analisandos conectados na tela. Vamos? Me dá mais um minuto. Tá aí? Congelou? In: *Fala SPC!* Publicação interna da SPCRJ.

PONTES XAVIER, M.; LEÃO MARTINS, A.C. Respostas: Análises (online) em confinamento. *Psicologia USP*, v. 33, p. e200096, 2022.

VERTZMAN, J. Grupo Brasileiro de Pesquisas Sándor Ferenczi. *A elasticidade da técnica em tempos de Covid 19*. Transmissão em 02/05/2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sKAgQiCpnks>. Acesso em 12 mai 2023.

REFLEXÕES SOBRE PSICANÁLISE, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

JOHANNA GONDAR HILDENBRAND¹⁴

Resumo: Minha proposta é trazer uma reflexão sobre o atendimento psicanalítico on-line e o modo como ele impactou, e continua impactando, não somente o *setting* analítico, mas toda uma maneira de estar presente para o analisando e este se comunicar com seu analista. O que pretendo é discutir as transformações observadas por alguns colegas de profissão, e aqui me incluo, sobre a diferença entre o atendimento presencial e o remoto. Diferenças essas tanto na forma de comunicação por parte dos analisandos – e por que não? – quanto na nossa escuta psicanalítica.

Palavras-chave: *Setting* Analítico. Tecnologia. Contemporaneidade.

Abstract: *My proposal is to reflect on online psychoanalytic therapy and how it has impacted, and continues to impact, not only the analytic setting, but a whole way of being present for the patient and for him to communicate with his analyst. What I intend to do is discuss the transformations observed by some professional colleagues, including myself, about the difference between face-to-face and remote treatment. Differences these*

¹⁴ Doutora em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Membro associada da Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro – SPCRJ.

both in the form of communication by the analysands, and – why not? – in our psychoanalytical listening.

Keywords: *Analytical Setting. Technology. Contemporaneity.*

Nos últimos anos pudemos observar grandes mudanças tecnológicas e em nossas formas de comunicação. Com a implementação do *lockdown*, em decorrência da pandemia de Covid-19, psicanalista e analisando viram-se diante de uma transformação abrupta na forma das sessões dali para a frente. Mesmo aqueles mais relutantes em aderir ao atendimento on-line se viram tendo de abraçar essa tecnologia que, a partir de então, passaria a integrar cotidianamente o *setting* analítico.

O que apresento aqui é uma pequena contribuição para a reflexão necessária sobre essa relativamente nova forma de atendimento e sobre o modo como ela impactou, e continua impactando, não somente o *setting* analítico, mas toda uma maneira de estar presente para o analisando e este se comunicar com seu analista. Não é meu propósito entrar em questões mais profundas sobre as transformações do sofrimento psíquico na contemporaneidade, principalmente em um período pós-pandêmico. O que pretendo é discutir as transformações observadas por alguns colegas de profissão, e aqui me incluo, sobre a diferença entre o atendimento presencial e o remoto. Diferenças estas tanto na forma de comunicação por parte dos analisandos – e por que não? – quanto na nossa escuta psicanalítica.

Antes de tratar da minha própria experiência com essas diferentes formas de atendimento, gostaria de trazer uma reflexão proposta pelo filósofo Jacques Derrida (1930-2004) em *Mal de arquivo: uma impressão freudiana* (1995). Nesse livro, ele faz um exercício ficcional sobre as técnicas de comunicação. É sabido que boa parte da teoria psicanalítica foi escrita a partir de cartas trocadas entre Freud e Fliess (1887-1904), ou entre Freud e seus discípulos. Nesse exercício, Derrida se pergunta: como seria a teoria psicanalítica

se Freud e Fliess, ou Freud e seus discípulos se estes se comunicassem por e-mails em vez de por cartas manuscritas? Como seria uma teoria construída com outro ritmo de resposta, outra posição de corpo, outra temporalidade? Com isso nos mostra que diferentes técnicas de comunicação não estabelecem apenas a forma de comunicar, mas também o conteúdo do que vai ser comunicado. Ou seja, com as novas possibilidades de comunicação difundidas pelas novas tecnologias que se desenvolvem na Modernidade, podemos perceber, com o respaldo de Derrida, que as transformações da técnica estão diretamente ligadas ao modo de representação do sujeito no discurso. Mas por que isso nos interessa? E o que teria a ver Derrida com a nossa reflexão proposta? Irei explicar a seguir.

Comecei a atender durante a pandemia e, assim, me vi inserida no formato do atendimento psicanalítico remoto desde o início. Além da pandemia, minha primeira analisanda residia em outro país e não poderia ser atendida de outro modo. Pude perceber, por experiência própria e conversando com colegas psicanalistas, que, assim como em diversos outros aspectos da nossa vida, havia pontos positivos e pontos negativos no atendimento on-line. Minha primeira analisanda foi um exemplo disso: talvez não fizesse análise se não pudéssemos contar com as chamadas de vídeo. Podemos afirmar que as possibilidades de atendimento em espaços geográficos muito distantes seriam um ponto positivo dos atendimentos on-line.

Na verdade, os pontos positivos dos atendimentos remotos são mais fáceis de serem identificados, até porque já foram apontados inúmeras vezes. Os mais populares são: maior flexibilidade de horário devido à não necessidade de mobilidade urbana; a possibilidade de atendimento em diferentes cidades ou países; a desenvoltura de alguns analisandos pelo fato de se sentirem mais protegidos por terem um aparato tecnológico – a tela do celular ou do computador – separando-os de seu analista; maior intimidade e segurança para alguns analisandos realizarem suas comunicações por estarem em seu próprio ambiente e não no consultório do analista. Voltaremos a esses últimos dois exemplos mais adiante.

Em seguida à pandemia, comecei os atendimentos presenciais. Até pouco tempo atrás eu tinha atendido ou analisandos que pro-

curavam especificamente o atendimento on-line, mesmo que fossem residentes do Rio de Janeiro, ou analisandos que buscavam apenas o atendimento presencial. Mas há alguns meses, tive a experiência de atender um analisando que iniciou seu tratamento de forma presencial, havendo, porém, eventualmente, a demanda para que o atendimento se desse de modo remoto. Foi a partir dessas sessões com ele que pude perceber, na prática, alguns outros limites e possibilidades da psicanálise em formato presencial e em formato virtual, ou remoto.

Pude perceber que nas sessões presenciais – forma inicial de atendimento – esse analisando ficava muito agitado, levantando várias vezes apenas para circular dentro do espaço do consultório, indo buscar água de duas a três vezes por sessão. Pareceu-me que a inserção no meu ambiente e o contato direto comigo o deixavam incomodado de alguma forma, talvez até um pouco desconfortável; ele trocava as almofadas do divã de posição, trocava de lugar e mesmo o seu discurso mostrava uma forma de proteção consigo mesmo, na qual ele priorizava histórias de outras pessoas ao tentar descrever algo de si próprio. Era uma construção diferente, como eu pude perceber posteriormente, daquela que acontecia quando fazíamos as sessões on-line. Nestas, ele ficava visivelmente mais calmo, muito aberto a trazer questões pessoais e familiares, o que raramente o conduzia a falar de si através de terceiros. Pude observar que seu discurso e suas comunicações eram mais íntimas e autênticas, o que me fez pensar que a entrada do analista na casa dos analisandos, tanto pela tela do celular quanto pela tela do computador, poderia aumentar a intimidade dessa relação – o que aparecia no discurso do analisando.

Conversei com colegas e li trabalhos recentes (alguns não tão recentes assim, como o texto *A elasticidade da técnica*, escrito em 1928 por Sándor Ferenczi) relacionados à aura temática dos diferentes tipos de atendimento psicanalítico, flexibilidade e adaptabilidade na prática da psicanálise. Pude observar então que minha percepção não era um fato isolado. Outros psicanalistas também puderam reparar que nos atendimentos on-line alguns analisandos tendiam a ficar mais confortáveis, apresentando um discurso mais fluido e com menos defesas, ou porque a tela surgia como

aparato mediador da presença física, ou porque a presença do analista se dava no espaço pessoal do analisando e não ao contrário. A relação com o analisando que citei pertencia ao primeiro caso, o da tela como proteção. Quando isso acontecia, pude notar que meu analisando não falava de si através de terceiros, pois o aparato tecnológico podia ser considerado um terceiro naquela relação específica. Aqui podemos relacionar as ideias de Derrida ([1995] 2001) trazidas no início do texto: as transformações tecnológicas na comunicação não interferem apenas no formato em que a comunicação está acontecendo, mas também no próprio conteúdo do que está sendo comunicado. Podemos afirmar, com o apoio de Derrida, que não se vive mais da mesma maneira aquilo que não é comunicado da mesma maneira.

Existem, porém, certas limitações importantes a serem abordadas ao tratarmos do atendimento psicanalítico via tela. Como, por exemplo, os gestos que não conseguimos ver pela câmera, ou seja, aqueles pequenos movimentos das mãos e dos pés, que por mais sutis que sejam, carregam bastante significado. Sobre isso, posso trazer o caso de um adolescente de 14 anos que atendi presencialmente. Durante as sessões, ele não retirava a máscara de proteção, mesmo a uma distância segura; entrelaçava uma mão na outra de forma angustiada, e ficava muitos períodos em um longo silêncio. Com o passar das sessões, ele foi ocupando o espaço de forma diferente; adquiriu mais familiaridade e até uma forma mais confortável de se sentar no divã. Percebi uma mudança maior no momento em que ele chegou em uma sessão sem a máscara: quando ofereci a ele uma máscara nova, ele negou, dizendo que não precisava mais. Durante esse mesmo período, pude observar que os gestos aflitos com as mãos foram diminuindo. Isso facilitou o processo analítico, pois ao se sentir mais à vontade, o analisando abordou temas sobre os quais não costumava falar anteriormente. Mas posso dizer aqui que muito provavelmente eu não teria percebido toda essa movimentação se nossas sessões tivessem sido somente em formato on-line, uma vez que a máscara jamais seria necessária e o gesto com as mãos não estariam em meu campo de visão.

Gostaria de reiterar aqui que meu objetivo não está sendo o de priorizar um tipo de atendimento em relação ao outro, ou afirmar

que existe uma eficiência maior em uma forma ou outra – presencial ou on-line. São atendimentos diferentes e com seus respectivos pontos positivos e pontos negativos. O que posso dizer é que a prática do atendimento on-line veio para ficar, a transformação tecnológica trouxe essa possibilidade de não apenas modificar a forma de comunicação, mas o discurso por inteiro. Sigmund Freud chega a discutir o uso das tecnologias de sua época, como a telegrafia, em seu texto de 1930 *O mal-estar na civilização*. Ele utiliza o exemplo da telegrafia para pensar o modo como as inovações tecnológicas podem afetar nossas relações sociais. De acordo com ele, as novas tecnologias aumentam a eficiência das comunicações, mas também podem criar novas formas de ansiedade e mal-estar, o que poderia produzir transformações na própria cultura (FREUD, 1930). O que Freud não teria como ter antecipado é a eficiência das tecnologias de comunicação na contemporaneidade e o modo como isso transforma não apenas as relações, mas tudo aquilo que é pensado, sentido e definido dentro das relações. Foi o que Derrida nos disse sobre a própria criação da psicanálise: se a correspondência com Fliess tivesse sido feita através de e-mails, ou mensagens de WhatsApp, os escritos de Freud não seriam iguais ao que conhecemos. Seriam algo diferente.

Acredito que o importante não é polarizar os argumentos em relação aos avanços tecnológicos como algo bom ou ruim, como acontece tão frequentemente. A tecnologia não é boa nem má, mas também não é neutra. Esse seria o ponto mais importante. Afirmar que a tecnologia não é neutra implica identificar seus limites e suas possibilidades, usando produtivamente a tensão entre os argumentos favoráveis e contrários à implementação das novas tecnologias no *setting* analítico. Dizer que ela não é neutra implica também que podemos pensá-la psicanaliticamente, a fim de avançarmos na interpretação dos diferentes aspectos das transformações da cultura na atualidade.

Referências

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FERENCZI, S. A elasticidade da técnica. In: _____. *Psicanálise, IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras Completas Sándor Ferenczi, 4). (Original publicado em 1928.)

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: _____. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos 1930-1936*. São Paulo: Cia das Letras, 2010. p. 13-122. (Obras completas, Vol. 18.) (Original publicado em 1930.)

REFLEXÕES SOBRE A PSICANÁLISE E O MUNDO VIRTUAL

ANA ELIZABETH BOTELHO¹⁵

Resumo: O mundo contemporâneo oferece pouca oportunidade de espaço – tempo para o desabrochar de um ser humano singular e criativo – pois oferta recursos tecnológicos em substituição ao encontro humano. Portanto, o presente artigo procura refletir o desafio atual da psicanálise, que está em conciliar este aspecto cultural com a prática clínica.

Palavras-chave: Relações Humanas. Psicanálise. Cultura. Mundo Virtual. Clínica.

***Abstract:** The contemporary world offers little space-time opportunity needed for the blossoming of a unique and creative human being, as it provides technological resources that replace human encounters. Therefore, this article seeks to reflect on the current challenge of psychoanalysis, which lies in reconciling this cultural aspect with clinical practice.*

Keywords: Human Relationships. Psychoanalysis. Culture. Virtual World. Clinical.

¹⁵ Psicóloga. Membro psicanalista. Psicanalista supervisora – SPCRJ.

Diante das inúmeras interfaces do mundo virtual com o ser humano, torna-se um desafio para a psicanálise acolher, reconhecer e converter um encontro virtual em um encontro analítico suficiente, capaz de dar conta dos sofrimentos que surgem na clínica contemporânea. Estamos conectados à Internet vinte e quatro horas por dia, o que torna os sujeitos cada vez mais hipertrofiados pela tecnologia.

As subjetividades se constituem com pouca presença de outro humano, e com menos oportunidades para experimentar os conflitos oriundos do confronto com as diferenças. Portanto, há um prejuízo da ética fundamental na convivência em sociedade, uma vez que o sujeito tem pouca chance de ser atravessado por ela.

Estamos vivendo um tempo em que não há espaço para o silêncio produtivo, para uma quietude que possa acolher o sentir, que favoreça a possibilidade de entrar em contato com a essência do ser e, a partir daí, deixar surgir a expressão genuína do si mesmo. Em outras palavras, está difícil estabelecer uma distância para o surgimento de uma experiência estética que possa despertar a imaginação e, com ela, fazer surgir o inédito. Hoje tudo é imediato, urgente e precisa estar acessível. Espera, tolerância e paciência estão quase obsoletas.

Fechar os olhos para amadurecer uma ideia ou durar em uma dúvida, é vivido como perda de tempo. E, com isso, o registro simbólico fica prejudicado e superficial, acarretando uma experiência que, muitas vezes, leva a um vazio existencial decorrente da dificuldade em produzir e nomear algo singular e autêntico.

Onde está o espaço psíquico na era digital? O pouco espaço para a subjetividade parece que coloca o contato humano em um lugar descartável, camuflado por uma dimensão dialógica ampliada, mas, ao mesmo tempo, sem a profundidade que só o estar com o outro pode oferecer.

Como diz Bonaminio em seu livro *Nas margens de mundos infinitos*: “Existe o risco de o analista ser como um relógio despertador analógico em uma era digital” (BONAMINIO, 2011, p. 321). Ele precisa ficar de frente para mudanças rápidas, transitórias ou totais que são inapreensíveis; mudanças na forma de pensar, representar e expressar realidades internas e externas.

Observo que os pacientes chegam sem muita noção de quem são e em busca de encontrar sentidos para sua existência e talvez espaço e tempo que ofereçam uma experiência de paz capaz de acolher suas singularidades. Trazem para a análise a ânsia de solucionar problemas do próprio viver, mas têm muita pressa. Eles carregam uma insatisfação acompanhada de dificuldades para representar, acarretando um grau de desorganização que acaba escoando pelo corpo, como uma doença da alma.

O descontentamento interno aparece nas dificuldades para aceitar o corpo, o envelhecimento e os limites da civilização. Gilberto Safra diz: “o estranhamento da corporeidade leva ao adoecimento psíquico” (SAFRA, 2006).

Esta é outra faceta que podemos observar. Ela está relacionada à experiência de corporeidade que hoje vem expressa em um investimento na homogeneidade da imagem, por exemplo: evitar rugas, pelos, manter a musculatura escultural, etc. Byung-Chul Han, em seu livro *A salvação do belo*, diz: “O liso é a marca do presente... O liso não quebra. Também não opõe resistência. Ele exige ‘likes’. O objeto liso extingue seus contrários. Toda negatividade é posta de lado” (HAN, 2019, p. 27).

A valorização do liso caminha na direção de uma busca de facilitação e de perfeição estética que afastam o sujeito daquilo que o diferencia dos outros e, ao mesmo tempo, da sua condição vulnerável inerente ao humano. Conseqüentemente, ele se vê solto, sem capacidade de estabelecer laços que afetem e enraizem na comunidade humana. As relações que consegue estabelecer são virtuais, através das redes sociais e em sua maioria superficiais e/ou utilitárias.

São sujeitos onipotentes que persistem em um nível de narcisismo primário que não é convertido em secundário, impedindo que alcancem satisfatoriamente as realizações sublimatórias. As relações com os outros estão movidas pela comparação, competição e inveja, portanto, em busca de encontrar uma grandeza ilusória e negando a percepção de sua verdadeira dimensão e potência.

As limitações e imperfeições deixam espaços vazios para o surpreendente, para o escondido, para saborear as experiências aos poucos, arejam para acolher um gesto criativo. No liso tudo

é devorado, consumido de uma só vez, não há interioridade nem nada está oculto para incentivar a curiosidade e com ela a criatividade.

A falta de marcas esvazia a possibilidade de contestar, pensar, avaliar, julgar, trocar diferenças, etc. e, por isso, esvazia a possibilidade de encontro. Na cultura do liso tudo está posto, não há nada para decodificar, logo diminui o risco de frustrar ou machucar. Não é outra coisa além do que está posto. Não demanda adaptações ou ajustamentos, por exemplo, muitos querem ter a mesma boca com botox, as cirurgias plásticas que buscam homogeneidade. Trata-se de um movimento que está na contramão da psicanálise, a qual, através da transferência, busca encontrar o elemento afetivo implícito no sintoma, para que os sujeitos sejam únicos, inéditos e se apropriem de suas fragilidades, potências, peculiaridades e criatividade e possam expressá-las de forma genuína no comportamento social, construindo assim uma narrativa para a história de sua existência.

Novamente, nas palavras de Gilberto Safra: “Estamos sempre entre a origem e o fim. O nascer e o morrer. E para suportar esse trânsito é preciso criar uma concepção a respeito da origem e da morte” (SAFRA, 2005, p. 165).

Parece que a cultura atual empurra o sujeito para buscar alternativas que evitem esse trabalho de conceber recursos maduros para aceitar e lidar com o desamparo inerente à condição humana. Há um descontentamento interno que aparece nas dificuldades para aceitar o corpo, o envelhecimento e os limites da natureza humana e da vida em sociedade. Observamos necessidades de trocar o corpo, ter relações amorosas múltiplas, dificuldades em fazer escolhas de qualquer natureza. Será isso a expressão de uma obediência a desejos primitivos a qualquer preço, negando as condições físicas e culturais em que o sujeito está inserido?

Parece que há uma busca incansável de tornar a fantasia realidade sem espaço para ajuste, adiamento ou sublimação nem para compartilhar verdadeiramente em um encontro que considera a existência da cultura que o cerca e de um outro diferenciado. Há um certo tipo de legitimação progressiva, do que Tustin chama de “autossensorialidade autística” (BONAMINIO, 2010, p. 323). Para

uma reflexão sobre a cultura, trago novamente as palavras de Bonaminio:

Em todas as fases da vida objetos culturais estão presentes, não como uma função acessória para o desenvolvimento psíquico, mas como um ponto de nexos fundamental, uma síntese do criado-encontrado (para utilizar o termo de Winnicott). Esses objetos culturais permitem uma osmose de mão dupla entre exterior e interior, e fornecem ao indivíduo a capacidade de se “autossustentar” por garantirem certa estabilidade aos limites do ser ou, podemos dizer, ao seu senso de subjetividade, na medida em que objetos culturais são capazes de transformar incessantemente o ser pela expansão dos seus limites através da experiência. (BONAMINIO, 2010, p. 324)

Contemplar implica aprofundar em um mergulho em si mesmo abrindo espaço para acolher algo externo e novo. Na cultura atual, embora os sujeitos cada vez menos parem para contemplar, paradoxalmente, investem na valorização do olhar, design de sobrancelhas, cílios postiços, botox. São seres sem passado e sem presente que manifestam uma necessidade de aparecer, de mostrar essa superfície atual, a imagem, uma embalagem de sujeito incluído nessa cultura que valoriza a aparência e o agora.

Há uma dificuldade de mapeamento do corpo de forma integrada, a dor está difusa em partes, e o prontuário médico ou as cirurgias plásticas é que vão construindo a identidade. Tudo isso parece que é uma tentativa de burlar as condições humanas primordiais: a vulnerabilidade, o desconhecimento sobre sua origem e seu destino e o fato de que o ser humano faz parte da natureza.

O mundo virtual enfatiza o narcisismo em detrimento do confronto com a alteridade. No excesso de fotos de si mesmos, os indivíduos experimentam sua própria imagem. Como diz Byung-Chul Han, há um “culto ao close, o rosto aprisionado e o restante desfocado” (HAN, 2019, p. 23).

Experimentam o próprio desejo de viver de si para si, ou do que imaginam sobre o outro. Há pouca oportunidade para uma experiência de encontro, de surpresa, frustração, prazer ou estranhamento característicos do encontro humano. Não há alternância en-

tre presença e ausência, entre prazer e desprazer, presente e futuro, etc. Tudo tem que ser constante, prazeroso e imediato. Portanto, ou está dentro do previsível ou é descartável. Não há mistério, espera ou tempo de elaboração para descobertas.

O engano, o feio, o inadequado, o que não deu certo não pode aparecer. Há uma exigência de sucesso administrada pela exposição exaustiva que vicia o olhar, gera inveja, e impede a possibilidade de admirar, saborear, fluir e criar. E, então, pela falta de ferramentas emocionais e de consistência simbólica para lidar com os imprevistos, há uma paralização total, quase morte, e muitas vezes crises de pânico, depressões sérias e até suicídio.

Hoje não se entra na Internet, já estamos nela; nossas vidas e nosso tempo estão tomados pela digitalização da vida humana. Com a pandemia, foi possível usufruir concretamente dos benefícios que essa ferramenta trouxe para a humanidade, mas, ao mesmo tempo, houve a transformação acelerada de seu uso e chegou aos nossos consultórios. Cabe então pensarmos como isso se coloca na relação terapêutica.

O atendimento virtual rompe com a noção da experiência tridimensional do espaço, altera-se a corporeidade de paciente e analista, ao mesmo tempo em que alguns limites se abrem e modificam completamente a configuração do trabalho analítico.

A questão do público e do privado se impõe alterando também o espaço imaginativo da dupla. Há pacientes que precisaram mostrar sua casa, seus animais de estimação e objetos prediletos, enquanto outros conseguiram prosseguir procurando construir em sua casa um *setting* privado e acolhedor. Enfim, podemos dizer que o mundo virtual tem convocado os analistas para muitos desafios.

Há pessoas que aprisionam o rosto do analista numa busca exaustiva de espelhamento que torna difícil a atenção flutuante do analista e a associação livre do paciente. São pacientes que exigem um olhar *constante*, porém, ao mesmo tempo, expressam através de olhar pouco profundo uma angústia ainda sem nome, muito primitiva. Às vezes, temos a sensação de que o cuidado terapêutico está restrito a atender essa necessidade de espelhamento e testemunho do analista para que possam sentir que existem para além

da performance ou da imagem do corpo. A análise nesse caso é o lugar da nomeação do que ainda não foi simbolizado e do surgimento da apropriação da própria identidade.

Para lidar com essa angústia surgem diferentes defesas, como, por exemplo, a relação com a aquisição de conhecimento. A Internet possibilita o acesso a diferentes conteúdos produzidos por diferentes pessoas; pode ser acessada de qualquer ponto do espaço e tempo, com alguém em qualquer outro ponto. Sendo assim, rompe com a assimetria do conhecimento tradicional e propõe uma forma de conhecimento colaborativa e comunitária, torna-se horizontal e coletiva, de forma cognitiva, porém, prevalecendo o aspecto intelectual em detrimento do emocional, enfraquecendo a relação humana e a intimidade inerente a ela.

Uma das defesas atuais contra a depressão é o culto à informação. “A informação como forma pornográfica de sabedoria”, como diz Byung-Chul Han (HAN, 2019, p. 20), pois a informação está a serviço de um *status*, habita um tempo presente indiferenciado, esvazia a experiência de personalidade, de sentido e de encontros éticos constitutivos, fica solta e dá sensação de vazio existencial. O sujeito tem a informação, mas não consegue aplicá-la criativamente. Enquanto a sabedoria relaciona passado e futuro, transmitindo um acontecimento inédito e transformador que preenche e dá sentido à existência. Construir sabedoria implica ter calma, poder aceitar a própria ignorância e as limitações que a natureza impõe. O excesso de informação pode levar a uma dispersão que paralisa e causa ansiedade.

Termino com uma questão: podemos pensar que a ampliação da qualidade de vida pelo desenvolvimento tecnológico e pela cognição contribuiu para o ser humano ficar mais artificial e, por isso, a clínica psicanalítica hoje passa a ser um lugar constitutivo de experiência e vai entrando onde a ausência da família extensa e da comunidade foram perdidas?

Referências

ANDRADE, V.M. *O narcisismo e o mal-estar na Civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 2014.

BONAMINIO, V. *As margens de mundos infinitos*. Rio de Janeiro: Imago, 2011.

FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. *Obras completas*. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Trabalho original publicado em 1912.)

_____. As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. *Obras Completas*. Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1980. (Trabalho original publicado em 1910.)

HAN, B.C. *Sociedade da transparência*. Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. *A salvação do belo*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PONTALIS, J.B. *Entre o sonho e a dor*. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

SAFRA, G. *A face estética do self*. Aparecida: Ideias e Letras, 2005.

_____. *Reinventando a clínica contemporânea*. DVD da Série Formação Clínica de Gilberto Safra, 2006.

WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Artes Médicas, 1975.

DESAFIOS E POSSIBILIDADES DA VIRTUALIDADE NA PSICANÁLISE

CAROLINA VIDAL¹⁶
PÉROLA SAUWEN¹⁷

Resumo: O artigo traz uma reflexão sobre a transformação do manejo clínico e formas de subjetivação que ocorreram durante, e após, o distanciamento social decorrente da pandemia de Covid-19. Essa reflexão se dará, principalmente, a partir de observações em nossa própria clínica e uma breve leitura relacionada ao pensamento do psicanalista Sándor Ferenczi sobre trauma.

Palavras-chave: Subjetividade. Pandemia. Atendimento On-line.

***Abstract:** The article reflects on the transformation of clinical management and forms of subjectivation that occurred during, and after, the social distancing resulting from the Covid-19 pandemic. This reflection will take place, mainly, from observations in our own clinic and a brief reading related to the thought of the psychoanalyst Sándor Ferenczi about trauma.*

Keywords: Subjectivity. Pandemic. Online therapy.

¹⁶ Psicanalista, membro associada da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle – SPID.

¹⁷ Psicanalista. Graduação em Psicologia pela PUC-Rio.

Não se pode negar que a pandemia produziu um novo tipo de sujeito com novas configurações sintomáticas e, atualmente, a psicanálise está explorando formas de se lidar com isso.

O período da pandemia nos deixou de frente para várias novas questões em nossas clínicas. De início, vimo-nos precisando romper de forma muito radical com o *setting* analítico formal. Isso provocou uma mudança em nós enquanto psicanalistas e gerou, também, uma necessidade de reformatação de um estilo de linguagem e escuta que nos era familiar.

Por um lado, a psicanálise poder se dar em um formato virtual trouxe inúmeras vantagens, dentre elas uma maior possibilidade de acesso de diferentes tipos de pessoas ao processo de análise. Por exemplo, hoje atendemos pessoas que moram fora do Brasil e que antes não faziam análise porque, por mais fluentes que sejam na língua do país em que vivem, fazer análise em uma língua que não é a língua materna tem um efeito diferente, psiquicamente. Impossível não nos remetermos a Ferenczi com seu brilhante texto *Confusão de Línguas entre os adultos e as crianças* (1933) e os efeitos traumáticos que essa confusão pode provocar. Além disso, não podemos deixar de evocar o texto *Ferenczi com Paul Preciado* (2022) de Jô Gondar, no qual ela nos diz que o Império austro-húngaro consistia, na verdade, o domínio da Áustria sobre a Hungria. O alemão se tornou então o idioma falado nas universidades, nos contratos, nas situações oficiais. O magiar – idioma húngaro – resistiu como língua da casa, da intimidade, do afeto, das brigas e dos amores. Quando a psicanálise entra na Hungria, ela se faz em magiar. Daí a ligação que existe, na psicanálise húngara, e em Ferenczi em particular, entre afeto e resistência política (GONDAR, 2022).

Outro exemplo, é o fato de algumas pessoas que não conseguiam se deslocar até o endereço do consultório – seja pela distância ou até mesmo pelo dinheiro necessário nesse deslocamento – agora conseguirem fazer sua análise de casa, na distância de uma mão (ao ligar a câmera do celular ou do notebook).

Nossa construção subjetiva se dá todos os dias, ela “não cessa de não se inscrever”, como diria Lacan. A subjetividade que se dá no virtual é apenas uma outra forma de subjetividade. Muito bonito ver como um grande número de relações transferenciais foram

capazes de suportar e se sustentar com a distância física, através do afeto.

Em relação a isso, iremos citar aqui o caso de uma analisanda que veio em três encontros no consultório e não tinha nenhum traquejo social ali presencialmente. Inibida, não falava, apenas respondia às perguntas com sim ou não. Um dia, ela sugeriu fazer suas sessões on-line e o cenário mudou, literalmente e simbolicamente. Falante, mostrou as coisas de seu quarto, quadros, desenhos. Pôde se apresentar. E a partir daí, um corpo possível surgiu. O mundo virtual, como podemos perceber, facilita sim muitas coisas e trouxe novas possibilidades para o processo psicanalítico. Mas, também há efeitos nocivos que não podemos deixar de olhar. A Internet é o lugar onde todas as coisas estão. Porém, sem corpo.

Passamos dois anos imersos no mundo virtual, sem a fisicalidade, ou com muito pouco de fisicalidade. Como fica isso? Quais efeitos disso no sujeito? O que vamos começar a ver chegando nos consultórios daqui para a frente? Temos que pensar nos efeitos disso. Principalmente no adolescente, no jovem, que é O grande usuário da Internet e que passou dois anos vivendo uma experiência de vida praticamente inteira on-line.

Para citar outro caso, agora em 2023, uma jovem de 19 anos chega ao consultório buscando análise exatamente por conta dos efeitos da pandemia. Quando questionada sobre como foi essa experiência, ela responde que a pandemia é um grande borrão em sua vida. Não se lembra, literalmente, de dois anos da sua vida. Ela perdeu dois anos de vida, em vida.

Não saía da cama, não saía do quarto, dormia o dia inteiro, parou de comer (perdeu o apetite pela vida). Podemos pensar aqui numa vida sem desejos. Apesar de uma dita “boa relação” com a família (mãe, pai e irmã), eles não sabiam se comunicar entre si. Cada um fechado em seu quarto vivendo em seu próprio mundo virtual particular.

Este caso específico nos faz pensar num curta-documentário da Netflix chamado “A Vida em Mim” (2019). Este fala sobre crianças refugiadas na Suécia, traumatizadas da guerra, que desenvolvem uma síndrome chamada “Síndrome da Resignação”. Elas ficam em um estado semelhante ao de um coma, isolando-se do mundo, às

vezes por anos. No documentário, vemos o exemplo de uma criança de 7 anos que está inconsciente, dormindo há 5 meses. A médica diz aos pais que a jovem está dormindo como a Branca de Neve, num sono profundo, porque tudo ao redor dela está ruim. Ela está como que num estado de espera de tempos melhores.

Importante pontuar que não temos o intuito de ser maniqueístas aqui, dizendo se a virtualidade é boa ou má. Sabemos que tem efeitos bons e efeitos ruins. O que queremos sinalizar é que a psicanálise como era antes não existe mais. Precisamos ser capazes de nos adaptar aos novos tempos, caso contrário, ficaremos obsoletos. No entanto, adaptar-se não significa que seja sem ética e sem um pensamento crítico sobre os efeitos deste novo momento, no qual estamos lidando com os efeitos da pandemia e o acesso às possibilidades virtuais no atendimento psicanalítico.

Referências

DOCUMENTÁRIO. *A vida em mim*. Direção e produção Kristine Samuelson e John Haptas. Suécia; EUA: Stylo Films, 2019. (40 min). Disponível em: <https://www.netflix.com/br/>. (Acesso em: 28 mai 2023.)

FERENCZI, S. Confusão de língua entre os adultos e a criança. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 97-106. (Trabalho original publicado em 1933).

GONDAR, J. Ferenczi com Paul Preciado: por uma psicanálise minoritária. In: REIS, E.S; GONDAR, J. (Org.). *Com Ferenczi – O coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*. São Paulo: Zagodoni, 2022.

ATENÇÃO ROUBADA E REALIDADE SEM CORPOS: UMA REFLEXÃO SOBRE O SOFRIMENTO ATUAL NO MUNDO VIRTUAL

RODRIGO VENTURA¹⁸

Resumo: O sujeito atual encontra-se desatento a si e ao que está próximo, capturado pelo mundo digital em uma realidade distante, sem corpos e repleta de intimidade artificial. Refletir sobre o funcionamento da vida virtual e seus efeitos subjetivos é fundamental para compreender e acolher aquele que sofre.

Palavras-chave: Atenção. Internet. Vício. Narcisismo. Corpo. Outro.

***Abstract:** The current subject finds himself inattentive to himself and to what is close, captured by the digital world in a distant reality, without bodies and full of artificial intimacy. Reflecting on the functioning of virtual life and its subjective effects is fundamental to understanding and welcoming those who suffer.*

Keywords: Attention. Internet. Addiction. Narcissism. Body. Other.

¹⁸ Psicanalista, membro do EBEP (Espaço Brasileiro de Estudos Psicanalíticos). Graduado em Filosofia pela UERJ. Pós-graduado em Filosofia Contemporânea pela PUC-Rio. Mestre e Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ.

Preâmbulo: a relação entre sujeito e cultura

O que nos comove não muda: o sofrimento do sujeito. O que muda, sem cessar, é o sujeito, sempre atravessado pela cultura do seu tempo. O sujeito seria um instante, sempre único e inacabado, de um processo de subjetivação que varia ao longo do tempo. O sujeito é sempre histórico. Os modos de subjetividade são efeitos das dinâmicas sociais, bem como a sociedade é uma construção coletiva dos sujeitos que a compõem.

Portanto, é fundamental entender na atualidade: como esse sujeito se constitui? Como vive? Como se relaciona consigo e com o mundo? Como responde às exigências de si e do mundo? Como sofre? Como encontra saídas? Caso contrário, nenhuma clínica psicanalítica é possível.

Nessa direção, atravessados pelo tema do ano de 2023 da SPCRJ: “Psicanálise e Virtualidade – Limites e Possibilidades”, a ideia principal deste artigo é refletir sobre o funcionamento do complexo internético (com seus mais diversos dispositivos, equipamentos e sistemas) e seus efeitos subjetivos, para que seja possível compreender e acolher o sofrimento daquele que chega em nossa clínica.

Introdução: a importância do momento que estamos vivendo

Nos recentes livros de Jonathan Crary: *Terra arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista* (2023) e de Max Fisher: *A máquina do caos: Como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo* (2023), fica muito claro que estamos vivendo um momento prometeico. Um daqueles momentos na história em que são descobertas ferramentas, tecnologias ou fontes de energia tão diferentes do que já existia, que não vão simplesmente mudar uma coisa, mas que podem mudar tudo, inclusive para pior.

Na última vez em que uma tecnologia tão poderosa assim foi inventada, criamos a energia nuclear, que pode ser usada para iluminar um país inteiro ou destruir todo o planeta. Trata-se do nível

de desenvolvimento atual do que acabamos de chamar de complexo internético, que nitidamente está dando um salto quântico em todo o seu poderio.

Nunca existiu tanta capacidade de processamento e armazenamento de informação, com mais de 8 bilhões de *smartphones* conectados em alta velocidade à Internet, todos dotados de redes sociais e plataformas digitais turbinadas tanto por algoritmos de inteligência artificial cada vez mais persuasivos quanto por tecnologias de realidade virtual cada vez mais imersivas.

Toda essa parafernália tecnológica exerce uma força de atração muito poderosa na psiquê dos sujeitos, sendo capaz de transformar a forma como pensamos, como nos comportamos e como nos relacionamos uns com os outros. Seus algoritmos funcionam como uma espécie de *hacker* da alma, explorando pontos vulneráveis na psicologia do ser humano para invadir e controlar. Esse efeito, multiplicado por bilhões de usuários, tem sido a transformação da própria sociedade.

Nos últimos anos, executivos das diversas plataformas digitais perceberam que seus algoritmos estavam impulsionando desinformação perigosa (por exemplo: *fake news* antivacina e com diversas teorias da conspiração) e discursos de ódio (por exemplo: contra minorias étnicas e contra opositores políticos). O efeito disso na realidade compartilhada é a interferência indevida nos processos eleitorais, o aumento da violência social e até da quantidade de mortes desnecessárias.

E para evitar essas tragédias bastaria que se apertasse um só botão, mas esses executivos se recusaram a apertá-lo por medo de prejudicar o tráfego e diminuir suas receitas. Não restam dúvidas de que as redes sociais estão matando gente e intensificando impulsos que estão entre os piores da humanidade. As corporações *big techs* estão sacrificando propositalmente a segurança dos usuários, de sociedades inteiras e até da própria democracia em prol da maximização de seus lucros.

Só para se ter uma ideia do momento delicado que estamos vivendo, no mês de março de 2023 mais de mil pesquisadores e especialistas do setor de tecnologia publicaram uma carta aberta conclamando empresas do mundo inteiro a realizarem uma pausa

de seis meses no desenvolvimento de novas ferramentas de inteligência artificial diante do que chamaram de perigosa corrida armamentista.

A grande questão é que essas ferramentas aprendem e se desenvolvem exponencialmente sem o controle humano direto e, em um espaço de tempo muito curto, evoluíram da mera sugestão individualizada de conteúdo para a produção criativa de conteúdo.

Uma desaceleração é fundamental para se pensar protocolos mais seguros de controle dessas tecnologias, lembrando que essa agenda tecnológica está nas mãos de poucas e enormes empresas transnacionais, competindo por capital, que estão transformando a vida social em um grande laboratório em nome de maiores lucros.

Não se trata de um movimento em busca de um mundo *offline*, mas, sim, de tentar aplicar o princípio da precaução, tão comum em outros campos da ciência, como por exemplo: a bioética das pesquisas com clones humanos. É muito importante discutir e implementar uma regulamentação dessas tecnologias operada pelo Estado em conjunto com a sociedade civil, uma espécie de Anvisa dos algoritmos.

Atenção roubada

Estar conectado à Internet é estar afogado em um mar de informações. O que a informação consome é bastante óbvio: ela consome a atenção de seus destinatários. Não restam dúvidas de que a fartura de informações cria um déficit de atenção.

Não existe tecnologia neutra. O objetivo central é capturar o máximo possível de tempo e atenção dos usuários, utilizando forças de persuasão em proporções industriais, especialmente porque essas tecnologias funcionam na escala de bilhões de mentes.

As plataformas digitais são projetadas e construídas expressamente para manipular a nossa atenção. O alvo é claro: manter gente vidrada na plataforma pelo maior número de horas possível, rolando a tela do celular totalmente abduzida. Quanto mais tempo “fazendo uma coleção de nadas” (como diz uma paciente minha), maior o faturamento.

Hoje existe um fenômeno curioso: as pessoas, em geral adoles-

centes, ficam horas assistindo alguém jogando um jogo de videogame (*streamando*), ou pior, ficam assistindo alguém assistindo e reagindo a algum vídeo qualquer (*react*). É o fazer nada levado às últimas consequências.

A publicidade digital é de longe o modelo de negócios dominante para monetizar as informações na Internet. Muitas das plataformas digitais mais usadas no mundo, como Google, Facebook, YouTube, Twitter, TikTok e Instagram, são na verdade empresas de propaganda.

O intuito é não apenas satisfazer os desejos existentes dos seus usuários, mas principalmente criar desejos de consumo novos. É nesse contexto que os *instagramers*, *tiktokers* e *youtubers* do mundo inteiro se transformam em influenciadores digitais, monetizando sua capacidade de estimular o consumo, provavelmente supérfluo, de milhões de pessoas, provavelmente ingênuas e desavisadas.

O conceito de *clickbait* (caça cliques) é emblemático dessa competição mesquinha por nossa atenção. Quem nunca se deparou com um link assim: “você não vai conseguir parar de chorar quando souber como está vivendo tal atriz”? Essas plataformas utilizam algoritmos de inteligência artificial, incrementados por métricas de engajamento de usuário, táticas de impulsionamento de informação, técnicas de programação persuasiva, rastreamento ocular e até codificação facial, para manipular e controlar os cliques dos usuários. O complexo internético é um GPS que funciona no sentido contrário. Hoje são eles que direcionam os nossos pensamentos, emoções e ações. O setor de tecnologia não está projetando produtos, mas, sim, programando usuários e usando-os para ganhar milhões com sua pretensa liberdade de navegação na rede.

Mas a atenção não tem a ver apenas com o que você está fazendo agora. A atenção tem a ver com seu modo de se conduzir por todas as áreas da vida, com quem você é, com quem você quer ser e com a maneira como define e corre atrás dessas coisas. Além disso, a atenção é a mediação com o mundo da qual tudo aquilo que nós chamamos de realidade precisa para ser representada. Estar desatento é estar distante da realidade que nos cerca.

A reflexão é a maneira pela qual concentramos a atenção sobre nossa própria atividade de pensamento, a fim de questionar nossas

crenças e motivações. As tecnologias que roubam nossa atenção inibem nossa capacidade reflexiva. O contato imediato entre olho e o *smartphone* acontece sem qualquer intervalo de reflexão. Essa é a diferença entre um livro e o YouTube, entre um leitor crítico e um espectador passivo.

As pessoas verificam seus telefones uma média de 150 vezes diariamente e os tocam com as mãos mais de 2.600 vezes num só dia, o que resulta num volume enorme de reflexão potencial não realizada. A inteligência artificial está fomentando a estupidez natural de seus usuários.

James Williams em seu livro: *Liberdade e resistência na economia da atenção: como evitar que tecnologias digitais nos distraiam de nossos verdadeiros propósitos* (2021) nos ajuda a expandir um pouco mais o conceito de atenção. O facho de luz da nossa atenção é a capacidade imediata de nos conduzir em nossas atividades e permitir que façamos o que queremos fazer. O farol de luz da nossa atenção é a capacidade mais ampla de navegação da vida por nossos objetivos e valores mais elevados e permite que sejamos quem queremos ser. A luz do dia da nossa atenção são as capacidades fundamentais como reflexão, cognição, razão e inteligência, que são essenciais para definir nossos objetivos e valores e permitem querer o que queremos querer.

Com a cabeça afundada em nossos celulares, estamos permitindo que a luz como um todo da nossa atenção seja roubada, perdendo a capacidade de dar atenção às coisas que realmente importam e, pior, perdendo-nos de nós mesmos. O preço da atenção roubada são as vidas que poderíamos ter vivido.

Na verdade, na medida em que a economia da atenção busca capturar e explorar desejos, ações, decisões e, em última análise, vidas humanas, podemos vê-la como uma espécie de traficante de pessoas. A tecnologia digital está abduzindo seus usuários e produzindo *walking deads* viciados e dormentes.

Excesso de excitação e vício

Em seu livro *Sociedade excitada: filosofia da sensação* (2010), Christoph Türcke nos alerta que estamos todos expostos a um

bombardeio audiovisual, afogados na torrente de estímulos emitida pelos nossos celulares.

O choque audiovisual estressa e desgasta o aparelho perceptivo. A sobrecarga sensorial que emana do *smartphone* fragmenta a atenção e desestabiliza a psiquê. Esse excesso de estimulação causa a dormência dos sentidos e asfixia nossa sensibilidade.

Precisamos de sensações cada vez mais fortes. Ou o volume está no máximo ou estamos condenados ao tédio. Alheios ao que se passa ao redor, estamos dormentes às intensidades sutis da vida.

O estímulo comparece e a mente comemora. É o mesmo princípio de funcionamento do vício. É um fogo de palha que se apaga quando o estímulo cessa. A excitação é fugaz e não duradoura, não cria raízes, não adquire significado e não produz memória. Memória é diferente de armazenamento. O *big data* acumula informação sem construir uma história. Trata-se de percepções sem memória, causando um empobrecimento da geografia psíquica e uma atrofia subjetiva.

A primeira e a última coisa à qual a maioria de nós faz no seu dia é olhar o celular, e entre essas duas coisas verificamos sem parar esses equipamentos. A repetição compulsiva desse ato junto com a insistência dos estímulos e suas recompensas prazerosas constroem o labirinto do vício.

O *smartphone* é um cassino que cabe no bolso. Adestramo-nos a responder a qualquer ansiedade ou oscilação do nosso humor de um jeito simples: basta apertar um botão no caça-níqueis mais onipresente da história. Estamos diante da *gamificação* da vida com suas recompensas autocalmantes, imediatas e viciantes.

Está mais do que claro que as empresas que controlam o complexo internético estão realizando experimentos sociais de manipulação dos afetos e dos hábitos dos seus usuários, visando o engajamento destes em comportamentos monetizados e viciantes.

Aqui vale fazer uma ressalva sobre o consumo excessivo de pornografia na Internet. Mais de 30% de todo o tráfego da web está relacionado à pornografia, que movimenta mais de 5 bilhões de dólares por ano. Sem nenhum moralismo, a questão aqui são os estragos subjetivos provocados pelo vício em vídeos pornô, em especial o desinteresse e/ou medo de milhares de jovens pela prá-

tica sexual corpo a corpo. A fixação autoerótica e a distância do corpo do outro andam de mãos dadas.

O complexo internético não nos torna obedientes, mas dependentes e viciados. Em vez de quebrar nossa vontade, ele atende às nossas necessidades. É permissivo e não repressivo, fazendo-nos aceitar passivamente suas rotinas on-line entorpecedoras como sinônimo de vida.

Nesse ambiente tóxico, acontecem desfigurações de todas as noções não quantificáveis de valor. Cada um de nós é diminuído pela veneração às estatísticas: número de seguidores, cliques, visualizações e compartilhamentos. É o império do eu quantificado.

Aldous Huxley já afirmava em seu livro *Admirável mundo novo* (1932) que os piores adversários da liberdade no futuro emergiriam não das coisas que tememos, mas daquelas que nos dão prazer.

Realidade sem corpos

Guy Debord em seu profético livro *Sociedade do espetáculo* (1967) afirma que tudo o que era diretamente vivido se esvai na fumaça das imagens, que fluem desligadas de cada aspecto da vida. Nesse nevoeiro imagético, o espetáculo não é só um conjunto de imagens que circula pelo tecido social, mas a relação social em si mesma mediada por imagens. Para esse autor há uma distância entre a vida e a imagem. A imagem cadaveriza a vida viva. Não há corpos, apenas imagens dos corpos.

Segundo Byung-Chul Han, em um de seus livros mais recentes: *Não coisas: reviravoltas do mundo da vida* (2022), hoje nos encontramos em uma transição da era das coisas para a era das não coisas. As informações, isto é, as não coisas, interpõem-se às coisas e as fazem desaparecer. A digitalização da vida descoisifica e desincorpora o mundo. Nós não habitamos mais a terra e o céu, mas o *Google Earth* e o *Icloud*. O mundo vai deixando de ser palpável e tangível.

Perdidos na nuvem de informação nos tornamos cegos às coisas silenciosas, discretas e ordinárias do mundo, que nos ancoram no ser, pois as coisas, em sua materialidade, são polos de repouso e estabilidade da vida. Mas no meio desse *fog* digital, a libido se

desvia das coisas e ocupa as não coisas, tornando-nos todos “informaniacos” e “datassexuais”.

O mundo digital é sem história e sem memória e por isso mesmo ele fragmenta a vida. Os *stories* também não são uma história, já que o tempo digital se desintegra em uma mera sequência de presenças pontuais, faltando-lhe continuidade narrativa. Tudo o que estabiliza a vida humana demanda uma duração prolongada. Vínculo e compromisso são práticas que exigem dedicação de tempo continuada.

A digitalização intensifica a desrealização do mundo ao fragmentá-lo e enfraquece nosso senso de realidade. As informações agora circulam sem nenhuma referência à realidade. As informações não mais informam, mas deformam o mundo. As *fake news* são parte desse processo de distanciamento da realidade.

Estamos perdendo a compreensão corpórea do mundo, capturados em rotinas on-line repletas de imagens sem corpo. O sujeito olha o mundo através do celular, não tem contato físico com o mundo, não percebe as vibrações materiais da realidade e se relaciona através das imagens. A mediação com o mundo é feita pela tela e a lógica da distância se impõe no espetáculo sem fim. Guy Debord nunca foi tão atual.

Mas a grande questão é que não é possível entrar em uma relação com a informação ou a imagem. A relação pressupõe uma contraparte independente, uma reciprocidade, um “você”. A enxurrada de objetos digitais resulta em uma perda de mundo e uma erosão do outro.

Narcisismo e erosão do outro

A dinâmica das redes sociais torna o sujeito mais competitivo pela atenção de outras pessoas, gastando cada vez mais tempo na tentativa de aplicar filtros em sua imagem e de inventar coisas para publicar capazes de receber mais atenção. Atrair a atenção passa a ser um valor em si mesmo. Esse é o jogo de máscaras da Internet, que marca a derrocada de qualquer forma de autenticidade.

Para além das *fake news*, estamos na era da *fake life*, uma espécie de curadoria da vida marcada pelo autoengano e pelo desespe-

ro de maquiar o vazio da própria existência. É o sujeito da era da pós-verdade de si mesmo.

Eis a nova versão do cogito cartesiano: publico uma foto e recebo *likes*, logo existo. A legitimação de si pelo olhar do outro aponta para uma infantilização generalizada. É um modo de vida constituído pela visibilidade. Se eu não apareço, não tenho valor. A imagem se torna o único critério de avaliação de si e do outro. Na sociedade da performance a medida do desempenho é imagética.

Não é a materialidade do corpo que importa, mas, sim, a imagem do corpo sempre submetida aos padrões de perfeição estética cada vez mais impossíveis de alcançar. Existe uma relação disso com a proliferação de distúrbios alimentares e procedimentos estéticos na atualidade.

Não é à toa que a *selfie* é uma das marcas dos nossos tempos. A câmera fotográfica deu as costas para o mundo. Vivemos a tirania de uma intimidade exteriorizada, uma exigência de transparência, uma total iluminação da alma, que produz a carbonização de qualquer mistério ou sombra.

Há uma derrocada da privacidade e uma tentativa de dar fim à opacidade subjetiva. Tudo é exposto e os sujeitos se tornam mercadorias. A sociedade exposta é uma sociedade pornográfica. O erótico é bem diferente do pornográfico, pois neste último tudo está para fora. É a decadência da fantasia, da imaginação e do segredo.

Todos colaboram livremente desnudando-se a si mesmos em busca de quantidades de *likes* cada vez maiores. O melhor exemplo disso é a plataforma *Onlyfans*, em que a monetização da própria imagem é levada às últimas consequências.

Esse ciclo de retroalimentação da validação social aumenta o narcisismo em nosso tempo. Não é só que as curtidas fornecem o reconhecimento cuja obtenção investimos tanta energia, é que elas oferecem essa validação com um imediatismo e uma escala que até então era desconhecida na experiência humana.

O sofrimento aparece justamente quando essa validação social não comparece. Quando o número de visualizações diminui, a vergonha e o esvaziamento do amor próprio aumentam. Foi perce-

bendo os efeitos negativos na saúde mental de seus usuários que o Instagram há uns anos ocultou o número de curtidas de cada foto publicada. Mas eles já voltaram atrás. O cuidado com o bem-estar dos usuários não resiste a qualquer oscilação das receitas.

Não há nada de errado em querer a atenção de outras pessoas. É simplesmente humano. O problema é a dependência disso. Quanto mais dessas pequenas e gratificantes validações sociais o sujeito recebe, mais quer receber. Atenção, vício e narcisismo estão entrelaçados.

O sujeito tem o mundo todo na palma da mão, aprisionado em bolhas identitárias. O mundo tem de se adaptar totalmente a ele. Ou é espelho ou é inimigo. O *smartphone* reforça o autocentramento e a lógica da distância. O sujeito se retira em uma bolha que o blinda do outro. A digitalização faz o outro desaparecer com toda a sua diferença e materialidade corpórea.

Este novo ser humano que está nascendo ao nosso redor e dentro de nós é, na verdade, sem mãos, ele não pega mais na fisicalidade das coisas. O sentido do tato é destruidor da distância, ele desmistifica e profana o mundo. Mas o tato desaparece na tela lisa e fria dos celulares.

Hoje estamos conectados em todos os lugares, mas sem estarmos vinculados uns aos outros. Conexão em rede não é igual a relacionamento, que pressupõe um contato sem distância. Somos sujeitos Wi-Fi, hiperconectados à nuvem, mas totalmente desconectados do mundo. A conectividade sem limites não produz relação, pelo contrário, tem um efeito isolador. Temos um milhão de amigos e não cativamos ninguém. Isso produz um sujeito solitário, sem mundo e depressivo.

Existe uma ilusão de encontro no mundo digital, mas o encontro material é uma imersão, uma habitação de uma atmosfera que afeta nossos sentidos, é um respirar juntos. O mundo virtual assoreia as vias capazes de estabelecer trocas vivas entre sujeitos, produzindo um desenraizamento existencial, pois o que me garante um lugar no mundo é a presença do corpo do outro.

A arquitetura imaterial da separação e da distância do complexo internético acarreta a perda do contato orgânico com a realidade viva e material. Um dos principais efeitos disso é o atrofiamento

do cuidado e da atenção com o outro, produzindo subjetividades solitárias em massa.

Pior que isso, mais que sujeitos isolados e solitários, o que está em jogo é a produção em série de *haters*. Os algoritmos das redes sociais exploram a atração dos sujeitos pela discórdia. Há um impulsionamento cada vez maior de conteúdo de ódio para conquistar a atenção e aumentar o tempo do usuário nessas plataformas.

Esses algoritmos estão levando as pessoas a reforçar câmaras de eco do extremismo, fomentando a tribalização identitária e adestrando-as a odiar tudo o que é diferente, ou seja, tudo o que é não-eu, a marca constitutiva da alteridade. O sujeito permanece igual a si e busca no outro apenas a confirmação de si mesmo, um outro-espelho.

Estamos diante da mais radical erosão do outro que gerações já presenciaram. Um narcisismo levado às últimas consequências, efeito direto da inflação do eu gestada no útero do complexo internético. O conceito freudiano de “narcisismo das pequenas diferenças” (FREUD, 1918, p. 184) nunca foi tão atual. A guerra sai das fronteiras territoriais e se instala no interior do mundo virtual. Estamos condenados ao inferno do igual. É o triunfo da perspectiva do um. É a agonia de Eros, pois Eros arranca o sujeito de si mesmo e o conduz para fora até o outro. Mas cadê o outro?

E a psicanálise com isso?

Essa contextualização histórica é fundamental para compreendermos quem nos procura atualmente em sofrimento. Um sujeito desatento, oco, inflado, solitário e viciado. Uma marca da contemporaneidade é o transbordamento do excesso pulsional direto nos registros do corpo e da ação.

Em tempos tão precários, o corpo é nosso único bem. Da salvação à saúde, a beleza, a juventude e a magreza são os novos sarrafos da performance existencial: o corpo é o ideal. Do poder pastoral ao biopoder, a normalização e a medicalização da vida tomam o corpo de assalto: o corpo é o alvo. Somatizações, dores e crises de ansiedade cada vez mais intensas são sinais da implosividade da excitação muda: o corpo é o destino.

Em tempos de violência sem medida, a ação está desgovernada. Da ação específica para a ação compulsiva e explosiva. A experiência de satisfação erótica dá lugar ao gozo mortífero. Explodem a agressividade contra si e contra o outro. O ato pede passagem.

Na modernidade, o sintoma tinha um sentido cifrado a ser interpretado e era uma satisfação indireta da pulsão. Nesse contexto histórico, o sintoma era uma formação de compromisso causada pelo conflito entre as intensidades da pulsão e as exigências do mundo.

Os tempos mudaram. Da atuação para a passagem ao ato. Da conversão para a somatização. Do sofrimento para a dor. Do sentimento inconsciente para o silêncio simbólico.

Na contemporaneidade, os sintomas são a expressão direta e sem mediação do excesso pulsional no corpo e no mundo. O que podemos perceber é a satisfação da pulsão de morte no sintoma, a expressão de uma excitação sem narrativa. Não custa lembrar que pulsão é um conceito-limite que faz a costura entre o psíquico e o corpo, e que pulsão não capturada pelo aparelho psíquico é sempre pulsão de morte.

Mas o sujeito contemporâneo tem um psiquismo empobrecido e enfraquecido, com poucos recursos simbólicos e com uma geografia de parques caminhos de satisfação, que fica refém de uma descarga direta e sem mediação para o mundo e para o corpo. Nesse sujeito atropelado, o sintoma não tem compromisso com ninguém e a satisfação deixa muito a desejar. O resultado é uma espécie de evasão do sujeito, caracterizada pela desposseção de si, por um vazio existencial, pelo esgotamento e pela impotência.

Tudo isso exige de nós psicanalistas um *upgrade* em nossa caixa de ferramentas clínica. É fundamental uma postura mais ativa, é necessário um empréstimo do nosso psiquismo e da nossa capacidade de simbolizar e, por que não, sonhar.

Mas para isso é urgente experimentar novos regimes de sensibilidade. Mas como ampliar nossa sensibilidade? A sensibilidade é uma região que precede ou excede o eu, implicando uma apropriação egoica e uma “ninguenficação” de si. O narcisismo ou a posse exagerada de si embota a nossa sensibilidade e impede qualquer possibilidade de prestar atenção.

Para terminar: como resgatar nossa atenção roubada?

É urgente um esforço de rejeição à escravidão atencional e de afirmação e defesa da nossa liberdade de atenção. Tornar novamente livre a atenção humana é uma das lutas definidoras do nosso tempo.

O exercício da atenção nos convida a ultrapassar aquilo que chamamos de eu e a jogar luz para o que está fora de nós. Assim como acompanhar dia a dia o crescimento de uma planta em suas pequenas e contínuas mutações, não para ter noções de botânica, mas para, ao sair de si mesmo, alegrar-se com uma vida que não é a nossa.

Para poder escutar e ver sinais do mundo é preciso cortar as correntes que nos prendem a nós mesmos, tornando-nos disponíveis e permeáveis ao outro. Da 1ª pessoa do singular para a 3ª pessoa do plural. Menos eu, mais mundo.

Uma atenção flutuante, que tira meu eu da frente e me torna poroso, mas não apenas ao discurso e sim à vida do outro. Uma atenção flutuante que não seja refém da linguagem, mas sensibilidade ativa à matéria viva do mundo.

Em tempos tão individualistas, em tempos de hiperinflação do eu, vivemos realmente uma epidemia de déficit de atenção. Atenção não como foco exigido para produzir e consumir que se tenta curar com medicação psiquiátrica, mas, sim, atenção ao outro, atenção antinarcísica.

Simone Weil (REY PUENTE *apud* WEIL, 2013), filósofa e militante francesa, nos recomenda aguçar nossas faculdades sensíveis para entregar-nos ao que é secreto, silencioso, quase invisível, inexistente. É o que a pensadora francesa chama de “atenção criadora” e que consiste em prestar atenção ao que está inexistido pelo ruído, pelo excesso de estímulo e pela neblina do mundo.

Mas para isso temos que expandir o campo do visível, para que possamos ver até mesmo aquilo que não sabemos nomear, que escapa do domínio da linguagem e do registro do simbólico. Aqui a atenção se opõe ao desejo classificador: o olhar desapegado não quer se apropriar, rotular, diagnosticar. Segundo essa autora, o método para compreender os fenômenos seria não tentar interpre-

tá-los, mas olhá-los até que jorre a luz. Prestar atenção nos vagalumes sutis da vida, perceber as fagulhas do mundo e soprar.

Estar atento, sugere-nos Simone Weil (REY PUENTE *apud* WEIL, 2013), é como comer: atingir as coisas em sua presença real e digeri-las, mas comer com os olhos, sem destruir. Mas, acima de tudo, a atenção é um olhar capaz de agir sobre a realidade. É a partir de um olhar atento, sensível ao outro, que um campo de ação é possível.

Em Freud, nos tempos heroicos do início da psicanálise, a atenção psíquica é uma função do eu, mas de um eu pensado não como consciência de si, mas sim como uma ocupação energética do aparelho psíquico. A atenção é uma percepção ativa, um radar conectado ao mundo, responsável por realizar o teste de realidade para evitar o desprazer da alucinação e garantir a experiência de satisfação.

A atenção é um esforço para garantir a presença do outro, responsável pela ação específica capaz de encontrar os destinos para o excesso pulsional do sujeito em formação. A partir da ação do outro é que minha geografia subjetiva e meu relevo psíquico se constituem. É no campo da ação e da alteridade que nasce como sujeito.

Prestar atenção no outro para poder agir no mundo, desde o início, é uma questão de vida ou morte. Onde nos perdemos disso? Quando perco minha capacidade de prestar atenção no outro, o mundo vai ficando sem cor, chegando à invisibilidade. A existência do outro vai perdendo seu contorno até o ponto em que eu não acredito em nada mais que não seja a projeção narcísica da minha própria imagem.

Prestar atenção no mundo é escapar da prisão narcísica, é furar as bolhas, é encurtar as distâncias, é tatear a materialidade dos corpos, é, enfim, a partir do encontro com o outro, reencontrar-se consigo mesmo.

Referências

CRARY, J. *Terra arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista*. São Paulo: Ubu, 2023.

DEBORD, G. *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FISHER, M. *A máquina do caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo*. São Paulo: Todavia, 2023.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: _____. *Publicações pré-psicanalíticas: esboços e inéditos*. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. 1). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. *O tabu da virgindade* (contribuições à psicologia do amor III). In: _____. Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 11. pp. 175-192). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1918.)

HAN, B-C. *Não-coisas: reviravoltas do mundo da vida*. Petrópolis: Vozes, 2022.

HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. São Paulo: Ed. Globo, 2001.

REY PUENTE, F. *Exercícios de atenção: Simone Weil leitora dos gregos*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2013.

TÜRCKE, C. *Sociedade excitada: filosofia da sensação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

WILLIAMS, J. *Liberdade e resistência na economia da atenção: como evitar que tecnologias digitais nos distraiam de nossos verdadeiros propósitos*. Porto Alegre: Arquipélago, 2021.

ATEMPORALIDADES EM “ANJOS TRONCHOS”: BREVE ENSAIO SOBRE INCONSCIENTE E VIRTUALIDADE¹⁹

SILVIA FERNANDES²⁰

Resumo: O objetivo deste ensaio é realizar algumas aproximações entre psicanálise e o universo virtual a partir do videoclipe de uma canção de Caetano Veloso. Aborda-se, sobretudo a dimensão imagética do espaço virtual e sua semelhança com a dinâmica do inconsciente em termos de deslocamentos, fantasias e desejos.

Palavras-chave: Inconsciente. Virtualidade. Caetano Veloso. Atemporalidade.

Abstract: *This essay aims to make some connections between psychoanalysis and the virtual universe based on the video clip of a song by Caetano Veloso. Above all, it addresses the imagery dimension of virtual space and its similarity with the dynamics of the unconscious in terms of displacements, fantasies, and wishes.*

Keywords: *Unconscious. Virtuality. Caetano Veloso. Timelessness.*

¹⁹ Este texto é uma versão revisada do trabalho apresentado na Jornada Interna da SPCRJ realizada em julho de 2022.

²⁰ Doutora em Ciências Sociais (UERJ). Membro Associado da SPCRJ. Professora Associada da UFRRJ.

Introdução

Tudo o que pode ser objeto de nossa percepção interna é virtual, como a imagem produzida no telescópio pela passagem dos raios de luz.

(Freud, 1900, p. 664)

Os surfistas da Internet entregam-se a uma realização de desejos em escala dramática.

(Kumar, 1995, p. 169)

Assistir ao videoclipe da canção “Anjos tronchos”²¹, assinada por Caetano Veloso, é condição necessária para tentar abrir várias portas com as chaves analíticas propostas neste ensaio. Minha expectativa é dar início a uma reflexão aberta em que novos ares interpretativos possam ser ventilados nas frestas imagéticas de “Anjos tronchos” a partir da psicanálise e sua relação com a realidade virtual.

Desse modo, o objetivo do ensaio é inscrever objetos culturais – o videoclipe e a letra da canção – em alguns *traços*²² da teoria do inconsciente, construindo analogias quiçá possíveis sobre algumas imagens dispostas no videoclipe; a letra da canção e o conceito de *atemporalidade* como atribuído por Freud (1915) ao inconsciente.

Os fios para a realização de tal artesanato entrelaçam-se na crença que enuncia: os objetos culturais são potentes em expandir a capacidade do analista em escutar, perceber, imaginar e elaborar o vaivém das formações do inconsciente. Em psicanálise, somos todos artesãos; garimpeiros e escavadores de peças que se desencaixam; somos ainda produtores de imagens “das telas de azuis mais do que azuis” como ouvimos na canção.

Ao descrever as características especiais do sistema inconsciente, Freud (1915) sublinha que tais processos só podem tornar-

²¹ O videoclipe pode ser visto em: <https://youtu.be/22gCVzU9WUY>. Acesso em 12 maio 2023.

²² Neste ensaio, palavras que remetem a conceitos psicanalíticos estão grafadas em itálico.

-se cognoscíveis por meio dos sonhos e das neuroses, uma vez que estão submetidos ao princípio do prazer. Sendo assim, a ausência de certezas e, paradoxalmente, de incertezas, a *atemporalidade*, a substituição da realidade externa pela psíquica são elementos que constituem esse gigantesco labirinto virtual que responde pelo nome de inconsciente e que inaugura todo ato psíquico, produzindo efeitos.

A partir da metapsicologia, tem-se notícias de como determinadas obras no universo das artes despertavam a curiosidade de Freud. Especialmente a literatura e as esculturas nele suscitavam um profundo interesse a ponto de mobilizá-lo para o processo de interpretação das moções psíquicas que conduziam o artista a determinada produção. Assim, ao analisar a estátua de Moisés, esculpida em mármore pelo artista renascentista Michelangelo, Freud valoriza os “pormenores insignificantes” (1914, p. 408) que podem funcionar como pistas para o desvendamento do segredo de toda a figura.

Talvez seja possível considerar que a conduta de atenção aos pormenores é adotada por Freud na construção de sua metapsicologia, particularmente na teorização sobre o *trabalho do sonho*, que encontra no inconsciente – protagonista da psicanálise – seu mais nobre acento. Com efeito, como *modus operandi* da escuta analítica, a atenção aos vestígios é convocada. A partir dela, o analista pode ir manejando a mobilização de *traços mnêmicos inconscientes* ainda não traduzidos em representação palavra pelo sujeito em associação livre. Os vestígios são muitas vezes desprezados pelo sonhador que relata seu sonho *manifesto*, enquanto os *pensamentos oníricos latentes* que habitam o sistema inconsciente produzem efeitos *deformados* e *condensados*, graças à incompatibilidade de uma dada representação com as exigências do Ego.

Os rastros e vestígios que compõem a realidade contemporânea, incluindo aqueles que se apresentam na realidade virtual – na qual estamos todos imersos em menor ou maior grau – podem sinalizar algo que a prática psicanalítica evoca: escuta e movimento permanentes e, simultaneamente, hesitações e reconhecimento dos limites de apreensão plena da realidade, seja ela material ou psíquica. A psicanálise ensina sobre o não saber, sobre o intuir, aludir e desejar em tempos distintos, díspares, descontínuos e disformes.

Poderíamos, quem sabe, compreender a vida psíquica como sendo constituída por constantes movimentos de desencaixes na relação espaço-tempo, e talvez por essa razão tenha sido possível propor uma miríade de associações entre a *atemporalidade* do inconsciente e a virtualidade da vida condensada em múltiplas formas no videoclipe.

As imagens fluidas que se dissipam ou se agregam para driblar a censura – eficiente sentinela que habita na passagem entre as instâncias psíquicas – apresentam-se no videoclipe de “Anjos tronchos” de maneira *dinâmica* como *deslocamentos* de energias cujos efeitos dependerão do *quantum* de afeto o sujeito investiu em uma representação. São processos que revelam algo de nós mesmos e de nossas *defesas*, frequentemente acalentadas em *resistências* que pretendem assegurar, às vezes por vias tortuosas, a sobrevivência psíquica do sujeito.

Virtualidade e inconsciente - universos atemporais

Os processos do sistema Ics são atemporais, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo. (FREUD, 1915, p. 128)

Quando Ernest Jones (1989) sumarizou as contribuições teóricas de Freud, imprimiu destaque ao texto sobre o inconsciente acima citado. Jones afirma que as representações opostas no inconsciente coexistem harmonicamente sem que exerçam influência umas sobre as outras. Além disso, sublinhando outras características do sistema, o biógrafo autorizado de Freud assinala a livre circulação dos afetos entre uma representação e outra tendo em conta os processos de *condensação* e *deslocamento*. Em tais processos, a inibição inexistente.

Recuperando o texto freudiano (FREUD, 1915), Jones enfatiza ainda a força do presente, uma vez que determinadas representações e impulsos oriundos de outros momentos da existência do sujeito são associados ou encaixados conjuntamente. Nisso reside a *atemporalidade* do inconsciente: a ausência da possibilidade de

advir desse sistema qualquer concepção de tempo: “Nem tempo, nem sim nem não. Sim nem não”, como canta Caetano Veloso.

Em exercício analítico e ensaístico importa aproximar a psicanálise do universo virtual e sua *latência* naquilo que se deixa revelar ou se ofusca em *formações substitutivas* e *atemporalidades*. O videoclipe com suas imagens desconexas, replicadas, simétricas e assimétricas ilustra a intensidade de movimentos que, sem dificuldades, poderiam remeter à dança livre e desinibida dos afetos no inconsciente em sua condição constitutivamente fluida em ir e vir: “Eu vou, por que não? Eu vou, por que não? Eu vou”, canta o compositor de “Anjos tronchos” em novo e subversivo compasso.

Na verdade, Freud (1917) atribuiu ao artista a capacidade de fazer um caminho de retorno da fantasia para a realidade por meio da arte: um novo ir e vir. Não obstante o fato de que os artistas sofrem uma “inibição parcial de sua capacidade de desempenho devido às neuroses” (FREUD, 1917, p. 498), eles têm a capacidade de nos deslocar com sua arte para um lugar de consolo diante das privações e a não onipotência humana. Dito de outro modo, diante da *castração*.

Com efeito, não intenciono realizar uma hermenêutica de “Anjos tronchos”, cuja letra e videoclipe denunciam certo caos instalado na vida contemporânea a partir da hiperconectividade e a consequente sobreposição de realidades que nos soam tão familiares também na psicanálise. Contudo, visto aplicar à composição e ao videoclipe a mesma *atenção flutuante* com a qual o analista opera em cada sessão. A partir deste ponto, pretendo compartilhar algumas associações que, como toda construção em psicanálise, seguirá inacabada.

A letra e o videoclipe

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis

Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais

Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais e mais e mais e mais

Primavera Árabe
E logo o horror
Querer que o mundo acabe-se
Sombras do amor

Palhaços líderes brotaram macabros
No império e nos seus vastos quintais
Ao que reveem impérios já milenares
Munidos de controles totais

Anjos já mi ou bi ou trilionários
Comandam só seus mi, bi, trilhões
E nós, quando não somos otários
Ouvimos Shoenberg, Webern, Cage²³, canções

Ah, morena bela
Estás aqui
Sem pele, tela a tela
Estamos aí

Um post vil poderá matar
Que é que pode ser salvação?
Que nuvem, se nem espaço há
Nem tempo, nem sim nem não
Sim nem não

Mas há poemas como jamais
Ou como algum poeta sonhou
Nos tempos em que havia tempos atrás
E eu vou, por que não?
Eu vou, por que não? Eu vou

²³ Caetano Veloso refere-se a Arnold Schonberg (1874-1951), Anton Webern (1883-1945) e John Cage (1912-1992). Estes artistas têm em comum a criação de estilo musical revolucionários também chamados atonal, no caso de Schonberg e Webern. Por sua vez, John Cage destacou-se pela criação de música eletroacústica em que o valor do silêncio é exaltado e os traços de personalidade do compositor, eliminados.

Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Tocaram fundo o minimíssimo grão
E enquanto nós nos perguntamos do início
Miss Eilish²⁴ faz tudo do quarto com o irmão.

(Velo, 2021)

A letra da canção faz emergir paradoxos da virtualidade que situam o desejo em fluxo. Além disso, expressa a busca permanente de realização e as possibilidades de mudança sociopolítica subvertendo, por um lado, a perspectiva meramente narcísica ou individualizante das redes. Assim, foi também no ambiente virtual que se materializou a Primavera árabe²⁵ como aponta Caetano, acentuando desejos dispostos e inconscientes coletivos.

Mas é o conceito de realidade psíquica enquanto fenômeno psíquico que dá nome às nossas fantasias conexas que a disposição do videoclipe melhor parece ilustrar. “A imagem, ou ilusão, imita o real e o real é ilusório, composto por imagens” (KUMAR, 1997, p. 157). No mundo hiper-real, não há distinção entre signo e referente; entre o imaginário e o real, aspecto tratado exaustivamente por Baudrillard como sendo o real sem origem na realidade (BAUDRILLARD, 1997, p. 8).

Enredados em questões existenciais, muitas vezes compartilhadas nas comunidades virtuais, há sujeitos cuja busca da origem dos sintomas ronda o *setting* analítico. Desse modo, a pergunta sintomática, tal como aparece na canção: “Nós nos perguntamos do início”, reflete o desamparo humano e seus efeitos na vida cotidiana; de certo modo, reflete o deserto do real sem salvação.

A crítica de Caetano Velo ao empreendimento tecnológico global do Vale do Silício é também construída fluidamente jun-

²⁴ O compositor faz referência a Billie Eilish, jovem cantora norte-americana, portadora da síndrome de Tourette, doença neuropsiquiátrica que provoca espasmos motores involuntários.

²⁵ A Primavera Árabe representou uma onda de protestos ocorridos no Oriente Médio e norte do continente africano, no ano de 2010. As manifestações visavam derrubar governos autoritários e promover melhores condições de vida para as populações dessas regiões.

tando opostos; afirmando desamparos que emergem diante de um “post vil”: “Que é que pode ser salvação?”.

Nas *formações* sintomáticas *de compromisso*, a quais desejos atenderemos e que defesas construiremos diante da presença do corpo virtual? “Ah, morena bela, estás aqui, sem pele, tela a tela”. A expressão do desejo ecoa em tom de lamento diante do inalcançável, do não realizável.

Em sua natureza oceânica, o inconsciente, tal como é visto na primeira tópica freudiana, estabelece uma relação dinâmica-atrativa com as representações *recalcadas*, cuja essência consistirá em rejeitar e afastar algo da consciência. Como se sabe, nas neuroses, a representante da *pulsão* tem livre trânsito quando recalcada e pode proliferar na escuridão, tal como os “Anjos tronchos” que “vivem no escuro, em plena luz”, transmutando-se em imagens desconexas, deslocadas, condensadas, manifestas das várias *formações do inconsciente* (sonhos, chistes, atos falhos, sintomas), mas sobretudo nos sonhos. Assim, aproximadamente nos três minutos do videoclipe o rosto do artista é acentuado com um jogo de luz que ilumina e sombreia suas expressões. Estas enunciam um simulacro de emoções culminando nos olhos que se fecham como se tudo não passasse de um sonho. A partir daí, observamos a sequência de imagens que se repetem, metamorfoseando-se, deslocando-se conforme o ritmo cadenciado e sombrio da canção. Com efeito, a realidade virtual tal como a psíquica pode se dissipar e reaparecer como a memória sempre refém de um tempo inenarrável e de emoções não ditas.

Ao tratar da topologia do aparelho psíquico, Freud (1915) enuncia a impossibilidade de delimitar uma localização precisa, anatômica deste. Se pensarmos na topologia da realidade virtual chegaremos à mesma conclusão: a realidade virtual possui uma dimensão *atemporal* e desterritorializada semelhante ao aparelho psíquico. A *live*, o videoclipe e qualquer outro acontecimento que ocorrer no chamado mundo virtual poderão ser acionados a qualquer tempo pelos sujeitos esculpidos em suas memórias. De qualquer lugar é possível ter acesso ao que está em nenhum lugar: “Que nuvem se nem espaço há?” [...]. Como não remeter essa ideia da indeterminação espaço-tempo ao que Freud denominou de

Nachträglich,²⁶ referindo-se ao conceito de *a posteriori*? Compreende-se que uma experiência vivida, recalcada por não poder ser integrada a um contexto significativo pelo sujeito, pode retornar, em outro tempo, com um acento traumático.

A atemporalidade do inconsciente pode ser compreendida como sendo um conceito primordial que nutriu e moveu a psicanálise em tempos (im)permanentes. Na atualidade, a virtualidade pode ser apenas uma outra expressão dessa atemporalidade, uma espécie de reflexo que varia a partir da luz que se lança no ambiente?

Sigamos inconclusos

Nos silêncios de Cage “quando não somos otários” em nossos inovadores *settings* virtuais ou não “trazendo à consciência nossas imagens mnêmicas visuais bastante nítidas” (FREUD, 1917 [1915], p. 163).

“Nos tempos em que havia tempos atrás...”.

Referências

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.

FREUD, S. *Complemento metapsicológico à teoria dos sonhos*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. *Obras Completas*, volume 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 151-169. (Trabalho original publicado em 1915/1917.)

_____. Os caminhos da formação de sintomas. *Conferências Introdutórias à Psicanálise*, n. 23. Tradução de Sergio Tellaroli. *Obras Completas*, vol. 13. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 475-499. (Trabalho original publicado em 1917.)

_____. O inconsciente. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia*.

²⁶ Laplanche e Pontalis (2001) afirmam que o conceito percorre toda a obra freudiana, mas aparece inicialmente no texto: Projeto para uma psicologia científica (FREUD, 1895).

gia e outros textos. Tradução: Paulo Cesar de Souza. *Obras Completas*, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 100-150. (Trabalho original publicado em 1915.)

_____. O inconsciente e a consciência – a realidade. *A interpretação dos sonhos*. Tradução: Paulo Cesar de Souza. *Obras Completas*, vol. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 663-675. (Trabalho original publicado em 1900.)

_____. Projeto para uma psicologia científica. *Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. 1. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Trabalho original publicado em 1895/1950.)

JONES, E. Contribuições teóricas. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago, 1989. p. 312-332.

KUMAR, K. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna – Novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J, B. *Vocabulário de psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VELOSO, C. *Anjos Tronchos*. Videoclipe. Disponível em: <https://youtu.be/22gCVzU9WUY>. Acesso em 3 dez 2021.

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM JULIETA JERUSALINSKY

A sobredeterminação algorítmica do sujeito contemporâneo, a sociedade da pós-verdade e a virtualidade como quarto registro

SPCRJ – Nos últimos anos, temos falado da virtualidade e seus efeitos na vida social e na clínica psicanalítica. Um dos efeitos que você tem apontado refere-se a uma postura de fascínio e horror dos sujeitos contemporâneos diante dos desafios impostos pelas novas tecnologias que alteram os modos de vida. Em sua opinião, quais aspectos dessas transformações tocam diretamente a psicanálise?

Jerusalinsky – As modificações tecnológicas sempre produzem um misto de fascínio e horror porque modificam os modos de viver, prometendo-nos resolver os problemas que temos, mas inevitavelmente introduzindo outros que não tínhamos. Portanto, não se trata de sermos apocalípticos, porque isso em nada combina com nosso ofício de psicanalistas, que consiste em furarmos a lógica discursiva que se impõe sintomaticamente (seja no social, seja em nossos pacientes) para podermos passar para outra coisa diante das repetições. Tampouco de nada serve nos fascinarmos com as luzes de nosso tempo em um fascínio pelo brilho da promessa do novo. Como diz Agamben, para ser contemporâneo é preciso considerar a obscuridade. Bem, justamente é a isso que a psicanálise se dedica.

A questão é que, quando se modificam os modos que o sujeito tem de se representar no discurso, bem como os modos de produzir o laço social, isso comparece na clínica, dado que os sintomas psíquicos de cada paciente, embora sejam singulares, não se produzem de forma isolada ou individual, mas perpassados pelo discurso social. Por isso, o que se passa na cultura é central para a psicanálise, como desde o início Freud situa em sua obra, por exemplo, em *O mal-estar na civilização* ou *Psicologia das massas e análise do eu*, entre outros textos.

A virtualidade certamente incide no modo como temos de nos relacionar e nos representar. É aquilo sem o qual não podemos mais viver e ao mesmo tempo em que não nos deixa viver. Tem funcionado como uma espécie de quarto registro protético inventado pela cultura para além do simbólico, mas que não está amarrado por nosso sintoma, senão que desliza se movendo sem amarração, e por isso nos faz patinar diariamente. Elaboração na qual tenho trabalhado nos últimos tempos junto com Alfredo Jerusalinsky.

De pronto e de modo bastante direto, podemos testemunhar como, com ela, ficamos perto de quem está longe e longe de quem está perto, esvaziando o endereçamento pulsional àqueles com os quais se convive e fazendo-os escoar pela janelinha virtual; também perdemos a borda não só entre o público e o privado, radicalizando a sociedade do espetáculo da qual já nos falava Guy Debord, mas também se perdeu a borda entre a jornada de trabalho e o tempo de lazer, de tal modo que a sociedade de controle, da qual nos falava Foucault em *Vigiar e punir*, já não é mais a do cartão de ponto, mas de um sujeito submetido a uma jornada de trabalho, em princípio, ininterrupta, dado que a Internet não para e dado que, através dela, cada um pode tornar-se um explorador de si mesmo, em uma performance ininterrupta de produtividade, como podemos pensar junto com Byung-Chul Han, em *Sociedade do cansaço*.

Com a virtualidade também temos acesso à informação sem precedentes, somente comparável ao que foi o salto da imprensa e, mesmo assim, incomensurável em relação a esta. Revela-se, no entanto, com isso que a grande maioria não quer nem saber, como os fenômenos do negacionismo revelam.

Temos testemunhado uma descontinuidade histórica que podemos situar como sociedade da pós-verdade. Tal termo introduzido por Tesich em 1992 denota que está em curso na cultura uma destruição da relação com a verdade, na medida em que aquilo pelo qual os grandes ditadores tanto trabalharam passa a se realizar quando os fatos da história têm menos importância do que o apelo às emoções e às crenças pessoais para dar valor ao que se diz.

Se bem esse termo tenha sido introduzido em 1992, ele se torna um fenômeno lexical, segundo o dicionário Oxford, em 2016, quando no resultado das eleições dos EUA foi decisiva a introdução das chamadas *fake news* produzidas em massa por robôs. Até que o conteúdo enganoso dessa propaganda em massa fosse apurado, a eleição foi decidida, de tal modo que a boataria decidiu os rumos da realidade coletiva.

Ou seja, muda o modo que temos de enlaçar a produção do discurso com a verdade. Certamente a verdade nunca é unívoca. Freud já situava no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* como tudo que atinge nossos sentidos passará pelo crivo de nossos traços mnêmicos para chegar à consciência. Lacan, por sua vez, no texto *De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose* situa que não há *perceptum* sem *percipiens*. Desse modo, diante de um mesmo fato haverá diferentes pontos de vista, pois o próprio acesso à realidade sempre será através da lente da fantasia de cada um. Porém, não é indiferente que se tome a palavra a partir de um fato e se articule nisso uma verdade do sujeito, ou que se diga algo que não tem lastro com fato algum. Cai-se assim em uma absoluta equivalência opiniática de “narrativas” (que deixaram de ser articulações discursivas e se tornaram sinônimos de falatórios) e em um apagamento e esvaziamento do valor simbólico de determinadas produções culturais, como livros, músicas, emblemas ou palavras que são expropriadas de sua significação histórica. Isso produz subjetivamente um desnorteamento psíquico. Então, é imprescindível que consideremos como essa descontinuidade histórica incide em nossos pacientes para estarmos à altura do horizonte de nossa época.

SPCRJ – Em seu texto sobre a *Psicopatologia da vida cotidiana*, Freud propõe que o esquecimento não se constitui como um evento aleatório, mas contém significados subjacentes. Como pensar os lapsos de memória quando somos convocados a lembrar das nossas vivências por meio das novas tecnologias e seus aplicativos?

Jerusalinsky – Sim esta questão é crucial! Por isso tenho falado em uma “psicopatologia da vida digital cotidiana”, que é preciso que possamos escutar, assim como Freud escutou a psicopatologia da vida cotidiana no início dos anos 1900, considerando como os sonhos, lapsos e atos falhos, que junto dos chistes e dos sintomas, são formações do inconsciente, fazem comparecer de modo lacunar uma outra lógica que não a racional e que revela uma sobre-determinação inconsciente de nossos atos.

Esse comparecimento lacunar das formações do inconsciente produz a emergência de um enigma, um *non-sense* diante do qual o sujeito da enunciação pode advir, implicando-se com o seu desejo ali e produzindo, desse modo, um saber fazer ali com isso.

Na atualidade temos, com a digitalidade, sofrido um preenchimento artificioso de tais lacunas. Apagando-se o enigma, expropria-se a experiência, ou seja, a possibilidade de que possamos fazer surgir novos modos de produção de significâncias do viver. Podemos recolher isso na contemporaneidade, quando diante de qualquer enigma da vida se busca a resposta no Dr. Google e, desse modo, produz-se um apagamento da polissemia e se afinam as significações a partir de uma *sobredeterminação algorítmica* que opera no lugar de uma formação do inconsciente singular, a partir da qual cada um pode produzir novas e diversas nomações.

Os efeitos dos autocorretores de digitação que nos impedem de produzir nossos atos falhos e atropelam até mesmo a nossa articulação racional vão também nessa direção. Do mesmo modo, as memórias artificiais da Internet que nos enviam recortes de como foi o nosso dia há 1, 2, 10 anos produzem um artifício diante do qual o sujeito precisa tomar pé da situação. A questão é: isso o representa? Não, isso o apaga, apaga o alinhavo de sua própria evocação.

Essa questão cabe porque nós somos as nossas lembranças, ou seja, o que e como alinhavamos a nossa história a partir do fio do desejo e, portanto, também o que esquecemos. Mas uma memória absoluta e maquina é uma memória sem sujeito.

A própria velocidade da máquina que impõe uma resposta imediata na qual o tempo de ver se comprime ao de concluir em um apagamento com o tempo de compreender, dado que a visualização instaura o imperativo de uma resposta imediata, na qual o sujeito se vê submetido à velocidade da máquina, recaindo sobre ele a impressão de que o tempo que leva a sua elaboração, inevitavelmente à posteriori do acontecimento, já o faria nascer ultrapassada, como se ele mesmo estivesse submetido a uma obsolescência programada como os seus *gadgets*. Assim, vamos testemunhando um sujeito *wireless*, que perde o fio do desejo com o qual se alinhava passado, presente e futuro, sendo carregado pela enxurrada digital, que o estilhaça em demandas fragmentárias e satura a percepção suprimindo o tempo da evocação.

Encontramos ainda o curto-circuito produzido pela sobre-determinação algorítmica e uma tecnociência que busca reduzir a complexidade de psicodiagnósticos a *checklists* de autoaplicação, nos quais se recorta pequenos fragmentos de comportamento humano e se pretende fazê-los equivaler a invariantes como se tais fragmentos tivessem o mesmo valor que os fatores patognômicos de outros campos da saúde. Assim, tem-se produzido verdadeiras induções de dificuldades que poderiam ser resolvidas a quadros de doenças tomadas como definitivas.

SPCRJ – De que modo você avalia que os avanços tecnológicos interferem na criatividade, na linguagem e nas relações sociais, principalmente nas crianças e nos adolescentes?

Jerusalinsky – As crianças, justamente por estarem em estruturação e, portanto, muito mais abertas a inscrições, são sempre as primeiras a revelarem para onde se encaminham os rumos de uma cultura. Por isso, justamente lá por 2012 quando comecei a receber no consultório pequenas crianças diagnosticadas dentro de enormes pandemias psicodiagnósticas de TEA (transtorno do espectro

do autismo), TDAH (transtorno de déficit de atenção e hiperatividade), em suas histórias eu encontrava que eram crianças muitas vezes com intoxicações eletrônicas.

Tendo pais brasileiros, babás, parentes e professores que falavam português, muitas vezes tinham fragmentos de prosódia em inglês, já que muitos nem falavam e outros eram parasitados por trechos de joguinhos que “falavam neles”, parasitados por ruídos ou consignas de jogos. O que mudou ali? Justamente elas já nasceram quando estavam disseminados os aparelhos de acesso à Internet *wireless*.

A ilusão de que seria possível produzir uma transmissão através das telas de cristal líquido gerou crianças algumas vezes sideradas pelo real do brilho das telas que excluíam os Outros de seu campo pulsional. Outras vezes, crianças que, através desses *gadgets*, até eram introduzidas no campo da palavra, mas não na sua função, já que não se serviam da linguagem para se representar como sujeitos do desejo.

Esses aparelhos estão aí, os jogos virtuais também. E ninguém quer voltar atrás nisso. A questão então não é proibi-los, mas considerar o seu lugar. Ou seja, não basta pensar um número de horas de uso, mas no lugar do quê estão. Estão no lugar de conviver com os colegas no recreio? De fazer uma refeição em família conversando? De se encontrar com os amigos? De sustentar um faz de conta compartilhado? De contar uma história a uma criança na hora de dormir? Se estão no lugar de suprimir a possibilidade de produzir laços com os outros sustentando a dor e a delícia que é o encontro com a alteridade, estão em um mau lugar.

Este é um longo capítulo, mas brevemente é preciso dizer que na primeiríssima infância está em jogo o enlaçamento da criança com o Outro primordial e a sua representação como ser desejante na linguagem. Se em lugar desse encontro com os outros um bebê fica alheio ao outro e siderado pela máquina, isso traz seríssimas consequências nos primórdios de sua estruturação; com crianças, o brincar de faz de conta compartilhado não pode ser substituído por plataformas que já dão o cenário e os objetivos, sem que se prive de uma experiência de encontro com a alteridade e com a transposição de registro entre o imaginado

e o falado, que é central para o encontro entre pares e para a elaboração psíquica.

Em tempos em que tanto se pretende acelerar a alfabetização, testemunhamos atropelos performáticos da simbolização da criança que deixa de ser respeitada, um sujeito epistêmico ativo e curioso que avança interrogando a partir de suas questões enlaçadas na relação com os outros.

A era digital traz uma possibilidade de acesso à informação sem precedentes, mas as crianças precisam de outros seres humanos, pais, professores, para construir suas perguntas e seus percursos de investigação, senão caem em um anonimato acerca do que singulariza seu lugar no mundo. Assim, há crianças que falam dos *youtubers* como se fossem seus amigos, mas não têm a menor ideia de histórias que têm a ver com os seres da sua família.

Testemunhamos também que, em lugar do brincar, que produz o alinhavo do sujeito do desejo na infância – por meio do qual a criança brinca no presente, de realizar em uma esfera imaginária os ideais simbólicos que para ela estavam antecipados no discurso familiar, mas que a partir do real do corpo não tem como realizar – a criança vira espectadora de entretenimentos que a tornam passiva.

Para elaborar o que lhes acontece na vida, é preciso que as crianças possam ativamente produzir suas representações em lugar de ficarem como espectadoras passivas ou reprodutoras de um entretenimento digital. Fazer um desenho, uma escultura de massinha, uma encenação na brincadeira ou produzir narrativas que contenham outros acontecimentos ficcionais ou biográficos permite a elaboração do vivido, transformando acontecimentos em experiências sobre as quais se produziu algum saber. Mas quando todo intervalo passa a ser preenchido por outro e outro conteúdo digital a mais, suprime-se o tempo necessário para poder até mesmo evocar o vivido. É aí que um efeito tóxico se instaura, dado que essa exigência de estar sempre atualizado e *on-line* se torna um excesso mortificante que suprime o lugar e tempo para a elaboração subjetiva a partir da qual vamos sustentado a significação do nosso viver. Ainda com adolescentes, e fundamentalmente em um período pós-pandêmico, encontramos que em lugar da pas-

sagem da família para a sociedade, o que implica poder ir para o mundo com sonhos, ou seja, com desejos e ideais e negociar com a realidade, muitos ficam retidos em um metaverso narcísico que os melancoliza.

Então é preciso considerar o quanto brincar e conversar coloca em ato uma verdadeira lógica em rede, uma vez que se está sujeito aos equívocos, mal-entendidos e polissemia da linguagem e não a um trilho infinito guiado pela lógica binária do *on-off*.

SPCRJ – Você fez uma analogia entre as redes sociais e o lugar do espelho da rainha má do conto da Branca de Neve no seu artigo “Que rede nos sustenta no balanço da Web? – o sujeito na era das relações virtuais”. Como mudar o lugar do espelho?

Jerusalinsky – Sim, não deixa de ser assombroso que o *like* e o *dislike*, como comento em algum texto, corresponda ao gesto pelo qual, reza a lenda, se condenavam ou se salvavam os gladiadores. Será que não vivemos todos em uma grande arena virtual?

Testemunhamos que, nesta substituição dos laços na *polis* pelo das redes sociais, a lógica do imaginário impera em detrimento do simbólico e, com isso, encurta-se o discurso como legenda da foto.

Temos testemunhado apedrejamentos virtuais pelos quais, devido a uma imagem isolada e às vezes alterada ou um fragmento de fala tirado de contexto, se aniquila a vida de uma pessoa.

Se Andy Warhol disse que no futuro todos teriam 15 minutos de fama, é certo que, na atualidade, esses 15 segundos implicam também que todos podem ser apedrejados, difamados e “stalkeados”.

Se as redes sociais colocam em relevo um exibicionismo narcísico, ele vem junto com a *envídia*. Neste jogo de espelhos quem posta não se sente à altura de sua página. Nessa glamourização do parecer, o sujeito se vê reduzido ao puro semblante. Não se trata de “apareço logo existo”, a questão é ainda mais profunda, ou se quiserem, superficial: “sou o que pareço, sou imagem”.

Não à toa as crianças passam a dizer-nos que quando crescerem querem ser famosas, não importa no quê. Ou seja, o triunfo

está na fama e o ideal simbólico pelo qual se vive passa a ser completamente secundário.

SPCRJ – Nos primórdios da psicanálise, Janet apontava para a degenerescência, estigma psíquico na origem da histeria. Freud discorda e aponta para a “criatividade” da histérica, que substitui uma questão censurada por outra, pela formação de compromisso. Hoje tendemos a acompanhar Janet, quando vemos apenas malefícios nas redes sociais: binarismo, sedução por modelos e ideais inalcançáveis que acarretariam depressão e sentimentos de menos-valia. Você veria alguma possibilidade de “positivar” as redes sociais, especialmente para os jovens?

Jerusalinsky – Certamente tudo tem sua dose de ambivalência. Mas não podemos simplesmente tranquilizar-nos dizendo que tudo é bom e mau... É preciso que possamos recolher as consequências que uma tecnologia engendra. Ninguém quer voltar atrás. O saudosismo não é uma saída, até porque nos trouxe ao agora, portanto, precisamos elaborar o que nos coube viver. Mas assim como se disse que era inevitável a guerra porque havia condições tecnológicas para fazê-la, será que hoje podemos falsear a verdade porque temos condições tecnológicas para isso?

Ou seja, se podemos não só produzir propagandas de conteúdo enganoso (como tanto já se fez em regimes totalitários) como também falsear vozes e imagens, será que isso é legítimo simplesmente porque isso pode ser feito?

Vemos nisso um consumo exacerbado de produtos e mais produtos descartados por um novo modelo com obsolescências programadas, que consiste na promessa de que, tendo dinheiro, teríamos um gozo sem limites.

Como recentemente afirmava o *slogan* de uma marca esportiva durante a copa: “*Impossible is nothing*”; ou seja, nessa promessa da tecnociência, apaga-se a impossibilidade. Mas é preciso que nos interroguemos que espécie é essa, a humana, que em nome do fascínio pela eficácia que move um gozo desenfreado é capaz de aniquilar ela mesma.

SPCRJ – A cultura tecnológica desenvolveu de forma muito rápida a Inteligência Artificial (IA). No entanto, faltam estudos sobre as questões éticas ligadas ao seu uso. Como você vê a questão da IA no mundo atual?

Jerusalinsky – Certa vez em um encontro, falando disso um colega afirmou: tão fascinados ficamos com a inteligência artificial que esquecemos de considerar a estupidez artificial. Bem, o que ocorre quando trabalhos são feitos pelo *chat GPT* e os alunos acham legítimo, afinal é uma ferramenta? Sim, porém ao elaborar por você, ele impede que você elabore o seu pensamento... então esse é o dia a dia das escolas e universidades. Certamente, o rastro que vamos deixando na Internet alimenta a inteligência artificial e que uso se fará deste grande HD externo para o porvir da nossa cultura, é a grande questão que se coloca para nós na atualidade.

Esses dias estava dando aula *on-line* sobre esse tema e citei como algumas crianças citam a Alexa ou a Siri como alguém com quem falam. E resulta que uma participante diante dessa pergunta que coloquei escutou a Alexa responder “não tenho resposta para essa pergunta”; a questão é que quando isso nos ocorre, nós perdemos o sono. O que faz lacuna causa, “hora da palavra, quando não se diz nada, fora da palavra, quando mais dentro aflora”, como diz a música em referência ao conto (A terceira margem do Rio, Caetano Veloso e Milton Nascimento, a partir do conto de Guimarães Rosa, 1962). Para a máquina, a questão já foi respondida.

Então, certamente a eficácia da máquina seguirá avançando ao infinito, pois na lógica da tecnociência-capitalista “*impossible is nothing*” para quem pode comprá-lo. A questão ética que se impõe é: que valor os humanos darão a uma palavra que é produzida por algo que carece do ponto de articulação entre uma afetação pulsional e o ato da enunciação? Que não paga com o seu corpo por sustentar a *dit-mension* (como diz Lacan), o lugar de uma verdade que implica o sujeito em sua fala, principalmente porque não dispõe de todo o tempo, porque somos mortais, diferentemente da máquina.

Julieta Jerusalinsky é psicanalista, especialista em Estimulación Temprana (FEPI Buenos Aires); mestre e doutora em psicologia clínica (PUC-SP); membro da Clínica Interdisciplinar Mauro Spinelli-SP. Professora dos cursos de especialização em Teoria Psicanalítica (COGEAE PUC-SP) e Estimulação Precoce: clinica transdisciplinar do bebê do Instituto Travessias da Infância – Centro de Estudos Lydia Coriat-SP, do qual é membro fundadora assim como da REDE-BEBÊ. Autora do Livro *Intoxicações eletrônicas: o sujeito na era das relações virtuais* (Ágalma, 2017), entre outras publicações sobre o tema como: Pais, filhos e monitores: uma nova configuração familiar. In: *A família contemporânea*, APC, Curitiba, 2013; Sem nome do pai e colados ao Ipad. Os tempos do sujeito. *Revista da APPOA*, 2016; A melancolização da infância entre os apedrejamentos virtuais e a política do no touch. In: *Cadernos da SPCRJ*, 2018; O Sujeito Wireless e a inscrição da borda entre a realidade e a fantasia na era das relações virtuais. *Psicanálise e Contemporaneidade. Revista da Associação Psicanalítica de Curitiba (APC)*, (org. Camila Z. Freire e Rejinaldo Chiaradia, Curitiba: Ed. Juruá), n. 35, setembro de 2019; É surpreendente o que pode acontecer quando desligamos as telas, o impacto da *tecnologia na formação da criança*, entrevista a Julieta Jerusalinsky. *Revista Gama*. 3 de maio, 2020.

COLCHA DE RETALHOS

NOTAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ANÁLISE ON-LINE (EM LINHA)

AMANDA LIMA²⁷

É, a internet cai!
E, em geral, a internet volta! (Uma semelhança com o discurso.)

A imagem marca presença e, às vezes, é distração [disso já sabíamos desde o consultório, não é mesmo?].

Por vezes, levar o analista “pra casa” é “sair” de casa por um momento... Se a casa compareceu à sessão, não significa que compareceu à análise.

[Vide os latidos, carro do ovo e obras na vizinhança].

Fazer análise de pijama é confortável!

[Mesmo assim, experimentamos e falamos dos desconfortos e sofrimentos psíquicos] Toda análise acontece em um espaço.

O espaço é complexo e a análise on-line pode provar! [mas a topologia já nos mostrava essa faceta].

A “presença” tem alguma relação com a virtualidade... [É preciso alguma disposição para estar/se conectar].

Nem todo atendimento em consultório é análise.

E, arrisco dizer, que algumas análises on-line são pr-essenciais!

²⁷ @tempodeanalise.

A PRESENÇA

BETH LEIDERMAN²⁸

A grande vantagem, na minha opinião, do atendimento on LINE é sua praticidade e comodidade. Mas nem tudo que é prático e cômodo, em psicanálise, é o mais adequado. O “velho” presencial nos possibilita uma atuação muito mais abrangente e sensível.

Psicanálise e sensibilidade são inseparáveis. O sensível fica bastante prejudicado no virtual. Diria que o atendimento on LINE é um excelente “quebra-galho” para momentos em que a presença física se torna impossível.

²⁸ Membro psicanalista da SPCRJ.

INEXORÁVEL MUNDO NOVO

CAROLINA MATHEUS²⁹

O tema que elegemos este ano na Sociedade tem ensejado reflexões concernentes às novas tecnologias e ao mundo que ela engendrou. Quer a gente o queira bom ou mau, o virtual veio para ficar. Seremos para sempre intermediados por telas, apartados, em certa medida, de nossos próprios corpos e dos corpos uns dos outros.

Um mundo muito pornográfico e quase sem erotismo é no mínimo disruptivo para quem conheceu tempos mais românticos. Épocas de três dimensões, quatro estações e cinco sentidos que em um sobressalto foram compactadas em pequenos mundos chatos, as telas. Nós, os não nativos digitais, talvez soframos pelo ocaso daquele mundo que conhecemos outrora, mas essa nova realidade não será submetida a *referendum* em nenhum momento. Ela é imperativa, agora parte integrante de um velho conhecido da psicanálise, o princípio de realidade. Ainda que tenha virado nosso mundo do avesso, para as novas gerações, a virtualização das relações humanas não é novidade, é apenas a vida, a única realidade jamais conhecida.

Quem perdeu o olho no olho para o olho na tela talvez lamentar a fria substituição, porém devemos estar atentos para não projetar nos outros um sofrimento que não lhes pertence, o sofrimento que muitas vezes experimentamos ao vermos uma humanidade hiperconectada nas redes e hiperdesconectada nas ruas. É importante não se conformar com o empobrecimento das interações hu-

²⁹ Membro Associado da SPCRJ.

manas, mas é fundamental também não olhar com desdém para as formas dos mais jovens se relacionarem uns com os outros e com o mundo, ou falaremos apenas para nós mesmos, reproduzindo involuntariamente a lógica das câmaras de eco que tanto criticamos nas redes sociais.

Para expandir as fronteiras do intercâmbio intelectual, podemos dispor da virtualidade como instrumento, não só para falar com as novas gerações, mas para ouvi-las. A Internet serve também como elemento democratizador de acesso à psicanálise, que resta tão pertinente quanto sempre foi. Por mais que a inteligência artificial avance, a comunicação inconsciente para inconsciente requer interação humana, ainda que a distância. A psicanálise tem um papel de resistência também nesse sentido, por sua característica fundamental de trabalhar com o inconsciente, que – não obstante sua própria virtualidade – é um atributo singularmente humano, não passível de emulação por programas de computação. A psicanálise, portanto, permanece uma atividade eminentemente humana, em todos os sentidos, afinal nenhuma empresa de tecnologia pode equipar seus aparelhos de aparelho psíquico.

Em linhas gerais, será sempre necessário um neurótico para entender o outro. Pode ser que a maior qualidade da psicanálise, agora, no passado ou no futuro, seja justamente ouvir. Para isso, precisamos dar ouvidos a esse inexorável mundo novo e seus novos modos de viver e de conviver. Confundir o que julgamos modos de vida tristes e empobrecidos com sujeitos tristes e empobrecidos pode transformar nossa geração, de outra época, numa geração obsoleta. Esse seria um desdobramento infeliz. Alteridade sem antagonismos e sem assimetrias, assim gerações distintas podem dialogar sem prejuízos mútuos, contribuindo para um debate mais amplo de ideias sobre o mundo em que vivemos e o mundo em que queremos viver.

ENQUADRES

CRISTINA VACCARI³⁰

Ela hoje não veio.

Conferi na agenda e sim, estava certo, era a hora de seu atendimento. Não avisou, não deixou mensagem, logo penso: que esquisito! Deixo a hora correr, afinal, assiste ao paciente o direito de faltar.

Fico ali, misto de surpresa e inquietação e, preocupada, me indago: o que será que houve? Será que aconteceu alguma coisa? Será que desistiu? Será que volta? Será para nunca mais? Me contenho, mas o vazio ficou – um buraco, deixado por sua ausência.

Depois de dois ininterruptos anos, pela primeira vez, ela não apareceu. Quer dizer algo com sua ausência? O que será? Me resta aguardar para ver se, da próxima vez, virá.

Da lacuna emergiu a evidência: a inegável existência do desejo, não pude não ver. Durante todo o tempo nosso desejo esteve ali, nesse lugar tão delicado e especial, em que eu sinto e ela sente. Algo que é único – que só existe porque estamos genuinamente presentes.

Durante dois anos seguimos juntas, *pari passu* e, aos poucos, fomos mergulhando, no gerúndio, nesse mar indescritível, rumo ao desconhecido – um percurso de análise que se tornou possível apesar das distâncias geográficas.

Foi pensando nesse avesso, nesse instante que a ausência se apresentou, que vi claramente os diferentes tempos de dois corpos que se encontram e se entregam, cada um em sua posição. Vi com

³⁰ Membro Associado da SPCRJ.

muita nitidez uma delimitação de campo, um entorno que acontece, vivo e real, mas não há fórmulas, e nem para todos é igual. Atendimento on-line é virtual ou é presencial? É preciso repensar tais terminologias.

CONSIDERAÇÕES ATEMPORAIS

ELIZABETH HERMANSON³¹

Ao fazer psicanálise hoje, em tempos cibernéticos, constatamos que a excessiva fluidez da vida, expressa na fórmula tempo reduzido, mais espaço estendido, mais diminuição do intervalo entre demanda e satisfação, coloca-nos inúmeras questões tocantes à escuta do sofrimento psíquico e às ferramentas teóricas de que dispomos para tal.

Castração? Angústia? Como pensá-las em um “admirável mundo virtual”, lugar de fuga para o sujeito contemporâneo? Fuga do confronto com o real diante do fascínio fáustico do virtual?

As novas formas de expressão do sofrimento psíquico que, aliás, são sempre contemporâneas à sua época, nos apontam para uma crise de experiência de interioridade; há uma ausência de espaço de sedimentação psíquica pelo excesso de exposição e um sentimento de “permeabilidade” diante do outro, ou melhor, da imagem do outro. Como fica a pergunta *Che vuoi?* Estruturante da constituição subjetiva?

O que a experiência do encontro na tela e o retorno do encontro presencial nos traz como questões? O determinismo psíquico, postulado por Freud nos sustenta na nossa escuta nas diferentes modalidades?

Penso que a escuta do sofrimento psíquico nos exige sempre uma atuação singular, que oscila entre o instituído e o que pode vir a ser transformador na transferência.

O ponto nodal e imutável da psicanálise talvez seja, apesar das

³¹ Membro Associado da SPCRJ.

transformações impostas pelas contemporaneidades, o resgate ou a construção de singularidades em cada movimento, em cada ato ou palavra do analisando e do analista.

O imaginário se transforma, mas a condição de elegermos outro a quem nos dirigimos, a quem nos questionamos sobre nossos sintomas permanece.

As mídias digitais devem ser vistas como mais uma ferramenta possível e até mesmo necessária para não nos transformarmos em analistas anacrônicos.

O “INDIZÍVEL” POR TRÁS DO “INVISÍVEL”

ELIANE CAMPOS³²

O divã

A sensação de estar frente a frente com o analista é por si só intimidadora; afinal, o que eu posso falar aqui que pode comprometer minha existência? O que pode aparecer nesta fala que me descobre de maneira a não permitir que eu me encontre de novo?

Depois de algum tempo nessa convivência já me sinto segura para deitar no divã e entender que nesse lugar estou falando para mim mesma, sendo ouvida por um “outro”. Foi difícil perceber que ele não está ali a fim de me julgar, e sim na tentativa de ajudar a me conhecer melhor. Isso se traduz na segurança de que o olhar não é para a pessoa e sim para a “escuta”. Difícil a transição e o entendimento, mas quando acontece, é a clareza de que o processo de análise conforta mais do que me incomoda.

Atrás da tela

E agora? A pandemia me fez retornar ao primeiro encontro com o analista, cara a cara, sem nenhum filtro. A sensação é de nudez total, passou a ser olho no olho, ou melhor, olhos que procuram algo oculto não só no meu corpo, ambiente, sons que não

³² Membro Associado da SPCRJ.

existiam no consultório, interrupções e situações indesejadas dos dois lados. É isso mesmo? É o “novo normal”? Como me comportar diante dessa nova situação? Posso falar? Estou sendo ouvida? Meu analista está olhando para mim? Me enxerga?

Desligando a câmera funcionaria como um novo divã? Pode ser. Qual a sensação de falar de olhos fechados? Posso realmente falar tudo o que me vem à cabeça? E meu analista? Olha para onde nesse momento? Me escuta? Ou está vendo uma série, enquanto câmera desligada?

Relaxa, afinal é o que temos para hoje. Fala, e fala, e fala. Você me ouve? Está aí? A conexão ainda está de pé? Inimaginável no consultório, no máximo meu analista poderia tirar um pequeno cochilo e fingir que me ouve de olhos fechados. Preciso saber se está me ouvindo.

Ihhh, a conexão se perdeu, até onde será que ele me ouviu? Em que ponto a conexão se perdeu? Boa pergunta: temos uma conexão? Ele retorna e fala a última palavra que ouviu. Interessante, não me lembrava que tinha falado isso.

Enfim, não deixei de falar o que queria, o que precisava, a conexão foi restabelecida, talvez um outro tipo de conexão, em que a atenção flutuante está procurando o seu lugar. Onde o ambiente se faz muito mais presente do que em um consultório.

Não sabemos bem como trabalhar este tipo de interferência, mas funciona, afinal fez com que muitos que não tinham coragem de se aventurar em uma sessão de análise pudessem fazê-lo, pois as “distâncias” diminuíram e possibilitaram encontros onde não havia espaço para eles. Uma nova relação se abriu mudando a percepção de que podemos estar juntos, mesmo separados fisicamente, e estar presentes, mesmo não estando visíveis em carne e osso. Podemos falar mesmo estando “invisíveis”.

A PSICANÁLISE É VIRTUAL POR NATUREZA

GILDA SOBRAL PINTO³³

Diz Freud aos médicos em sua primeira Conferência das *Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise* (1915):

Na formação médica os senhores estão acostumados a **ver** coisas... Na psicanálise, ai de nós, tudo é diferente. Nada acontece em um tratamento psicanalítico além de um intercâmbio de palavras entre o paciente e o analista. O paciente conversa, fala de suas experiências passadas e de suas impressões atuais... O médico escuta, procura orientar os processos de pensamento do paciente, exorta, dirige sua atenção em certas direções, dá-lhe explicações e observa as reações de compreensão ou rejeição que ele, analista, suscita no paciente.

Pergunta-se: então é simplesmente falar? E Freud responde: “Palavras suscitam afetos e são, de modo geral, o meio de mútua influência entre os homens. Assim, não depreciaremos o uso das palavras na psicoterapia”.

Agora pergunto eu? De onde saiu a rigidez do que se convencionou chamar de *setting psicanalítico*, onde o paciente é obrigado a deitar no divã, o analista, fora dos seus olhos, não pode perguntar nem responder, não pode se manifestar, não pode SER, sempre PARECER uma figura despersonalizada, distante e “neutra”?

³³ Psicóloga pela PUCRJ. Psicanalista pela SPCRJ.

A pandemia serviu para muitos psicanalistas se verem obrigados a repensar essa regra e quebrar a rigidez desse *setting pré-fabricado* para continuar a atender seus pacientes. E deu certo. Por quê?

Porque a Psicanálise, com letra maiúscula, é um vir a ser contínuo que não se submete a nenhuma pré-programação, que não se enquadra em nenhum modelo técnico estereotipado, por ser o encontro entre duas pessoas em busca de algo que não se sabe direito o que é e nem onde encontrar.

A Psicanálise nasceu virtual, vive fora de padrões estáticos e assim permanecerá enquanto não nos tornarmos máquinas robotizadas.

O CELULAR, A TATUAGEM, O PET E A FECHADURA ELETRÔNICA

HELENA PERLI³⁴

Comprei uma fechadura eletrônica e caí de amores por ela, não mais chaves que travam, que se perdem, que demoram uma eternidade para serem achadas, na bolsa cheia de compras por cima da bolsinha, onde as guardava para não perdê-las.

Hoje aproximo minha digital e a porta se abre. E se você for realmente do tipo prático, aproxima a digital do dedo na horizontal, assim você já em posse da maçaneta, nem tem que trocar de mão. É a tal de ergonomia que favorece.

Enfim, começo com esta explicação de uma das últimas tecnologias que mais me agradou e deixou feliz, pelo menos por enquanto. E ao relatar isso, quero dizer que tecnologias, inovações podem ser muito bem-vindas, mas não todas, nem todo o tempo e nem para tudo, e menos ainda para todos.

E aí vem a outra parte do título: o celular, a tatuagem e o pet... Da fechadura já falei. Reparei nisso em uma viagem que fiz a trabalho para Nova York. Por uma semana tive que pegar o metrô do Queens a Manhattan, e todos os dias ficava a observar e a admirar os personagens que por mim desfilavam no vagão em que estava. Ser turista a trabalho ou a passeio promove com mais facilidade a observância do entorno.

Foi assim que me dei conta, principalmente entre os jovens (de 15 a 40 anos), que a maioria estava tatuada, que havia um fone de ouvido e um celular em mãos sob o olhar atento quase que hipnotizado, e que muitas vezes um pet fazia parte da cena. Minha asso-

³⁴ Membro Associado da SPCRJ.

ciação quase que automática foi: me tatuo para me individualizar, o celular é meu meio de comunicação com o mundo e o pet é o meu afeto, o ser vivo com que interajo fisicamente.

E então a vida transcorre no virtual, pois até para se comunicar não se dá mais pela voz, mas sim por mensagens criptografadas, entre abreviações e emojis. Nesta dinâmica algo se ganha, mas se perde tanto. Perde-se inclusive o ato de observar, *voyeur* ou não, mas de poder olhar ao redor, de ver onde estou, com quem estou, mas, o mais importante, de não me tornar uma ilha isolada, uma bolha em relação a tudo o que me cerca.

Finalmente, depois desta introdução, entro no tema análise on-line (virtual?) *versus* presencial. A análise on-line pode ser muito útil, (quase que como uma fechadura eletrônica) em determinadas situações. Mas a presencial tira o paciente de sua bolha, faz com que ele se desloque por um trajeto que toma tempo; faz com que o paciente entre em um recinto diferente, com outro cheiro, onde outros sentidos irão invadi-lo. O analista, por sua vez, também vai ser invadido por outros cheiros, este que é um dos nossos sentidos mais primários, o olfato. Antes mesmo da visão, o bebê sabe procurar o bico de seio da mãe pelo cheiro, feito uma toupeira. Mas não é só o cheiro, o próprio trajeto que leva a ida ao consultório ocupa um espaço e tempo, que tira da rotina rápida dos outros afazeres. Que se contrapõe à rapidez de entrar e sair do on-line, onde não se dá o tempo para assimilar o que acaba de acontecer no *setting*. E, justamente, não é o tempo uma das maiores questões nas angústias dos pacientes que chegam ao analista?

Seremos os analistas mais um *app* no celular? Ou podemos, devemos ser o contrário do *app*? Não é o automático que nos permite acessar o inconsciente e sim o que fura, o que faz emergir, o inconsciente do automático.

Presencial é bom sim, on-line também, mas como opção para quando não for possível o presencial e por um tempo determinado. Fechaduras eletrônicas ajudam a “abrir portas” no dia a dia, mas não são analistas. Afinal, são outras as “portas” que os analistas e analisandos querem abrir.

E ainda assim tudo pode mudar com o advento da inteligência artificial, este novo mundo desconhecido que estamos a criar.

QUANDO “LONGE É UM LUGAR QUE NÃO EXISTE”³⁵

HELOISA PEIXOTO³⁶

São muitas as transformações socioculturais, políticas, econômicas, morais e científicas ocorridas na sociedade nos últimos tempos. Estamos presenciando uma mutação histórica nos modos de ser e estar no mundo. Transformações que vêm se engendrando há algumas décadas e que culminaram no desenvolvimento das novas tecnologias que refletem o modo de ser do indivíduo e, ao mesmo tempo, provocam mais mudanças.

O *modus vivendi* contemporâneo seria o mundo virtual, propiciado pelas novas tecnologias digitais e pela Internet. E, neste sentido, a subjetividade do homem contemporâneo não tem como não ser influenciada por essa nova realidade.

O conceito de intimidade, de espaço público e privado mudou radicalmente. E isso, no que tange ao nosso ofício de psicanalistas, querendo ou não, nos apresenta sob outra perspectiva o enquadre analítico.

A pandemia nos impôs essa condição de forma extremamente real. O fato de estarmos conectados aos nossos pacientes através de uma tela de computador trouxe mudanças quanto às referências espaciais para sempre, indicando-nos uma amplificação do binômio espaço/tempo.

³⁵ Referência ao livro de Richard Bach. BACH, R. *Longe é um lugar que não existe*. Rio de Janeiro: Record, 1979.

³⁶ Membro psicanalista da SPCRJ.

O conceito de longe e perto mudou não só objetiva como também subjetivamente. A realidade nos apresentou um desafio jamais previsto e que, a duras penas, fomos obrigados a nos render e a responder.

E hoje, passada a experiência de revermos posições, tempos e espaços possíveis para a prática da jornada à qual nos dedicamos, fica a questão: LONGE é instância espacial ou temporal?

PSICANÁLISE E VIRTUALIDADE: LIMITES E POSSIBILIDADES – UM BREVE COMENTÁRIO SOBRE ATENDIMENTOS REMOTOS

MARILUCIA RODRIGUES³⁷

No meio de uma tragédia, busca-se criar possibilidades de superação, abrir novas brechas para a novidade entrar. De tempos em tempos, somos testados e as circunstâncias nos remetem à nossa finitude. A natureza é impiedosa, e nos impõe reveses de toda ordem, destituindo-nos de nossa arrogância.

Recentemente, fomos instigados a recolher nossa onipotência diante de um ser minúsculo que ceifou milhares de vidas em todos os cantos do planeta. A perplexidade pela letalidade do vírus em questão e pela velocidade de sua propagação afetou e abalou a todos, porque um futuro redentor estava, inicialmente, longe da realidade. Estou me referindo ao coronavírus. Tão pequeno e tão letal!

Neste cenário sombrio, a comunidade científica fez uma aposta ativa na fabricação de vacinas. Era uma verdadeira força motriz os esforços dos cientistas para produzi-las, apesar do movimento negacionista que o mundo, espantado, viu florescer. Mas a ciência, como se viu, fez a sua aposta para além do bem e do mal, fabricando as vacinas que permitiram, gradativamente, o controle da pandemia. Um esforço hercúleo!

O mundo corporativo estimulado pela baixa produtividade, investiu no expediente home office, um alargamento de perspectiva que veio a se revelar eficiente. Uma estratégia, complexa, porém eficiente. E nós, da área Psi? Precisávamos buscar alternativas, porque ficarmos isolados não era uma opção. Surgiu, então, a possibilidade do atendimento remoto/virtual. É fato que essa

³⁷ Psicóloga e membro psicanalista da SPCRJ.

modalidade de atendimento já era praticada por alguns psicanalistas, cujos analisandos moravam em outras cidades, outros países, etc., e o atendimento remoto se fazia necessário nesse contexto. A maioria dos terapeutas, no entanto, atendia de forma presencial em seus consultórios. Por essa razão, precisávamos lidar com a inesperada novidade, fora do nosso enquadre psicanalítico habitual. Apesar das inúmeras ressalvas, fez muito sentido pensar, naquele momento, no conceito de elasticidade da técnica desenvolvido por Ferenczi. Com essa compreensão, ficou clara para nós psicanalista, a necessidade de termos uma escuta apurada e uma atenção flutuante afinada.

Naquele momento pandêmico, Figueiredo (2020) ressaltava que o atendimento remoto e sem imagem era uma condição muito pertinente para pacientes neuróticos, pois se aproximava do *setting* poltrona-divã, criando aquela condição de cegueira artificial preconizada por Freud e endossada por Bion.

Na modalidade de terapia remota, adotada pela maioria dos terapeutas, verificou-se haver condições favoráveis para se trabalhar a resistência, a transferência e outros elementos pertinentes, tanto ao analisando quanto ao analista. Pôde-se atender, em larga escala, pacientes de outros espaços geográficos, sem prejuízo do trabalho no campo psíquico.

Hoje, estamos retomando o atendimento presencial. Curiosamente, muitos pacientes não desejam retornar a essa modalidade, seja pela comodidade do tempo, do deslocamento, dentre outras circunstâncias, ou seja, por fatos que exijam cuidados no exame da questão. Cada analisando é um caso. Observo também que dentre aqueles que ingressam na jornada psicanalítica neste momento, muitos preferem o atendimento presencial. São várias configurações, levando-se em conta a vivência de cada um. Toda essa movimentação dentro do *setting* se faz válida para o exercício do nosso ofício. Esta é a minha experiência atual que eu quis compartilhar com os leitores.

Referência

FIGUEIREDO, L. C. A virtualidade do dispositivo de trabalho psicanalítico e o atendimento remoto: uma reflexão em três partes. *Cadernos de Psicanálise –CPRJ*, v. 42, p. 61-80, 2020.

RESENHAS

NO BRASIL, A ATUALIDADE DA PSICANÁLISE

REIS, E. S.; GONDAR, J. *Com Ferenczi – O coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*. São Paulo: Zagodoni, 2022.

ALEXANDRE ABRANCHES JORDÃO³⁸

A comunidade psicanalítica carioca, particularmente aquela parcela mais simpática às ideias e às proposições de Sándor Ferenczi, encontrou-se na Livraria da Travessa em setembro do ano passado para a noite de autógrafos de Eliana Schueler Reis e Jô Gondar por ocasião do lançamento de seu mais recente livro: *Com Ferenczi – o coletivo na clínica: racismo, fragmentações, trânsitos*. A atmosfera descontraída alimentada pela grande quantidade de encontros afetuosos de antigos e novos conhecidos tornou a espera, na enorme e demorada fila para as dedicatórias, uma tarefa não somente menos penosa, mas assaz agradável; verdadeiramente prazerosa.

Foi este mesmo prazer, acompanhado de sentimentos de profunda admiração, que esteve presente durante toda a leitura do livro. Acima de tudo, a imensa satisfação de acompanhar a qualidade, a atualidade e a vitalidade da Psicanálise que surge da prática clínica e da produção intelectual de ambas as autoras. Satisfação também de constatar o quanto nós, psicanalistas brasileiros, alcançamos – já há muito tempo, é verdade – um lugar de vanguarda no

³⁸ Psicanalista, Presidente da SPCRJ, doutor em Teoria Psicanalítica (UFRJ), membro do Grupo Brasileiro de Pesquisas Sandor Ferenczi.

cenário psicanalítico mundial. No que toca à recente obra de Eliana e Jô, uma demonstração cabal da atualidade e da relevância da psicanálise – tanto em seu aspecto clínico quanto teórico – neste mundo distópico de início de Terceiro Milênio. E do quanto Ferenczi é um valioso companheiro de jornada nesta iniciativa.

Essas observações iniciais servem somente para contextualizar uma dificuldade particular à produção desta resenha: o que dizer além de simplesmente recomendar veementemente a leitura desse livro? Acompanhada de outra, também de imensa importância: como fazer desta resenha algo distinto tanto de um mero desfile de elogios quanto de uma simples apresentação sumária dos capítulos que compõem a obra? A resposta, que acabou por orientar o comentário que agora apresento publicamente, foi personalizar a empreitada e me deixar guiar pelas afetações que o livro produziu em mim.

Em primeiro lugar, é extremamente gratificante acompanhar a coragem, a sensibilidade e o rigor conceitual com que as autoras fazem dialogar os mais diferentes autores e como os aproveitam não somente no exame pormenorizado de noções ferenczianas, mas – principalmente – como os utilizam para ampliar os horizontes teóricos de tais noções e alargar as fronteiras de sua aplicabilidade clínica e social. Autores tanto brasileiros quanto estrangeiros. Assim, além de Ferenczi e Freud; Frantz Fanon, Muniz Sodré, José Gil, Gilles Deleuze, Winnicott, Masud Kahn, Hannah Arendt, Tisseron, Roussillon, Walter Benjamin, Felix Guattari, Daniel Stern, Barthes, Derrida, Fédida, o recente trabalho de Adriana Pereira sobre os sonhos na pandemia, ou o excelente capítulo de Leonardo Câmara, Regina Herzog e Fernanda Canavêz que explora as implicações entre corpo e linguagem. Enfim, uma lista infundável.

O rigor teórico-conceitual é o que permite lançar mão de autores tão diversos, muitos de campos alheios ou distantes da psicanálise, e fazê-los conversar entre si na produção de um debate intelectualmente sério, propositivo e inovador. A questão é que isto só se consegue quando se faz acompanhar de coragem e sensibilidade.

Coragem, sensibilidade e rigor são o que se depreende da leitura de cada um dos 15 capítulos desse livro. Definida como aquilo que “reside na nossa capacidade de agir, apesar do medo” (GON-

DAR, 2022, p. 68), a coragem das autoras é particularmente impactante nesse livro. Coragem de falar de temas difíceis, incômodos e, para muitos, indesejáveis (como racismo ou questões de gênero); de enveredar por assuntos muitas vezes desprezados ou ativamente recusados no campo psicanalítico (como os aspectos políticos tanto da clínica quanto da própria produção teórica psicanalítica e suas implicações sociais); de retomar, tanto no campo conceitual quanto clínico, práticas e técnicas há muito amaldiçoadas no nosso meio (a noção de mutualidade, por exemplo). Para que essas ousadias deem frutos, como podemos colher na leitura desse livro, precisam necessariamente aliar a coragem, o enfrentamento do medo ao rigor teórico – que nos permitirá evitar aproximações indevidas e conclusões enviesadas – e à sensibilidade, aqui parceira de primeira hora da humildade. Isto se depreende da própria estrutura de formatação do livro.

O capítulo de abertura dita o tom dos demais capítulos que o seguirão. Corre todos os riscos inerentes à tarefa potencialmente desastrosa de tratar do racismo – particularmente do racismo no Brasil – sendo as autoras mulheres brancas. Claro que é preciso coragem, de saída, para enfrentar este desafio. Ao fazê-lo, é o rigor teórico que garante um mínimo de coerência e prudência às conclusões possíveis. Mas a relevância destas considerações só é alcançada devido à extrema sensibilidade das autoras tanto no manejo clínico dos efeitos traumáticos do racismo sobre pessoas pretas que se encontram em atendimento psicanalítico, quanto no exame conceitual que levará à proposição da noção de clivagem como ferramenta metapsicológica primordial para entendermos os efeitos do racismo sobre os indivíduos (pretos ou não) e sobre a sociedade como um todo.

É também na comunhão de coragem, rigor conceitual e sensibilidade que acompanhamos a retomada do tema da temporalidade, agora sob o aspecto do ritmo e seu papel na constituição e no funcionamento subjetivos, por Jô Gondar. Ritmo como fundamento da individualidade potente e criativa e pedra de troca nas transações afetivas entre indivíduos, que pode, também, ser anulado através de uma cristalização paralisante em formas de existência e relação com o outro ditadas traumáticamente por um ambiente

intrusivo, gerando indivíduos autômatos, facilmente impressionáveis e manipuláveis. Pura política!

A sensação que fica da leitura desse belíssimo livro, acima de tudo o mais, é que estamos diante de duas grandes psicanalistas, no mais pleno sentido do termo. E de seu imenso compromisso com o fazer psicanalítico, tanto na clínica quanto fora dela. Também se fica com a impressão de que estamos diante de um ato de enorme generosidade, por compartilhar conosco algo que, tantas vezes, é tão íntimo e particular.

Assim como faz Julio Verztman, na belíssima apresentação do livro, termino esta resenha com um convite/recomendação: leiam o livro e deixem-se afetar por ele. Vale a pena!

SEGREDOS QUE ADOECEM: UM ESTUDO PSICANALÍTICO SOBRE O CRÍPTICO ADOECIMENTO SOMÁTICO NA DIMENSÃO TRANSGERACIONAL

AZEVEDO, M. M. A. *Segredos que adoecem: um estudo psicanalítico sobre o críptico adoecimento somático na dimensão transgeracional*. Curitiba: Appris, 2021. p. 151.

CAROLINA DE OLIVEIRA SILVA CHATAK³⁹

Marcia Azevedo constrói sua obra dialogando com autores como Winnicott, Freud, Lacan, Klein, Torok, Aulagnier, Ferenczi, André Green, Kaes entre outros referenciados.

Seu livro foi publicado em 2021 e traz um olhar sobre uma clínica dos vazios, da cripta, lugar no qual não há uma representação possível do que foi passado de forma transgeracional. Junto a segredo e a lutos não elaborados encontramos um sujeito aderido, exposto e com seus limites muito mal delimitados, sofrendo um adoecimento diferente das neuroses tradicionais freudianas. Isso, por não haver uma representação possível para os silêncios e os hiatos que surgem nessa clínica.

O livro em questão é dividido em seis partes: a primeira é a introdução; a segunda parte fala sobre o conceito de mitos e fantasma na transmissão psíquica transgeracional; a terceira parte fala sobre o conceito de cripta e a construção desta nos sujeitos; a quarta parte trata do adoecimento do encriptado. A quinta parte

³⁹ Membro associada da SPCRJ.

fala sobre o manejo clínico e exemplifica os conceitos abordados anteriormente com alguns de seus casos clínicos. Já a sexta parte do livro são as considerações finais.

Conforme é possível observar durante a leitura, de forma resumida, a autora reforça que um contexto favorável ao complexo de Édipo, e o seu declínio, dará as possibilidades de transformações libidinais e identificatórias, o que permite uma projeção de tempo futuro (AZEVEDO, 2021). Porém, sem processos psíquicos que favoreçam essa organização espacial – passado e futuro – poderá haver um comprometimento no desenvolvimento do eu, e é nisso que a transmissão psíquica está envolvida.

Quando uma mãe se vê detentora do saber sobre seu filho, sem lhe dar espaço para construir um próprio discurso, é onde poderá haver um problema, pois, segundo a autora, a criança não tem, nesses casos, espaço para construir um discurso próprio.

O “não” primordial também é fator relevante nessa discussão trazida por Azevedo (2021). A partir da renúncia à crença de poder ser o objeto de desejo da mãe, a criança poderá criar uma autonomia, ou seja, falar em nome próprio. Quando há uma ausência deste “não”, os limites ficam vagos e, daí, poderá surgir uma identificação projetiva. Nesse caminho poderá existir um contrato alienante em forma de pacto, o que permitiria que o “não dito” transgeracional da família surgisse como sombra. Com isso, o corpo passa a ser o veículo e a fronteira, porosa, para esse “não dito”.

No processo de integração da criança, a autora afirma, em sua discussão, que é somado ao discurso o olhar e o cuidado do meio. Assim como também a sensorialidade, o afeto do investimento do entorno, os dramas e as relações familiares. O adoecimento somático estaria ligado aos vazios presentes nessa transmissão psíquica. O conceito de cripta tem o significado de escondido/oculto e refere-se ao conteúdo inconsciente não elaborado da mãe que seria implantado no inconsciente infantil. Para pensar sobre essa implantação, Azevedo (2021) recorre a Winnicott e aos conceitos de introjeção e incorporação. Na introjeção haveria uma apropriação de sentido, ou seja, o sujeito rearruma os sentidos a partir de algo que recebe. Na incorporação há uma lacuna no psiquismo, não havendo espaço para apropriação de sentido. Não há linguagem para nomear.

A implantação é um processo de violência e fixidez com que a cripta se constrói no psiquismo infantil e esses conteúdos traumáticos inconscientes interferem na capacidade representacional do sujeito. É um vácuo psíquico, um vazio isolado no psiquismo que pode ser silencioso, pode ser brutal. O adoecimento acaba sendo uma forma de se separar desse morto que foi projetado no filho em questão. Este carrega lutos não elaborados dessa família.

O adoecer na cripta revela uma dificuldade muito grande nas fronteiras internas e externas; os vínculos são marcadamente indiferenciados e ambivalentes (salvadores e destruidores). O elemento de ligação pulsional está para além da revelação do segredo, deverá ser um processo de construção de ligações intermediárias, de uma linguagem carregada de sentido.

É um processo que difere dos neuróticos, tanto da neurose obsessiva quanto da neurose histérica, já que na neurose há o recalque e a capacidade de representar está presente. O que retorna do recalque retorna sob a forma de sintoma. Já no caso do somatizador na cripta, a função simbólica está comprometida. Há uma inexistência de palavras para construir um sentido pessoal.

Nesse caso, há um sujeito aderido a uma história indiscriminada; impasses inerentes ao objeto – que funciona como uma prótese psíquica – serão transformados em impasses que podem vir a projetar uma falsa estabilidade para o eu. Não há o espaço necessário entre sujeito e objeto. Logo, o psiquismo da criança fica aderido à “prótese materna”, ou seja, o corpo próprio é sentido como corpo do outro.

Há no fronteiroço uma dificuldade representacional criada pelo objeto – assim como há uma não compreensão do externo e interno – o que leva a uma impossibilidade de pensar. O processo analítico devolve ao sujeito a capacidade de transformar em palavras aquilo que era inominável. Na análise, o sujeito constrói um filtro protetor que deveria ter sido construído nas suas relações primárias com suas figuras parentais. O analista, segundo Azevedo (2021), através da relação da transferência, vai sentir esse mal-estar, os hiatos, essas imagens e deve devolver para o paciente, para que a partir daí algo seja representado. O analista terá a função de prótese psíquica e deverá estar ciente de que precisará ter recursos

psíquicos para lidar com um processo de análise de seu analisando que envolverá a presença do desconforto, podendo ser até físico. Será função do analista promover com a continuidade, constância da análise, o *holding*, dar contorno e também envolverá a função de espelho.

A clínica a qual Azevedo (2021) nos apresenta, citando diversos autores, entre eles Ivanise Fontes, que trabalha com a psicanálise do sensível, é uma clínica de pré-história dos analisandos, é uma clínica que vai trabalhar com um dos aspectos mais pré-históricos desses analisandos: a sensorialidade. Já que quando ainda não havia a palavra, não havia o simbólico, nem a capacidade de representar, ainda assim havia um corpo que percebia o mundo através da percepção sensorial.

Como analistas e futuros analistas, é sempre importante ler os autores consagrados da psicanálise, que não deixam de ser atuais, porém, é importante também ler o que a clínica atual traz de questionamentos. Ou seja, o que pode ser repensado, construído, e até reconstruído nessa clínica que se apresenta sempre demandante de muito estudo e discussão. Pois a clínica requer sempre um olhar atualizado, visto que cada paciente é um mundo novo, cada paciente possui uma subjetividade a ser tratada com muito cuidado por seu analista.

O livro em questão é um livro que traz uma discussão muito relevante para a psicanálise contemporânea. Este trabalho, ou melhor, esta resenha abordou de forma resumida um pouco do que o leitor poderá encontrar ao se aprofundar na leitura do livro: *Segredos que Adoecem*, de Marcia Maria dos Anjos Azevedo.

NORMAS PARA ENVIO DE ARTIGO PARA PUBLICAÇÃO

Cadernos de Psicanálise – SPCRJ

O artigo, *inédito*, deverá ser enviado, dentro do prazo estabelecido para:

biblio@spcrj.org.br

Orientações gerais

- Os trabalhos devem ter **entre três e dez** laudas, formatadas em:
 - papel A4, letra Times New Roman 12, espaço entre linhas 1,5cm; alinhamento justificado.
 - margem esquerda com 3,0 cm e direita com 1,5 cm;
 - margens superior e inferior com 2,5 cm;
 - títulos e subtítulos em **negrito**, com **maiúscula** apenas na primeira letra (título em Inglês e Português ou Português e Francês, em **negrito** e **itálico**).
- A **Folha de Rosto** deve conter o título do trabalho e o nome do autor e sua qualificação, e e-mail.
- O **Resumo** deve conter **apenas** o **título do trabalho** (em português e, logo abaixo, em inglês ou francês seguido do idioma em português), **resumo** (cerca de 5 linhas) e **palavras chave**, *abstract* e *keywords*, e ainda, a **data do envio do artigo**.
- As folhas internas devem estar numeradas e **sem qualquer informação que possibilite a identificação do autor**; apenas a primeira folha deve conter o título do artigo.

- Palavras estrangeiras e tudo que se quiser destacar devem estar em *itálico*; **nenhuma outra forma de destaque deve ser usada no corpo do texto.**
- Devem ser utilizadas **notas de rodapé**, com algarismos em arábico.
- Citações literais, diretas, de até 3 linhas devem estar contidas entre aspas duplas. As aspas simples são utilizadas para indicar citação no interior da citação.
- Citações literais, diretas, com mais de 3 linhas, devem ser destacadas, sem aspas, com recuo de 4 cm da margem esquerda, alinhamento **justificado**, **fonte tamanho 11** e **espaço simples** entre linhas.

Orientações quanto à forma de redação das ‘REFERÊNCIAS’:

Elaboradas de acordo com as normas da ABNT (NBR 6023 ago./2018; 6021 /2015; 6022 maio/2018), devem constar no final do texto, em ordem alfabética de sobrenome, com espaço simples entre as linhas, e 1,5 cm para a separação entre as referências.

Exemplos:

- **Um autor (sobrenome em maiúsculas e prenomes, abreviados ou não, e o título grafado em itálico; o subtítulo, não. Somente a primeira letra do título em caixa alta).**

BAUMAN, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- **Dois e/ou três autores (nome e sobrenomes – abreviados ou não – dos autores, separados por ponto e vírgula):**

BOTELHO, J. E.; CARNEIRO, M. P. F. O estranho passageiro. In: JORNADA DE PSICANÁLISE DA SPCRJ, 5. 2002. Rio de Janeiro. *O primitivo e o psiquismo*. Rio de Janeiro: SPCRJ, 2002. p. 19-25.

- **Quatro ou mais autores, convém indicar todos. Permite-se que se indique apenas o primeiro, seguido da expressão *et al.***

URANI, A. et al. *Constituição de uma matriz de contabilidade social para o Brasil*. Brasília: IPEA, 1994.

TAYLOR, R.; LEVINE, D.; MARCELLIN-LITTLE, D.; MILLIS, D. et al. *Reabilitação e fisioterapia na prática de pequenos animais*. São Paulo: Roca, 2008.

- **Autor-Entidade**

SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Trabalhos apresentados na Jornada Interna*. Rio de Janeiro: SPCRJ, 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. *Catálogo de teses da Universidade de São Paulo*, 1992. São Paulo: USP, 1993. 467 p.

- **Capítulo e/ou artigo de livro:**

BIRMAN, J. Uma dívida impagável. In: ARAÚJO, M. C. de; MAYA, M. C. B. B. (Org.). *Neurose obsessiva*. Rio de Janeiro: Letter, 1992. p. 49-106.

- **Artigo em periódico científico:**

GURGEL, C. Reforma do Estado e segurança pública. *Política e Administração*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 15-21, set. 1997.

- **Capítulo de livro com indicação da data de edição original:**

FERENCZI, S. Elasticidade da técnica psicanalítica. In: _____. *Psicanálise IV*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 25-36. (Obras completas, 4.) (Trabalho original publicado em 1928.)

FREUD, S. Feminilidade. In: _____. *Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise e outros trabalhos* Rio de Janeiro: Imago, 1976.p 139-165. (Edição *standard* brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 18.) (Artigo original publicado em 1920.)

- **Trabalho apresentado em evento (Congresso, Jornada, Seminário):**

VETTER, I. C. L. Aspectos técnicos no tratamento psicanalítico da depressão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICANÁLISE, 1., 1969, Caxias do Sul, RS. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 3, n. 1-2, p. 49-75, 1969.

- **Dissertação e/ou tese:**

ARAUJO, U. A. M. *Máscaras inteiriças Tukúna*: possibilidades de estudo de artefatos de museu para o conhecimento do universo indígena. 1985. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, São Paulo, 1986.

- **Compiladores, Editores e/ou Organizadores: (Comp.), (Ed.), (Org.):**

CHEMAMA, Roland (Org.). *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Francisco F. Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

- **Nos documentos em formato eletrônico, ao final da referência, acrescentar:**

Disponível em: (site) [www.....](#) Acesso em: (data).....

Caso necessário, sugerimos consultar:

FRANÇA, Junia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2019.

Capa

Renata Fontanive

Diagramação

Michelle Freitas

Revisão Ortográfica

Marta D. Claudino

Produção Gráfica

Zagodoni Editora

Exemplares de números anteriores
podem ser adquiridos diretamente na secretaria da SPCRJ:
R. Barão de Ipanema 56 – conj. 801 – Copacabana
Rio de Janeiro/RJ – CEP 22050-032
Tel./Fax (21) 2239-9848 / 2512-2265

Visite nosso site:
www.spcrj.org.br